

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

AS EXPRESSÕES DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO INTELECTUAL
EM REVISTAS INTERNACIONAIS DE TEORIA SOCIAL

Matheus Almeida Pereira Ribeiro

Brasília, 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

AS EXPRESSÕES DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO INTELECTUAL
EM REVISTAS INTERNACIONAIS DE TEORIA SOCIAL

Matheus Almeida Pereira Ribeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPG-SOL) da Universidade de Brasília (UnB), para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Brasília, março de 2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AS EXPRESSÕES DA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO INTELECTUAL
EM REVISTAS INTERNACIONAIS DE TEORIA SOCIAL

Autor: Matheus Almeida Pereira Ribeiro

Orientador: Doutor Marcelo Carvalho Rosa (UnB)

Banca: Prof. Doutor João Marcelo Ehlert Maia (CPDOC)
Prof. Doutor Joaze Bernardino Costa (UnB)
Prof. Doutor Sérgio Barreira Tavolaro (UnB) - Suplente

“Minha última prece: ó meu corpo, faça de mim um homem que questiona”

Franz Fanon

AGRADECIMENTOS

À minha irmã Rebeca pelo companheirismo e carinho. Você me proporcionou momentos de felicidade e descontração que foram fundamentais durante o período de escrita deste trabalho.

Aos meus pais Edvan e Margareth por serem pessoas de fibra. Nos momentos de fraqueza eu revisitei suas histórias de vida. Encontrei resiliência, caráter, força e honestidade. Sou fruto dessas histórias. Sou forte porque carrego suas histórias dentro de mim.

Aos amigos do grupo de pesquisa “Sociologia Não-Exemplar” que contribuíram com a minha formação, orientando-a para uma leitura crítica e não submissa da produção sociológica. Agradeço profundamente à Natália Adriele, Camila Penna, Rogerio Giugliano, Natalia Cabanillas, Joaquim Pinheiro, Mallu Muniz, Eryka Galindo e Jean Michel. Vocês me ajudaram a dar os primeiros passos dessa dissertação, valorizando minhas reflexões iniciais sobre o tema. Sinto que em cada palavra que escrevi neste trabalho carrega parte de nossas experiências juntos.

A todos os meus amigos que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis. Andresa, Arturzinho, Lucas Almeida, Lucas Martins, Ladeira, Antônio, Bruna Alencar, Gabriela Costa, Maysa, Rodolfo, Talles, Tiagão da Massa, Wanderson e Wermeson. Em vocês, encontrei ouvidos e corações abertos, além de exemplos de força, inteligência e determinação. Me orgulho de ter pessoas tão grandes ao meu lado.

Agradeço imensamente ao professor Marcelo Rosa. Ainda me lembro da nossa primeira reunião. Eu buscava uma oportunidade de caminhar na direção de um sonho, um sonho que eu ainda não compreendia muito bem. Você acreditou no meu sonho e têm me ajudado a realiza-lo. Palavras não podem exprimir a gratidão que tenho pelos frutos que essa parceria proporcionou à minha vida.

Por fim agradeço a pessoa que me permitiu ter orgulho de quem eu sou. Adália você viveu com intensidade todos os momentos dessa produção. Cada palavra escrita neste trabalho carrega sua entrega para a construção da nossa vida como casal. Essa dissertação é fruto da nossa luta. Uma luta que você me ensinou a lutar. Me ensinou que doar-se pelo outro é o maior valor que podemos carregar na vida e que a felicidade não é produto da ambição, mas da certeza cotidiana de que quando amamos nunca estamos sozinhos. Se hoje tenho orgulho do que sou é porque enxergo dentro de mim o que aprendi com você.

LISTA DE SIGLAS

EJST – European Journal of Social Theory

TCS – Theory Culture and Society

ST – Sociological Theory

TS – Theory and Society

ISA – International Sociological Association

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Informações gerais dos periódicos (2015 – 2016)

Tabela 02: Frequência de Países em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)

Tabela 03: Frequência de Países em *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)

Tabela 04: Frequência de Países em *Theory and Society* (2000 – 2016)

Tabela 05: Frequência de Países em *Sociological Theory* (2000 – 2016)

Tabela 06: Frequência de Países por Grupo em Todas as Revistas (2000 – 2016)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em European Journal of Social Theory

Gráfico 02: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em Theory Culture and Society

Gráfico 03: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em Theory and Society

Gráfico 04: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em Sociological Theory

Gráfico 05: Frequência de publicações da Itália em European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 06: Frequência de publicações da Espanha em European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 07: Frequência de publicações do Chile em European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 08: Frequência relativa de Regiões no Tempo em European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 09: Frequência do Sul no Tempo em European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 10: Frequência relativa de Regiões no Tempo em Theory Culture and Society (2000 – 2016)

Gráfico 11: Frequência do Sul no Tempo em Theory Culture and Society (2000 – 2016)

Gráfico 12: Frequência relativa de Regiões no Tempo em Sociological Theory (2000 – 2016)

Gráfico 13: Frequência do Sul no Tempo em Sociological Theory (2000 – 2016)

Gráfico 14: Frequência relativa de Regiões no Tempo em Theory and Society (2000 – 2016)

Gráfico 15: Frequência do Sul no Tempo em Theory and Society (2000 – 2016)

Gráfico 16: Tipo de Objeto entre regiões European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 17: Tipo de Objeto entre países na European Journal of Social Theory (2000 – 2016)

Gráfico 18: Tipo de Objeto entre regiões Theory Culture and Society (2000 – 2016)

Gráfico 19: Tipo de Objeto entre países na Theory Culture and Society (2000 – 2016)

Gráfico 20: Tipo de Objeto entre regiões Sociological Theory (2000 – 2016)

Gráfico 21: Tipo de Objeto entre países na Sociological Theory (2000 – 2016)

Gráfico 22: Tipo de Objeto entre regiões Theory and Society 2000 – 2016)

Gráfico 23: Tipo de Objeto entre países na Theory and Society (2000 – 2016)

RESUMO

As ciências sociais têm acompanhado, desde a segunda metade do século XX, a emergência de um corpo de reflexões interessadas em denunciar as desigualdades globais inscritas na produção do conhecimento. As últimas duas décadas serviram de cenário para o crescimento de investidas críticas às estruturas de dominação intelectual no campo, as quais acompanharam o fortalecimento dos discursos que buscam narrativas alternativas ao eurocentrismo do *mainstream* sociológico. Na esteira dessas contribuições, reflexões que têm trabalhado com o conceito de divisão internacional do trabalho intelectual, ao trazerem a teoria para o centro do debate, produziram importantes subsídios para o estudo da geopolítica do conhecimento sociológico. Em meio ao número diverso de formas de expressões da divisão internacional do trabalho intelectual, foca-se, nesta dissertação, em um estudo a partir de revistas internacionais de teoria social. Para tal, foi realizada uma investigação com foco em quatro revistas de teoria com grande impacto no campo: *Theory, Culture and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Sociological Theory*; *Theory and Society*. Primeiramente a análise contou com o uso de técnicas quantitativas baseadas em estatística descritiva para analisar o perfil nacional e regional dos pesquisadores que publicaram nos periódicos entre os anos de 2000 e 2016, além do perfil nacional e regional dos membros de comitês editoriais. Em um segundo momento foi utilizada uma análise qualitativa do tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul Global em comparação com pesquisadores do Reino Unido. Estas técnicas permitiram ao pesquisador observar que as quatro revistas expressam, sob várias formas, elementos que caracterizam a divisão internacional do trabalho intelectual. Chegou-se a esta conclusão ao se notar: a baixa presença de intelectuais do Sul em número de publicações; o domínio dos comitês editoriais por intelectuais do Norte; a ausência de crescimento da participação do Sul Global durante os últimos 17 anos; e as diferenças entre o tipo de objeto pesquisado por intelectuais do Sul em comparação com pesquisadores do Norte. Argumenta-se, a partir dessas contribuições, que existe uma inserção periférica do Sul Global nos debates de teoria nas revistas analisadas, o que contribui para reprodução da hegemonia do Norte sobre a definição de agendas, conceitos, objetos e metodologias no campo das ciências sociais.

Palavras-Chave: Teoria, Divisão Internacional do Trabalho Intelectual, Sul Global, Geopolítica do Conhecimento.

ABSTRACT

Since the second half of the twentieth century, a body of work denouncing the global inequalities in the production of knowledge have emerged in the Social Sciences. In the last two decades, in particular, there has been a proliferation of critiques of the structures of intellectual domination associated with discourses that seek alternative narratives to the Eurocentrism that dominates Sociology. Reflections on the concept of international division of intellectual work, which brought social theory to the centre of the debate, have produced important subsidies for the study of the geopolitics of sociological knowledge. Inspired by this body of research, this dissertation consists of a study of international social theory journals. It focuses on four high-impact journals: *Theory, Culture and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Sociological Theory* and *Theory and Society*. Firstly, descriptive statistics were deployed to analyse the national and regional profile of the researchers who published in these journals between 2000 and 2016. Furthermore, these methods were also used to examine the national and regional profiles of the members of their editorial committees. Afterwards, a qualitative analysis was deployed to compare the research topics of the papers published by researchers from the Global South to those of British scholars. These techniques led to the following findings: a very small number of researchers from the South have published in the abovementioned journals; their editorial committees are dominated by scholars from the North; the number of publications by Southern researchers had no significant increase during the last seventeen years; and, finally, there are considerable differences in the research topics of the papers by Global South and Global North social scientists. As a conclusion, the Global South has a peripheral insertion in the social theory debates in these journals, which contributes to the reproduction of the North's hegemony in the definition of research agendas, concepts, topics and methodologies in Sociology.

Keywords Social Theory, International Division of Intellectual Labour, Global South, Geopolitics of Knowledge.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - Problematização Teórica do Objeto	23
CAPÍTULO 2 – Revistas de Teoria e Hegemonia Euro-Americana	49
1.1 Eixo 1 – O Perfil das Publicações.....	50
1.2 Eixo 2 – O Perfil dos Comitês Editoriais	67
CAPÍTULO 3 - Uma Internacionalização/Globalização Entre o Particular e o Universal	83
1.1 Eixo 1 – Desigualdade entre Regiões e Globalização/Internacionalização.....	84
1.2 Eixo 2 – Divisão Internacional do Trabalho Intelectual e Diferença entre Objetos de Estudo	109
CONCLUSÃO.....	126
BIBLIOGRAFIA	136

INTRODUÇÃO

A literatura das ciências sociais tem presenciado a emergência, mais especificamente nos últimos 50 anos, de um crescimento em movimentos intelectuais interessados em compreender e sublinhar as desigualdades globais na produção do conhecimento sociológico. Com maior ênfase nas últimas duas décadas, estas reflexões têm feito progresso em apreender e denunciar as assimetrias de matriz geopolítica que se fazem presentes no interior do campo sociológico, as quais se expressam, de forma aguda, nas desigualdades de produção e circulação do conhecimento.

Influenciados diretamente por discussões amplamente reconhecidas, que marcaram as décadas de 1950 e 1970, como os aportes de Franz Fanon e Aimé Césaire, sobre a experiência dos sujeitos colonizados, e a contribuição da teoria da dependência (CARDOSO e FALETO, 1969), estes movimentos têm impactado o debate contemporâneo da disciplina. Em suas reflexões, têm-se reforçado a maneira como importantes fundamentos teórico-metodológicos, que estruturam o modo de se pensar a atividade sociológica, se constituíram a partir da experiência colonial e carregam marcas dessa conexão umbilical no seu modo de compreender a realidade social (CONNELL, 2007). Elementos como o eurocentrismo (PATEL, 2009) e o orientalismo (SAID, 1979), presentes em obras e análises prestigiadas pelo campo, que vão desde as contribuições dos “pais fundadores” até aquelas de autores mais contemporâneos, são levantados como pontos que revelam a imbricação entre o centro de produção da disciplina e formas de enxergar a realidade social herdeiras do colonialismo (CONNELL, 2007).

A exclusão, entre os cânones, de pontos de vista que partam de experiências sociais para além da Euro-América¹, também é fator a partir do qual uma série de tensionamentos intelectuais têm emergido. Reflexões que atuam nesta linha afirmam a necessidade de uma releitura da própria história da disciplina. Segundo tais correntes, contribuições teóricas de autores da periferia, que produziram reflexões genuínas no campo da teoria social, no mesmo período que os clássicos europeus, também deveriam ser tratadas como parte importante da

¹ Como aponta Rosa (2014), a noção de “Euro-América” é utilizada por autores como Law (2004), Comaroff e Comaroff (2011) e Anzaldúa (Anzaldúa e Reuman, 2000). O termo circunscreve-se em uma tentativa de situar o Norte Global para além de países da Europa, agregando os Estados Unidos da América como um novo centro da produção de conhecimento e da própria geopolítica mundial.

história do pensamento teórico da sociologia (ALATAS e SINHA 2017). Ao tocarem elementos que estruturam diretamente a geopolítica do conhecimento das ciências sociais, esses aportes abrem espaço para rearranjos das estruturas do campo, a partir dos quais emergem projetos de ruptura com o centro (MIGNOLO, 2014), ou não (BURAWOY, 2010b).

Entre essa gama de contribuições podem-se destacar as proposições das sociologias indígenas (AKIWOWO, 1999) e endógenas (ALATAS, S. H. 2000); a decolonialidade (DUSSEL, 2000), (QUIJANO, 2000) e (MIGNOLO, 2003); as discussões sobre as sociologias do Sul (SANTOS e MENESES, 2007), (COMAROFF e COMAROFF, 2011); e as sociologias subalternas e pós-coloniais (GUHA, 1982), (CHAKRABARTY, 1992), (SPIVAK, 2010) e (GO, 2013). Todavia, é importante destacar que a despeito da relativa consonância intelectual nessas abordagens, em se tratando da denúncia das desigualdades na produção e circulação do conhecimento sociológico, tais investidas – que poderíamos agrupar sob a denominação do que Alatas S. F. (2010) chamou de “discursos alternativos” –, se compõem de movimentos intelectuais bastante heterogêneos. Significa dizer, assim como Bringel e Domingues (2015), que essas proposições de alto teor crítico “também são diversas e partem de pressupostos teórico-metodológicos distintos que projetam interpretações diferentes sobre a modernidade, o legado do colonialismo e o papel da sociologia”. (BRINGEL e DOMINGUES, 2015, p.60).

Em paralelo com essas investidas, que criticam diretamente as condições desiguais de produção, circulação e recepção do conhecimento sociológico, – e também enquanto um esforço de diálogo e resposta – tem se fortalecido a discussão acerca das condições de internacionalização e globalização da sociologia. Este debate tem sido um dos principais focos da Associação Internacional de Sociologia (ISA), que mais recentemente acompanhou as publicações de Burawoy, Chang e Hsieh (2010) sobre os impasses à produção sociológica no mundo e a série de livros “*The ISA Handbook of Diverse Sociological Traditions*” editados pela intelectual indiana Sujata Patel. Essa produção, a partir de um projeto de fortalecimento das tradições nacionais, tem reforçado a necessidade de construir uma sociologia que comporte a experiência social para além do Norte² e que seja de fato capaz de comportar o rótulo e o projeto

² A dicotomia Sul-Norte global, tem sido utilizada em trabalhos como os de Santos (2007), Comaroff (2012), Connell (2006) e Rosa (2014), e mantém sentido paralelo ao de classificações como periferia-centro ou primeiro e terceiro mundo. Entende-se por Norte as regiões do mundo, em sua maioria localizadas no eixo Euro-Atlântico

de uma “Sociologia Global” (BURAWOY, 2010b).

Essas discussões são acompanhadas e compartilhadas também por sociólogos do Sul Global³, os quais apontam a posição marginal ocupada pelos intelectuais de suas regiões no interior do debate internacional e defendem propostas que permitam a construção de uma sociologia mais plural⁴. Entre as apropriações que tem trabalho neste sentido, podem-se destacar apontamentos acerca: dos impasses à internacionalização a partir de línguas que não são o inglês (HANAFI, 2014), (ORTIZ, 2016); das condições para a ruptura com o modelo assimétrico de divisão internacional do trabalho intelectual (MARTÍN, 2013); e da construção de reflexões teóricas capazes de dar sentido às experiências sociais fora da Euro-América (ROSA, 2016).

Em meio a este campo fecundo em reflexões críticas, que discutem desde a história da disciplina, até estruturas sobre as quais ela repousa hoje e o papel destas à reprodução de desigualdades entre centro e periferia, pode-se destacar as contribuições acerca da divisão internacional do trabalho intelectual. Reflexões de autores como Hussien Alatas, Syed Alatas, Raewyn Connell e Paulin Hountondji, têm suscitado, nos últimos anos, a importância deste fenômeno à compreensão das lógicas de produção do conhecimento nas ciências sociais hoje, apontando sua forma de atuação global e seu caráter geopolítico, que definem e hierarquizam saberes, seres, objetos e intelectuais ao redor do mundo.

As contribuições sobre a divisão internacional do trabalho intelectual têm permitido aos pesquisadores das ciências sociais observar como a divisão global entre aqueles que produzem teoria e a os que apenas trabalham com pesquisa empírica, tem raízes na experiência colonial e, mais do que isso, estrutura e reproduz hierarquias entre centro e periferia no interior das ciências

(KEIM, 2008), que historicamente ocuparam, e ocupam, posições de poder no sistema-mundo capitalista, as quais, em sua maioria, possuíam os status de metrópoles coloniais entre os séculos XV e XX. Destacam-se nações como Reino Unido, França, Holanda, Alemanha, e Estados Unidos.

³ A noção de Sul Global utilizada aqui carrega o mesmo sentido que o termo “periferia” utilizado por Maia (2011). Entende-se por Sul Global, assim como periferia global, as “regiões do mundo localizadas fora do eixo do Atlântico Norte e que se constituíram de forma subordinada na divisão internacional do sistema-mundo capitalista. Em sua maioria essas regiões foram objeto de processos colonizadores europeus a partir do século XV” (MAIA, 2011, p.72)

⁴ Compreende-se enquanto características de uma sociologia mais plural a circulação mais equitativa entre regiões e países, de trabalhos, teorias e metodologias, além de uma descentralização dos centros de concentração de debates e produção.

sociais (ALATAS, 2003), (CONNELL, 2007), (HOUNTONDJI, 1997). Estes trabalhos oferecem às ciências sociais contribuições notáveis sobre a conexão entre a hegemonia intelectual de nações do Norte Global, no campo da teoria, e a experiência colonial. O colonialismo surge então, não só enquanto uma investida que permitiu o enriquecimento material das metrópoles, mas enquanto evento fundamental para a construção da representação de que o Norte é, por definição, o local de enunciação legítimo da teoria sociológica.

Mais do que isso, esses subsídios têm nos permitido compreender como padrões reproduzidos cotidianamente, como a tendência a pesquisadores da periferia trabalharem apenas com reflexões empíricas, operam, também, enquanto produtos de um legado histórico colonial (HOUNTONDJI, 1997). Apesar das mudanças históricas dos últimos séculos, a realidade pós-colonial da produção intelectual na periferia continuaria marcada pelo hábito da reflexão pouco audaciosa, focada em dados empíricos e descolada de pretensões generalistas. Esta condição remontaria ao papel que os informantes coloniais possuíam frente aos centros de produção das metrópoles, fornecendo dados sobre uma realidade a ser espoliada. A reprodução de padrões como estes permitem a atualização cotidiana, na periferia, de uma intelectualidade cativa, sem investimento criativo na formulação de conceitos e metodologias inovadoras ou interessada em tensionar pressupostos das reflexões do *mainstream* sociológico (ALATAS, 1977).

Devido a isto, a experiência do colonialismo tem sido apresentada enquanto um vértice à compreensão da divisão internacional do trabalho intelectual, sendo fonte fundamental da geopolítica envolvida na produção e circulação do conhecimento sociológico contemporâneo. Contudo, mais do que isso, estudo do fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual, tem transportado a teoria social para o centro do debate sobre a geopolítica do conhecimento sociológico. Ao apontarem as hierarquias que fundamentam a divisão do trabalho entre centro e periferia, na qual o Norte opera enquanto detentor legítimo da produção de teoria social, esses trabalhos nos permitem notar como o domínio sobre a produção de teoria funciona enquanto um dos alicerces à reprodução do eurocentrismo e demais desigualdades constitutivas das ciências sociais (CONNELL, 2007).

O papel da teoria na atualização de relações de submissão intelectual internacional se dá

pela natureza do próprio trabalho teórico, que ocupa um papel gerencial, de caráter estratégico e organizativo, da atividade científica (CONNELL, 2007). Trocando em miúdos, isto significa dizer que a teoria social é aquilo que permite e conduz o direcionamento da produção do conhecimento no campo, dando aos cientistas sociais as ferramentas por meio das quais estes observam e analisam a realidade social. Conceitos e métodos herdados de tradições teóricas definem agendas, privilegiam objetos, e carregam narrativas e imagens do mundo social, ocupando papel essencial na escolha dos cientistas sociais sobre o que tem relevância, causa efeitos no mundo e merece se configurar enquanto objeto de pesquisa (ROSA, 2016). Por consequência, a hegemonia do Norte Global sobre a atividade teórica permite a este grupo delimitar a legitimidade de objetos, narrativas, conceitos e métodos que cientistas sociais utilizam no mundo inteiro, permitindo a este grupo posicionar-se enquanto o centro do campo.

Não raro se observam as consequências dessas formas desiguais de apropriação da produção teórica nas ciências sociais, entre as quais destacam-se os impactos à capacidade explicativa da disciplina. Dado que a produção teórica se encontra concentrada em algumas nações do Norte Global, esta acaba por privilegiar objetos, metodologias e narrativas que tem como centro as realidades de países ricos da Euro-América. Esta condição torna a teoria sociológica, em larga medida, incapaz de operar com qualidade em contextos que estão fora do eixo euro-americano. Isto significa que, assim como reflete Connell (2012), ao passo que a teoria sociológica reifica em seus conceitos a experiência de uma pequena parcela da população mundial, mais especificamente aquela vivenciada por homens brancos de países ricos, ela acaba por apagar, de seus fundamentos teóricos, a experiência histórica da maior parte da população mundial

Não à toa, a compreensão das limitações que a divisão do trabalho intelectual impõe a capacidade explicativa da teoria sociológica tem levado pesquisadores a buscar no Sul Global fontes para a produção teórica que sejam capazes de revigorar o potencial da disciplina. As investidas em direção às teorias do Sul têm se materializado como formas de criar alternativas ao caráter auto-referenciado das teorizações do *mainstream*. Trabalhos como os de Comaroff e Comaroff (2011), Santos e Menezes (2007) e Connell (2007), têm tomado o Sul Global, a partir de formas nem sempre equivalentes, enquanto fonte de epistemologias, práticas sociais, teorias

e pensamento social, capazes de “trazer os processos sociais vividos fora da Euro-américa para o centro da teoria social de forma qualificada, simétrica e não apenas como contraexemplos ou derivações da grande marcha para o ocidente.” (ROSA, p.63, 2014). Trabalhos como o de Rosa (2016), ao dialogar com essas reflexões, têm apontado como investidas que tomam as teorias do Sul enquanto fonte à reflexão sociológica, tem o potencial de produzir *ontofomas* capazes de expandir e desafiar as noções dominantes de sociedade e agência no interior da sociologia. Tentativas como estas permitiram expandir e democratizar o número de agentes e seres que a teoria sociológica toma enquanto legítimos à explicação da realidade social (ROSA, 2016).

Para além de suas consequências ao caráter explicativo das ciências sociais, ou ao apagamento da experiência fora da Euro-América, a divisão internacional do trabalho intelectual é um fenômeno amplo que se expressa em contextos diversos. A investigação sociológica interessada em compreender os seus efeitos poderia se debruçar sobre inúmeras formas de sua expressão. Diversos exemplos poderiam ser citados enquanto maneiras de aprofundar este objeto, poder-se-ia mencionar a possibilidade de investigação baseada nas traduções de livros de teoria social, observando-se a circulação assimétrica entre obras oriundas de países do Norte e Sul Global, já que se observa, assim como notado por Heilbron (2014), que a tradução de livros em inglês para línguas outras é mais frequente do que o oposto. Além disso, a compreensão das expressões da divisão internacional do trabalho intelectual poderia partir de estudos que se debruçassem sobre o papel dos cientistas sociais do Sul em projetos de pesquisa conduzidos por organismos internacionais, o qual, como presente no livro de Burawoy (2010), geralmente se dá pela incorporação destes enquanto pesquisadores-coletores de dados, ignorando os seus potenciais enquanto teóricos. Além disso, investigações como as de Keim (2008), também apresentam formas alternativas de observar tal objeto, tomando as diferenças entre o tipo de conteúdo ministrado por pesquisadores do Sul convidados a dar aulas em universidades do Norte e as temáticas abordadas por pesquisados de nações do centro. Este vasto campo de estudos também poderia envolver reflexões sobre a maneira como intelectuais do Sul são preteridos em mesas de debate teórico em congressos internacionais ou mesmo um aprofundamento acerca das representações de cientistas sociais do Sul a respeito de sua própria capacidade de contribuir no campo da teoria social.

Em meio a este número amplo de possibilidades de investigação sobre as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual, decidiu-se focar, nesta dissertação de mestrado, em um estudo a partir de revistas internacionais de teoria social. A escolha por trabalhar com revistas se impôs, além da necessidade de ajustar o objeto de investigação ao tempo e às condições dadas em um mestrado, pela compreensão de que estas operam enquanto um dos principais meios de circulação do conhecimento sociológico na contemporaneidade. Assim como ressaltado por Martín (2013), a publicação em revistas passou a ser uma espécie de sinônimo do que é a produção das ciências sociais contemporâneas. Este quadro contribui para que intelectuais das mais diversas regiões do mundo debruçarem-se sobre tal tarefa, seja com o interesse em dar visibilidade às suas produções, seja respondendo à pressão de instituições de ensino ou financiamento que tomam a publicação enquanto critério para acessar cargos e recursos.

O foco em revistas do debate exclusivamente teórico deve-se pelo fato, já mencionado, de que a teoria ocupa um papel central na definição das relações de poder no campo sociológico já que, como mostra a literatura, é um dos meios pelos quais os intelectuais impõem agendas, objetos, conceitos e metodologias sobre a produção do campo. Um estudo a partir de revistas internacionais de teoria social permite então compreender de que forma a divisão internacional do trabalho intelectual se expressa em espaços fundamentais à construção da legitimidade de conceitos, métodos, narrativas e agentes que definem o conteúdo da produção sociológica.

Acredita-se que ao dar luz às expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em periódicos internacionais de teoria pode-se: circunscrever melhor em quais localidades geográficas estão situados os centros de poder capazes de subordinar agendas do campo; compreender a situação dos intelectuais do Sul Global nos debates teóricos de nossa disciplina; dar sentido à dimensão dos impasses à globalização/internacionalização da sociologia; e elucidar elementos que contribuem para a subalternização das reflexões teóricas de intelectuais da periferia global.

Neste sentido, esta dissertação de mestrado tomou por objeto de estudo: As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. Dito em outras palavras, interessou-se por compreender de que maneira a divisão internacional do

trabalho intelectual se materializa nos debates teóricos contemporâneos da disciplina realizados em revistas. Esta investigação tomou como fonte de pesquisa quatro periódicos especializadas em teoria social: *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*.

Para a realização desta investigação o pesquisador debruçou-se primeiramente na análise quantitativa, a partir de técnicas de estatística descritiva, utilizando-se de dados contidos em uma base construída por si mesmo. Boa parte destes dados foram colhidos utilizando-se de informações dos sites das revistas. Para esta análise, trabalhou-se com um estudo sobre a presença quantitativa dos países nos quais os autores que publicaram nos periódicos estavam baseados, de forma a compreender o perfil nacional dos intelectuais que compõem os debates dos periódicos. Este levantamento permitiu delimitar os países e regiões que dominavam a discussão de teoria realizada nestas revistas além de compreender diferenças entre periódicos no quesito presença de intelectuais do Sul Global.

A partir desta base de dados também foi possível analisar a frequência entre regiões durante o intervalo entre os anos de 2000 e 2016. Foram observadas as oscilações no tempo dos países agrupados em seus continentes, respectivamente, Europa, América do Norte, América Latina, Ásia e Oceania. Realizou-se esta investida com o interesse em compreender se os periódicos estariam se tornando mais plurais no tempo, e mais especificamente, se a presença de intelectuais do Sul Global teria aumentado no decorrer do período analisado.

A pesquisa também contou com uma análise que fora produto de uma segunda base de dados, na qual foram coletadas informações acerca do perfil dos membros de comitês editoriais das revistas. Estes dados possibilitaram um levantamento do perfil nacional e regional dos membros que compunham os comitês editoriais. A partir deste levantamento foi possível compreender quais países e regiões dominavam a composição dos comitês, além de observar-se em quais periódicos a presença de editores do sul global se fazia mais presente. Por meio dessas análises foi possível levantar hipóteses acerca de como a presença de intelectuais em comitês editoriais pode valorizar a submissão e publicação de conterrâneos. Esta questão também foi analisada, com maior profundidade a partir da recuperação da trajetória de alguns editores de países específicos.

Além disso a pesquisa contou com um trabalho de classificação dos artigos de intelectuais do Sul Global segundo características que a literatura tem apontado enquanto estruturantes da divisão internacional do trabalho intelectual. A partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave, buscou-se compreender diferenças temáticas entre regiões e países e características em comum entre nações do Sul Global. O produto destes dados, circunscritos ao Sul Global, foi comparado com os padrões encontrados no Reino Unido, que passou pelo mesmo processo de classificação e foi escolhido enquanto país representativo do Norte Global. Esta análise permitiu compreender mais profundamente as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual no que diz respeito ao tipo de objeto estudado pelos pesquisadores do Sul Global e como ele se diferencia entre países e regiões.

A dissertação a seguir contém, primeiramente um capítulo de fundamentação teórica do objeto, em que é feita uma revisão da literatura que tem trabalhado temáticas como divisão internacional do trabalho intelectual, eurocentrismo, colonialidade, e internacionalização/globalização das ciências sociais. A recuperação do debate promovido pela literatura é acompanhada de uma descrição mais aprofundada do objeto de estudo desta pesquisa além de justificar-se a relevância deste estudo ao campo. A fundamentação teórica do objeto é seguida, ainda neste capítulo, por um tópico sobre a metodologia, onde são explicitados os procedimentos e justificativas para a escolha das revistas analisadas, além de dados, técnicas e hipóteses que nortearam investigação. No capítulo de metodologia também são discutidos alguns limites dos dados e procedimentos adotados durante a pesquisa. A dissertação conta com dois capítulos de resultados da análise. O primeiro destes, denominado “Revistas de Teoria e Hegemonia Euro-Americana”, trabalha primeiramente com um estudo do perfil nacional e regional dos autores que publicaram nos periódicos, seguida de uma investigação sobre o perfil dos membros de comitês editoriais. O segundo capítulo de resultados, denominado, “Uma Internacionalização/Globalização entre o Particular e o Universal”, trabalha com uma análise da presença das regiões entre 2000 e 2016 nas revistas, seguida de um estudo acerca das diferenças, dentro do Sul Global, e deste em relação ao Norte (Reino Unido), no que diz respeito ao tipo de objeto trabalhado pelos autores em suas publicações. Por fim a dissertação termina com a conclusão onde sumariza-se os principais resultados da investigação, relacionando-os com as contribuições da literatura.

CAPÍTULO 1 – Problematização Teórica do Objeto

1.1) Dependência e Divisão Internacional do Trabalho

São amplas as iniciativas que têm denunciado a presença periférica dos autores situados no Sul Global nos debates internacionais das ciências sociais. Entre essas contribuições, que têm debatido desigualdades e hierarquias no campo do conhecimento, está aquela que circunscreve o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual e seus impactos para a produção Sociológica.

Um dos elementos centrais para a literatura que têm se debruçado sobre o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual é a centralidade da experiência colonial sobre a produção das ciências sociais. Partir do colonialismo enquanto evento crucial para entender a forma de organização das ciências sociais contemporâneas, nos permite dar sentido a elementos que historicamente conformaram um quadro de dependência e subordinação intelectual que ainda marca o campo sociológico na atualidade.

Esta relação, entre colonialismo e produção intelectual, foi bastante explorada pelo filósofo e cientista social Paulin Hountondji. Segundo o autor, a exploração colonial no continente africano possuiu, para além de uma dimensão econômica, o interesse em apropriação no campo intelectual, processos que estavam interligados e se influenciavam mutuamente (HOUNTONDJI, 1997, 1995, 1990). Do ponto de vista econômico, realizava-se a extração de matérias primas, inexistentes nas metrópoles, a partir do uso do trabalho escravo nas colônias, ao passo que em paralelo ocorria um processo de exploração no plano intelectual, que se dava por meio da coleta de um número imenso de informações, as quais eram encaminhadas aos laboratórios metropolitanos e centros de pesquisa do Norte, capazes de sistematizar tais conhecimentos por meio de teorias e conceitos.

“Lastly, from a historical and epistemological viewpoint, it would be intriguing to assess the debt European science owes to the Third World, the nature and scope of knowledge resulting from the theoretical processing of the voluminous quantities of fresh data extracted from there, the real function of the new disciplines based on that knowledge (tropical geography, tropical agriculture, African sociology, anthropology, etc.), and the shifts and shake-outs caused in old disciplines by these new discoveries.” . (Hountondji, 1997, p.4)

Assim como a existência de fábricas nas metrópoles permitia a produção de mercadorias a partir de matérias primas colhidas nas colônias, a presença de laboratórios, centros de pesquisas, ou mesmo existência de teorias e conceitos, nestes locais, era o que viabilizava a sistematização de conhecimentos extraídos nas colônias. Segundo Hountondji (1997), as duas formas de exploração citadas, intelectual e material, operavam enquanto duas faces de uma mesma moeda: a acumulação em escala mundial.

Esta intercessão entre a exploração econômica e intelectual também é explorada por Hountondji (1997) ao tratar o período pós descolonização africana. Assim como a chegada de indústrias nos países da África, principalmente após as décadas de 80 e 90, não produziu uma trajetória de desenvolvimento econômico autossustentado, enquadrando-se mais exatamente no que o autor chama de “crescimento sem desenvolvimento”, a emergência de meios que propiciassem a produção intelectual e científica, como universidades, centros de pesquisa e livrarias, não teriam sido capazes de edificar uma ciência local autônoma. Segundo Hountondji (1997), a produção científica africana, no contexto pós-colonial, e na própria contemporaneidade, continuaria marcada por um caráter pouco fecundo, no qual a maior parte da reflexão intelectual possuiria um conteúdo voltado para aquilo que é constituído nos grandes centros. Destarte, a investida colonial do século XVI criou, uma estrutura de hierarquia e poder a partir do controle da gestão de escolas, universidades e editoras, combinada com a produção de um imaginário social que condicionava um papel secundário aos intelectuais dos países colonizados, em paralelo com a racionalização do discurso de uma missão civilizadora europeia ALATAS, S. H. (2000).

A influência da experiência colonial sobre a produção das ciências sociais não teria findado com o colonialismo em si, pois, como produto das relações neo-coloniais dos séculos XX e XXI, subsistiram, no âmbito político e econômico, formas persistentes de manutenção da condição de subalternidade intelectual da periferia global aos países do Norte, o qual, segundo Alatas, F. H (2003), seria composto por nações como Estados Unidos, França e Grã-Bretanha. Atualmente, tais países exerceriam uma vigorosa hegemonia no campo intelectual, concentrando quatro características fundamentais que contribuiriam para a manutenção do controle no campo do conhecimento:

“(1) generate large outputs of social science research in the form of scientific papers in peer-reviewed journal, books, and working and research papers; (2) have a global reach of the ideas and information contained in these works; (3) have the ability to influence the social sciences of countries due to the consumption of the works originating in the powers; and (4) command a great deal of recognition, respect and prestige both at home and abroad.” (Alatas, 2003, p. 602)

O caráter monopolístico dessas características, nos países citados, definiria o Norte enquanto o núcleo de poder da disciplina, o qual seria retroalimentado por estruturas que fomentam a dependência entre os acadêmicos do terceiro mundo e os intelectuais do Norte ALATAS (2003). A dinâmica de dependência ocorreria em função da importação em países periféricos, de vários insumos advindos das metrópoles, como instituições, ideias, agendas de pesquisa, métodos de investigação e padrões de excelência acadêmica. Estes processos, que antes tinham relação direta com as instituições do período colonial, se mantiveram após o fim do colonialismo formal, o que impôs severas dificuldades à edificação de tradições intelectuais autônomas nas nações pós-coloniais.

Por conta deste processo histórico, calcado na subordinação material e intelectual das colônias, a produção do conhecimento acabou moldada de forma a servir de ferramenta à hegemonia das metrópoles coloniais. Um dos produtos deste processo é aquilo que Hussein Alatas e Syed Alatas vieram a chamar de divisão internacional do trabalho intelectual. Tal concepção pode ser definida como um sistema que estrutura e reproduz posições assimétricas na hierarquia da produção do conhecimento, no qual impõe-se uma clivagem em relação ao tipo de trabalho intelectual realizado nas universidades e centros de pesquisa do Norte e a produção dos intelectuais da periferia do capitalismo. Uma das primeiras formas de refletir tal concepção surge a partir das reflexões de Alatas, S. H. (1977) sobre a relação entre o colonialismo e a produção do conhecimento na Malásia, trabalho em que se explora a intercessão entre colonialismo, imperialismo intelectual e dependência acadêmica na produção do conhecimento local.

Três características fundamentais definiriam a divisão internacional do trabalho intelectual: a) *A divisão entre trabalho teórico e empírico*: onde assume-se a preponderância nos países centrais, tanto dos estudos de cunho teórico quanto empírico, enquanto relega-se aos

pesquisadores do terceiro mundo apenas a segunda modalidade de investigação; b) *A divisão entre estudos sobre outros países e estudos sobre sua própria nação*: na qual pesquisadores dos países do Norte, trabalhariam com objetos que fazem referência tanto aos seus países de origem, quanto outras nações, enquanto cientistas sociais do Sul, se concentrariam em estudos sobre seus países de origem; c) *A divisão entre pesquisa comparativa e estudos de caso*: onde a maior parte dos estudos comparativos seriam feitos por autores do Norte, enquanto os estudos de caso ficariam relegados aos estudiosos da periferia (ALATAS, 2003).

Este quadro de divisão do trabalho e dependência acadêmica também foi aprofundado por Hountondji (1990), a partir da noção de “pensamento extrovertido”, ou “extroversão intelectual”, a partir da qual trabalha como a reflexão intelectual na periferia é voltada aos interesses e representações do Norte, neste sentido “extrovertida”, construindo uma barreira a produção de um quadro intelectual autônomo nas ex-colônias. Múltiplos elementos expressam este quadro de extroversão, mas em nível de exemplificação pode-se citar: a tendência à utilização de quadros teóricos de autores do Norte; a fuga de cérebros para universidades do centro; a determinação de agendas de pesquisa por órgãos de financiamento externos; e a produção de trabalhos que não respondem a interesses locais mas propõem respostas às agendas sociológicas pertinentes apenas em contextos europeus (HOUNTONDJI, 1997 e 2008).

Percebem-se claros paralelos entre a teorização da “extroversão mental” na obra de Hountondji (1997) com aquilo que Alatas S. H. (2000) e Alatas F. H. (2003) chamaram de “mentalidade cativa”, ao descrever as dimensões psicológicas dos impactos da dependência e do colonialismo à produção de conhecimento na periferia. Em ambos os autores fica patente a descrição acerca de um complexo de inferioridade inculcido nos intelectuais do terceiro mundo, que os impediria de produzir reflexões criativas de caráter teórico, interessadas em tensionar as presunções das teorias consagradas do Norte. Ambos os conceitos apontam como a dependência e a divisão internacional do trabalho intelectual, construíram, no Sul global, uma tendência a executar passivamente agendas de pesquisa, ideias e métodos advindos do Norte, além de inculcir em seus intelectuais o auto-menosprezo quanto às suas capacidades de criatividade intelectual.

Influenciada por este debate, a socióloga australiana Raewyn Connell tem trabalhado diretamente na descrição de como o fenômeno colonial foi importante para: construir a atividade

sociológica; definir seus cânones; e privilegiar a escolha por certos objetos, agendas e questões de pesquisa (CONNELL, 2007). A autora afirma que a divisão internacional entre trabalho teórico e empírico, ao dar o monopólio da produção de teoria ao Norte, produziu efeitos negativos à própria capacidade explicativa da disciplina, já que, assim como formulou Chakrabarty (2009), ao passo que as proposições teóricas consagradas reificaram a experiência social do Norte, impuseram limitações teórico-conceituais que dificultaram a compreensão das realidades fora da euro-américa.

Sob influência das reflexões que têm trabalhado o tema da divisão internacional do trabalho intelectual, Connell (2012) apresenta uma definição pouco ortodoxa ao circunscrever teoria enquanto “o trabalho produzido pelo centro”. Apesar do processo de produção intelectual envolver etapas como a coleta dos dados, processamento teórico, disseminação e aplicação, que podem ser, *a priori*, realizadas por uma única pessoa, Connell ressalta que a estrutura na qual a ciência é produzida mundo afora, e mais especificamente a ciência social, envolve um suporte mais complexo de relações sociais e divisão do trabalho, os quais estão inseridos em um sistema hierarquicamente estruturado.

Em consonância com os diagnósticos apresentados até aqui por Hountondji (1997) e Alatas (2003), Connell (2012) discute a divisão internacional do trabalho intelectual a partir do problema da separação entre produção de teoria e o trabalho empírico. Esta separação, segundo a autora, fundamentara os papéis nos quais os cientistas sociais do mundo estão dispostos, e fundamentalmente, o tipo de material que produzem. O “Norte” do campo, se manifesta enquanto o espaço proeminente da produção teórica, enquanto ao “Sul” seria legada a posição de coletor de dados empíricos que exprimam as proposições teóricas do *mainstream* sociológico. Nesta linha, cita a autora:

“Metodologia, formação conceitual, processamento de dados e debate intelectual aconteceram principalmente nas universidades, nos museus, nos jardins botânicos e nos institutos de pesquisa dessa região do mundo. Assim, uma divisão imperial do trabalho estrutura o processo social que fundamenta os textos que usualmente nomeamos como “teoria”. As formas de trabalho que constituem e direcionam o processo de produção de conhecimento estão concentradas principalmente nas instituições de elite do Norte global.” (Connell, 2012, p. 10)

Tomando as consequências deste processo, Connell (2007) faz duras críticas ao potencial das proposições teóricas de autores com bastante prestígio nas ciências sociais, mais diretamente Bourdieu, Giddens, Habermas, Beck e Foucault. Segundo ela, o uso constante das reflexões destes autores, em lugares como Austrália e Brasil, não se valeria pelo seu potencial explicativo, ou capacidade de revelar dimensões profundas das realidades em questão, mas pelo fato destes terem se tornado paradigmas no seio da disciplina. Tal processo, seria produto da influência dos centros de produção teórica, localizados no Norte, que ao trabalharem a partir das produções destes autores, acabariam por determinar o comportamento das instituições dos países da periferia, as quais estariam estruturadas de forma a receber e reproduzir as propostas advindas das metrópoles.

No seio dessa crítica, calcada no modo como a divisão do trabalho nas ciências sociais situa coleta empírica e produção teórica, em pontos geopoliticamente distintos, Connell (2007, 2012) aborda limitações do potencial teórico da Sociologia devido a tal quadro de assimetria. Segundo a autora, o monopólio da produção de teoria em países do Norte, tem efeitos deletérios sobre o modo como a teoria social é produzida, reduzindo sua capacidade explicativa. Isto se deve, primeiramente, ao fato de que no processo de elaboração de proposições teóricas e conceitos, ocorreria sempre um processo de reificação de uma experiência social determinada que, no caso do quadro contemporâneo da produção, seria a experiência social do Norte.

O problema para a sociologia, seria que por mais que toda formulação teórico-conceitual implicasse em algum tipo e grau de reificação, grande parte da tradição teórica do campo estaria calcada na reificação de experiências que não cabem nos países do Sul. Expressões conceituais, como “Sociedade de Redes”, “Sociedade de Risco”, “Pós modernidade”, expressam realidades as quais a maior parte da população mundial não vivenciaria. Mas, mais do que isto, Connell (2007) defende que obras de grande influência como as de Coleman, Bourdieu e Giddens, compartilhariam características lógicas em comum no que se refere à produção de conceitos e métodos “desprovidos de determinações externas”. Isto é central na crítica da autora, pois a partir destas limitações teórico-conceituais, estes autores, ao reificarem a experiência do Norte em suas teorias, deixando de incorporar o colonialismo enquanto um “processo social significativo”, tornando-o, até certo ponto, invisível, acabariam por construir reflexões teóricas

incapazes de compreender realidades diretamente afetadas pelo fenômeno colonial.

Desta forma, Connell, em consonância com as contribuições de Alatas e Hountondji, expressa os modos como a divisão internacional do trabalho nas ciências sociais se fundou a partir de um processo histórico que tem o colonialismo como centro. A separação entre aqueles que produzem e discutem teoria e aqueles que coletam dados empíricos, ajudou a sustentar laços de dependência entre nações do Sul e do Norte, além de permitir a reprodução de posições desiguais no modo como se organizam as ciências sociais hoje. Esta divisão do trabalho, hierarquicamente disposta, permite que intelectuais de antigas potências coloniais, definam objetos, agendas e questões de pesquisa, significativas ou não, ao espelho das experiências do próprio centro.

1.2) Eurocentrismo e Colonialidade

A correlação entre o fenômeno colonial e a produção de conhecimento nas ciências sociais também tem sido amplamente discutida a partir da noção de eurocentrismo. Autores têm refletido de que forma o discurso eurocêntrico, fundamental para a legitimação da investida colonial, foi importante no processo de subalternização dos conhecimentos produzidos nos países colonizados, sejam eles os saberes nativos indígenas ou os produzidos no âmbito da academia.

Entre estes autores a intelectual Sujata Patel, tem expressado de que forma conceitos sociológicos consagrados como “modernidade” e “desenvolvimento”, acabaram por coadunar com pressupostos eurocêntricos, impactando no viés das análises sociológicas que faziam uso daqueles. Ao refletir sobre o eurocentrismo, Patel (2016) defende que este seria uma teoria etnocêntrica da história. O eurocentrismo teria produzido uma teorização do “outro” a “periferia” em relação ao “Eu” correspondente à Europa, à modernidade e o ocidente em geral. Essa separação fundamental estruturaria também uma divisão sobre a natureza do conhecimento entre o Ocidente e o Oriente, de tal forma que a produção correspondente ao Ocidente possuiria ares de universalidade, superioridade e um caráter emancipatório, enquanto a produção do Oriente possuiria um viés particularista, inferior e não emancipatório. A partir dessa separação, que fundamentou um sistema de classificação do conhecimento e da própria natureza humana, a inferioridade correspondente aos não-modernos se manifestaria enquanto uma condição para

a necessidade de realização do projeto moderno nas nações em questão, o que legitimava um processo civilizador, ou dito em outras palavras, o colonialismo e a exploração.

Segundo Patel (2016), é considerável o número de sociólogos, na contemporaneidade, que rejeitam os pressupostos de abordagens teóricas dos anos 50 e 60, os quais advogam que tais teorias estariam, majoritariamente, fundamentadas em interpretações da realidade que ao partirem do uso da categoria “modernidade”, estariam impregnadas de uma concepção evolucionista da história. Cada vez mais estar-se-iam notando que os pressupostos presentes nessas teorias, consagradas no mainstream, estariam projetando um ideal de modernidade e evolução que parte da experiência histórica europeia, ou mais especificamente, de alguns países desta.

Nota-se como a presença do eurocentrismo no conteúdo da teoria sociológica fomentou a construção de narrativas nas quais o ocidente adquiria ares de universalidade, superioridade, relegando à imagem do oriente o particularismo, a inferioridade e ausência de racionalidade (PATEL, 2006). Como aponta Said (1979), a tradição orientalista britânica cumpriu justamente este papel de reprodução de um imaginário social onde o “oriente” aparecia enquanto uma fonte estéril de qualquer produção intelectual relevante ou racional. Alguns exemplos dessa forma de materialização do eurocentrismo na análise sociológica podem ser encontradas no trabalho de Costa (2010), entre as quais estão a pressuposição da precedência da Europa na experimentação da modernidade, a compreensão formalista da política e dos estados modernos e a concepção essencialista de sujeito moderno.

O eurocentrismo também tem sido discutido pelos intelectuais da corrente decolonial⁵. Autores como Quijano (2000), Maldonado-Torres (2008), Grosfoguel (2008), Lander (2005), Mignolo (2003) e Walsh (2007), têm discutido como hierarquias de caráter político, social e do campo do saber, baseadas em pressupostos eurocêntricos, foram fundadas nos contextos latino-americanos, processo que se iniciara com o epistemicídio das populações nativas. Segundo Lander (2005), por meio do controle de todas as formas de subjetividade, cultura, conhecimento, e imposição do eurocentrismo, no campo da atividade material, tecnológica, subjetiva e

⁵ A corrente decolonial também é conhecida como “Grupo Modernidade/Colonialidade”, como descreve Ballestrin (2013).

religiosa, as nações coloniais instituíram seu modo de pensar sobre os colonizados, conduzindo à reprodução de um sistema de submissão e dependência no campo do conhecimento: a colonialidade do saber.

Quijano (2000), um dos autores centrais à contribuição decolonial, trabalha o conceito de “Colonialidade do Poder” enquanto uma chave para entender a correlação entre a experiência colonial e a supressão dos saberes de povos não europeus. A colonialidade do poder, seria o resultado do modo como articularam-se, entre os séculos XVI e XX, fatores como: classificação social, imposição da cultura europeia - aliada com a tentativa de destruição do pensamento local - e organização das várias formas de exploração do trabalho em volta do capitalismo. No processo de contato entre o branco e o indígena, a categoria de raça fundou-se como pressuposto à fins de, além de construir uma barreira biológica, entre os povos, também reforçar a ontologia eurocêntrica dominante. Nesta ontologia, o branco (ser) europeu apresenta-se como “O” homem – ser dotado de subjetividade -, e o indígena (não-ser) se configurou como uma coisa e, enquanto algo desumanizado, teria sido escravizado de maneira “legitimada” Quijano (2000).

Através do controle de todas as formas de subjetividade, cultura, e produção do conhecimento, além da imposição da cultura eurocentrada seja no âmbito material, tecnológico, subjetivo ou religioso, as nações coloniais instituíram seu modo de pensar sobre os colonizados, conduzindo à reprodução de um sistema de desigualdade e dependência. A noção de raça, construída neste ponto de contato entre cultura e violência foi o núcleo originário à produção da ideia de modernidade defendida pelos colonizadores. Com base nisso, Quijano (2000) defende que o eurocentrismo baseia-se na construção contínua de divisões e oposições baseadas no critério de raça, a partir do qual, por meio da experiência colonial, pôde-se classificar a população mundial como um todo. Esse padrão de divisões e oposições de caráter eurocêntrico, poderia ser encontrado em dicotomias como razão-corpo, ciência-religião, sujeito-objeto, cultura-natureza, masculino-feminino e moderno-tradicional.

Essas reflexões acerca da correlação entre eurocentrismo e colonialidade, recuperadas por Patel (2013), e trabalhadas com afinco pela corrente decolonial, são fundamentais para compreender a desigualdade na produção do conhecimento contemporâneo. Ao passo que o fenômeno colonial, pautado na ideia de raça, estruturou um sistema assimétrico e hierárquico,

tanto no sentido geopolítico econômico, quanto no sentido da legitimidade dos saberes, toda uma estrutura de posições desiguais permaneceu no tempo determinando as relações de poder na academia contemporânea. Isto significa, que as posições hierárquicas de poder e legitimidade do período colonial, permaneceram, por óbvio com modificações, mas mantendo uma assimetria fundamental entre a legitimidade e valor do conhecimento produzido nas ex-metrópoles e aquelas das ex-colônias. O viés eurocêntrico, nascido de uma teorização da história linear, etnocêntrica e evolutiva, foi preservado em algumas das produções das ciências sociais dominantes, apagando a experiência colonial ao ponto de justificá-la à fins de realização do projeto civilizatório moderno.

1.3) Os impasses para a globalização/internacionalização das ciências sociais

Esta discussão acerca da subalternização do conhecimento produzido nas nações do Sul Global, tem impactado diretamente o debate contemporâneo sobre as condições de internacionalização e globalização das ciências sociais. Experiências como o projeto encabeçado por Immanuel Wallerstein *Open the Social Sciences* que deu origem ao Relatório da *Comissão Gulbenkian*, buscaram justamente propor uma reestruturação da disciplina que auxiliasse na quebra com o eurocentrismo e no arrefecimento das desigualdades geopolíticas manifestas na produção do conhecimento (WALLERSTEIN, 1996).

Além disso, outro importante debate, com paralelos ao da *Comissão Gulbenkian*, também tem trabalhado o problema da desigualdade na produção e circulação do conhecimento sociológico a partir da discussão sobre as condições de globalização e internacionalização das ciências sociais. A Associação Internacional de Sociologia (ISA), tem se promovido, desde muito cedo, enquanto um espaço de reflexão sobre a necessidade de abrir a sociologia do centro e promover um projeto de sociologia global (PLATT, 1998).

Marcos importantes como a criação da revista *International Sociology*, que nasce em 1985 a partir de uma iniciativa interessada em dissipar o caráter provinciano do desenvolvimento da sociologia na Europa e nos Estados Unidos, reforçam isso. Como expresso na apresentação ao número de abertura (CARDOSO, 1986), a revista foi produzida a partir da reflexão crítica de que a sociologia se desenvolveu de maneira a fomentar a reprodução de paradigmas intelectuais dominantes nas sociedades do Norte, como a experiência do

funcionalismo. Tal processo teria culminado no apagamento de reflexões sociológicas que não estavam de acordo com a “Western perspective” (CARDOSO, 1986, p.1) presentes nessas assunções teóricas.

Esse interesse em promover um debate capaz de dar luz a posições mais plurais, no sentido das tradições culturais e históricas nas quais a sociologia está enraizada, também adquiriu centralidade, no interior da ISA, nas produções acerca das Sociologias Indígenas. A interlocução entre Akiwowo (1999) e Lawuyi e Taiwo (1990), permitiu a emergência de um profícuo meio de subversão do caráter eurocentrado da produção sociológica, a partir da tentativa por descentrar a teoria sociológica de reflexões teóricas e provincianas do centro, para as tradições orais da poesia indígena Iorubá.

Em meio a essas discussões, diferentes projetos estiveram em disputa na associação, entre os quais se destacam os presentes na edição de 1991 da revista *International Sociology*, sob o lema homônimo ao congresso realizado em Madrid na Espanha, cunhado pela então presidente Margareth Archer “*Sociology for One World: Unity and Diversity*”. Entre essas interlocuções, estão desde proposições interessadas em denunciar as desigualdades entre Sul e Norte no quadro global e conseqüentemente a urgência em abrir o debate às nações periféricas sem um formato tutelar e vertical (OOMMEN, 1991), até propostas que se mostravam mais conservadoras no sentido desta abertura, buscando uma preservação da unidade da disciplina e o potencial universalista de sua teorização (HIMMELSTRAND, 1991) e (ARCHER, 1991).

O mais recente e duro embate entre Burawoy (2011) e Sztompka (2011) na revista da Associação Internacional de Sociologia (ISA), “*Debate on International Sociology*”, sintetiza, ao passo que torna nítido, projetos demasiadamente opostos, de uma disputa sobre o modo como a globalização/internacionalização da disciplina deveria se realizar, e conseqüentemente sobre de qual forma a incorporação do Sul ao debate global deveria ocorrer. Ao passo que Burawoy (2011) defendera um modelo de internacionalização da disciplina baseado na conversação entre tradições nacionais diversas, capazes de dialogar entre si, Sztompka (2011) propôs uma incorporação do terceiro mundo nas agendas e modos de produção sociológicas já prestigiadas pelas tradições euro-americanas.

Dentre as produções mais recentes promovidas pela associação, destaca-se o projeto

“*Facing an Unequal World*” encabeçado por Burawoy (2010), que deu produto a um livro com artigos que mapeiam as dificuldades dos pesquisadores fora do Norte em produzir sociologia, seja por intempéries relativas à língua, financiamento ou política. Uma parte considerável dos artigos presentes no livro foi produzida por intelectuais da Ásia, os quais afirmam que a sociologia, no mundo Árabe, manteve conexões históricas fortes com o projeto colonial e conserva características deste. A influência da abordagem Orientalista na produção de trabalhos, com origem na investida colonial, promovera um condicionamento à uma produção sociológica pautada mais na exotização da cultura árabe do que na investigação de questões de interesse locais. O trabalho dos sociólogos árabes ficara marcado pela subserviência aos padrões europeus, seguindo perspectivas e agendas destes, ao passo que o que viabilizava a realização de suas pesquisas era o financiamento das nações dominantes.

Artigos como o de Hanafi (2010), possuem importantes contribuições ao discutir o caso do Líbano. O autor expõe que nas últimas décadas houvera um crescimento considerável de centros de pesquisa na região, devido à proliferação de ONGs estrangeiras, em paralelo com uma relação de extrema subordinação à produção realizada nestes centros de pesquisa aos líderes dessas ONGs, os quais fariam parte de uma “Globalized Elite”. A influência de tais grupos, impacta diretamente as agendas de pesquisa, metodologias de investigação e relações de networking entre pesquisadores de dentro e fora dos países da região. Uma consequência deste quadro é que as pesquisas não estariam discutindo temas pertinentes às questões nacionais, e além disso, teriam o seu caráter público diluído, pois o conteúdo das investigações estaria sendo apropriado por clientes privados. A atividade de pesquisa nacional estaria inserida em uma arena de competição por contratos e recursos, onde as agências de financiamento mantêm total controle e poder. É importante mencionar que esta realidade não se circunscreve apenas ao Líbano já que Onyeonoru (2010) advoga que este processo também se materializou no contexto Nigeriano, impondo limitações semelhantes.

Entretanto, problemas envolvendo dependência e periferização não estariam meramente circunscritos às nações árabes. O caso do Azerbaijão descrito por Suleimanov (2010) mostra como nações periféricas à própria Europa sofrem com a invisibilidade de sua produção sociológica e dificuldades para sua realização. No país, desde os anos 90, o trabalho sociológico

estaria situado num contexto de total dependência a projetos fundados nas nações de maior poder econômico da Europa e Estados Unidos. Consequentemente, pesquisadores locais se submetem a possibilidades escassas de financiamento do exterior, independente da relevância daquelas pesquisas à interesses locais. Além disso, o foco no mercado, segundo os autores, passara a ter um impacto negativo na condução das pesquisas, que perseguem legitimar interesses particulares oriundos das fontes de financiamento.

O caso de Israel também é descrito na obra. Segundo Smootha (2010) os pesquisadores do país, possuem fortes relações com àqueles dos Estados Unidos e centros europeus, além de receberem grandes financiamentos destes países. Todavia, estas características não seriam capazes de fazer com que a intelectualidade de Israel tivesse o mesmo grau de reconhecimento daqueles que produzem nas grandes metrópoles globais. A produção em Israel seria então intensamente próxima a de países como Estados Unidos e Inglaterra, porém sem o mesmo reconhecimento que aqueles e, além disso, os trabalhos realizados no país não buscariam acrescentar ou criticar pressupostos teóricos do *mainstream* sociológico feito nos países centrais. Este quadro produziu uma relação de sujeição a teoria do Norte sem que se contribuísse com ela de maneira criativa.

Debates como estes, proporcionados pela ISA no projeto “*Facing an Unequal World*” têm sido acompanhados do fortalecimento, cada vez maior, de iniciativas que se debruçam em compreender até que ponto o campo das ciências sociais estaria se tornando global, e discutido as dificuldades de internacionalização a partir da periferia (BEIGEL, 2014); (HANAFI e ARVANITIS, 2014); (OMOBOWALE 2014). Tais reflexões tem investido na compreensão sobre a forma de expansão da sociologia no mundo e o tipo de relações entre nações que ela engendra.

A publicação do *World Social Science Report* de 2010 realizada pela Unesco, demonstra que sociologia está presente em todas as regiões e países e que a produção de artigos e livros cresceu mundo afora, acompanhada pelo fortalecimento nas iniciativas de colaboração internacional. Porém, assim como descreve Heilbron (2012), estamos presenciando um processo de construção de um ainda emergente campo global no interior das ciências sociais, e esse princípio de mundialização da disciplina tem se realizado a partir de um modelo em que

predomina uma estrutura de centro e periferia. Ao passo que o inglês se tornou uma linguagem global das ciências sociais, pulando de 50% para 75% do total de artigos registrados na *International Bibliography of the Social Sciences*, desde a década de 1950 até 2005, a proporção de outras línguas como o Francês e o Alemão decaiu a níveis como 7% (HEILBRON, 2012).

Como afirmam Gingras e Msbah-Natanson (2010), a maior parte da produção global das ciências sociais ainda encontra-se situada em um pequeno número de países, liderados pela América do Norte, que concentra cerca de 50% do total das publicações registradas no *Social Sciences Citation Index*, seguidos pela Europa com 40% do total, resultado que se agudiza pelo fato de que 4 países, Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Holanda, concentram sozinhos dois terços do total das publicações em jornais de ciências sociais. Porém, é importante ressaltar que trabalhos como os de Keim (2008) têm alertado para os limites da utilização de bases de dados bibliométricos para o estudo da produção internacional das ciências sociais. Como aponta a autora, pesquisas que têm utilizado bases como a *Social Science Citation Index*, *FRANCIS*, e *Social Abstracts*, acabam por incorrer em erros de mensuração já que a escolha das revistas que compõem esses bancos é baseada em critérios de impacto e seletividade definidos pelos próprios produtores das bases, não obedecendo um critério equânime. Isto se reflete na baixíssima presença de revistas de países latino-americanos e do continente africano, nestas bases. Neste sentido, ao passo que as bases de dados bibliométricos funcionam como indicadores da marginalidade do Sul Global, nas publicações internacionais de ciências sociais, elas também operam enquanto instrumentos da própria marginalização da produção destes países (KEIM, 2008).

Compreender esta conjuntura de aguda desigualdade no interior das ciências sociais, assim como afirma Martín (2013), passa necessariamente por dar sentido a o que define o que se entende como um acesso legítimo ao campo e o que estrutura suas hierarquias internas. A publicação em periódicos internacionais apresenta-se enquanto elemento central à compreensão do acesso legítimo do pesquisador ao campo, pois, além de proporcionar o diálogo com os pares, garante prestígio e influência sobre agendas e debates de sua área. Acessar a publicação internacional, permite, em alguns casos, que o pesquisador seja preferido em seleções para vagas de emprego, mantenha seu cargo em sua instituição de vínculo ou mesmo garante-lhe o acesso

a recursos que o permitem seguir sua agenda e publicando. Devido a isso, ao passo que a publicação passa a ser, cada vez mais, o parâmetro fundamental de excelência acadêmica, fazendo com que instituições e agências de fomento pressionem pesquisadores a se inserirem em debates realizados em periódicos internacionais de alto impacto, o próprio campo acadêmico passa a tomar a publicação enquanto a principal forma de hierarquizar os pesquisadores. Por consequência impõe-se à produção das ciências sociais a lógica do “*publish or perish*”, no sentido que a publicação funciona enquanto meio de sobrevivência e reconhecimento dentro do campo, definindo o acesso a cargos e financiamento e relegando os pesquisadores que não publicam a perecer nos debates internacionais de sua área (MARTÍN, (2013).

Como consequência, a imposição da lógica do “*publish or perish*” contribui para que o mérito e a relevância passem a ser definidos enquanto uma capacidade de publicar em língua inglesa e, assim como ressalta Connell (2010) e Ortiz (2004), reproduzir representações do social e estruturas de pensamento típicas de regiões que têm o inglês por língua nativa. Devido a isto, a possibilidade de internacionalização e globalização da disciplina, tomando o inglês como língua franca, mais do que um processo que permite a consolidação e abertura de um diálogo democrático entre pesquisadores, é um instrumento de favorecimento e reprodução das desigualdades que beneficiam as regiões dominantes no interior da divisão do trabalho intelectual.

Esta conjuntura se torna bastante nítida quando se infere que a despeito das exitosas estruturas regionais das sociologias latino-americanas, como os casos argentinos, chilenos, brasileiros e mexicanos, suas comunidades vivenciam constantes dificuldades em garantir a circulação internacional de ideias próprias (MARTÍN, 2013). Mais do que a já citada barreira da língua inglesa, nestes contextos impõem-se elementos relativos à própria cultura acadêmica como a persistência em temas, estilos de escrita e referências comuns que muitas vezes operam na contramão da lógica de publicação internacional. No caso brasileiro, o contexto de pressão induzido sobre as instituições de ensino superior, impõe aos pesquisadores uma lógica de produção que torna a publicação no estrangeiro e conseqüentemente a internacionalização da produção, pouco estimulante. No Brasil, ao passo que publicações realizadas em periódicos do exterior possuem o mesmo peso, no critério de avaliação realizado pela CAPES, que aquelas

que se dão em revistas internacionais, passa a ser mais atrativo aos cientistas sociais locais investirem na publicação em revistas do país, as quais, inclusive, têm passado por um crescimento quantitativo bastante elevado nos últimos anos. Esta preferência se intensifica devido ao tempo entre a submissão e publicação ser, em geral, menor entre os periódicos nacionais, em comparação aos estrangeiros, o que é acompanhado pelo fato de algumas revistas no país não utilizarem o duplo parecer cego durante o processo de avaliação, o que tende a facilitar a chance de publicação, retirando o seu rigor avaliativo (MARTÍN, 2013).

A atuação dessas múltiplas determinações contribui para que os intelectuais do Sul Global permaneçam ocupando uma posição periférica no debate internacional das ciências sociais, principalmente quanto circunscreve-se o olhar às discussões de teoria social. Entendendo-se a noção de periferia, assim como circunscreve Maia (2011), enquanto um lugar histórico subalterno da geopolítica do conhecimento, podem-se perceber inúmeras expressões da condição desta condição marginal da produção do Sul. Podem ser citados elementos como: a baixa quantidade de publicações internacionais, a dificuldade dos autores em serem citados em artigos ou livros estrangeiros, a falta de interesse em tensionar pressupostos teóricos de intelectuais do centro, e a tendência a reproduzir reflexões teóricas de acadêmicos consagrados no Norte Global.

Esta posição subalterna no cenário global de produção do conhecimento contribui para que a produção nestas regiões, se restrinja à uma internacionalização estreita no sentido de que, quando a internacionalização ocorre, ela tende a se realizar a partir da relação com países próximos do ponto de vista linguístico e geográfico, tornando-se mais regional do que global (HEILBRON, 2012).

Mais do que isso, para além da baixa presença quantitativa de publicações de intelectuais do Sul em periódicos internacionais, a produção nesses países também é acompanhada por uma periferização interna à própria sociologia nacional. Como descreve Rosa (2015), os cursos de teoria social, tanto no caso brasileiro como no sul-africano, encontram-se majoritariamente dominados por uma visão de mundo onde acredita-se que teoria é algo produzido apenas na Europa e nos Estados Unidos. Todavia, exceções pontuais como descrito por Keim (2011), sobre a tradição autônoma dos estudos sobre trabalho no contexto sul-africano, são notadas.

Conectado a isso, o prestígio intelectual em países do Sul Global encontrar-se-ia em muitos casos associado ao quão capaz os pesquisadores nacionais são de fazer uso de teorias e metodologias produzidas por cânones do Norte, conhecimentos construídos em outros contextos, mas que seriam utilizados para classificar as experiências locais (ROSA, 2015); HANAFI (2011). Além disso, o que pode ser visto a partir de quem é citado nas teses de autores da periferia e quem é lido por estes intelectuais é que a produção local é deveras extrovertida, no sentido cunhado por Hountondji (1990), o que fica ainda mais explícito no caso dos referenciais teóricos utilizados nas análises (DWYER, 2013); (NYOKA, 2012).

Como exposto nessa revisão de literatura, são amplas as iniciativas que têm denunciado a presença periférica dos autores situados no Sul Global nos debates internacionais das ciências sociais, em especial na área de produção teórica. Seja a partir de contribuições críticas sobre a divisão internacional do trabalho, o fenômeno da colonialidade, os pressupostos eurocêntricos do *mainstream* teórico e o orientalismo, até os debates acerca da internacionalização, globalização ou abertura das ciências sociais, tem se fortalecido de maneira geral a discussão sobre a integração periférica da produção intelectual do Sul no diálogo global.

É com olhar sobre estas contribuições que se insere esta dissertação de mestrado, em que se trabalha as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social.

O objeto sobre o qual se debruça esta pesquisa é definido como: As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. Apresenta-se uma análise sobre a maneira como a divisão internacional do trabalho intelectual se materializa nos debates teóricos internacionais da disciplina, realizados, mais especificamente, em quatro revistas que conjugam tais discussões: *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*.

Com o interesse em desvelar o objeto desta pesquisa, realizou-se um recorte em um contexto empírico específico. Esta investigação se debruçou sobre revistas internacionais pois estas se configuram enquanto os principais meios de circulação da produção sociológica contemporânea, além de ocuparem posição central na definição do que é entendido como mérito acadêmico. Com vistas a circunscrever melhor o estudo sobre a divisão internacional do trabalho

sociológico, decidiu-se focar em revistas que discutem teoria sociológica. Esta escolha deve-se ao fato de que, como mencionado na revisão de literatura anterior, a produção e discussão de teoria se consolidou historicamente enquanto um dos polos que concentra poder no interior da divisão internacional do trabalho intelectual. Este processo consolidou os espaços de discussão teórica enquanto meios majoritariamente dominados pelas nações do Norte Global, e mais do que isso, concentrou poder nos grandes centros dessas nações, permitindo-lhes a definição das agendas, objetos, técnicas e metodologias de pesquisa legítimas.

Como afirma Connell (2007), a teoria sociológica tem um caráter crucial à produção do campo, dado seu potencial ontoformativo, que define diretamente a forma como os cientistas sociais escolhem, descrevem, analisam seus objetos de estudo, e a quais elementos estes dão poder de explicação nas suas análises. Partindo desta definição, que toma a teoria enquanto produto de um contexto geopolítico, esta pesquisa delimitou o seu foco em um estudo que permite compreender, em casos específicos, de que maneira as relações de poder que estruturam o campo das ciências sociais se materializam nos debates de periódicos internacionais de teoria social. Tal investigação, ao se fixar em espaços de discussão teórica, compreende a importância de se levar em consideração o papel da geopolítica do conhecimento sociológico na determinação das pautas teóricas campo, e por consequência o próprio potencial explicativo das ciências sociais.

Mais do que uma investida que permite compreender as manifestações de estruturas de poder e hierarquia no campo das ciências sociais, debruçar-se sobre as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria, é uma tarefa que permite circunscrever os centros de poder e relações de subordinação no campo; compreender a situação dos intelectuais do sul global em debates teóricos de nossa disciplina; e elucidar elementos que contribuem para a subalternização das reflexões intelectuais da periferia global. Estes foram tomados enquanto os objetivos dessa dissertação de mestrado.

2.1) Metodologia

Para a realização desta dissertação de mestrado, com o interesse em compreender as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social, foram escolhidos quatro periódicos, com alto impacto e prestígio internacional, enquanto

focos para a análise.

Para a escolha das revistas o pesquisador tomou enquanto foco a busca por periódicos de caráter internacional, que não se vinculassem à alguma tradição nacional específica, e que possuíssem prestígio e impacto no campo sociológico. A escolha por revistas com alto impacto deve-se pelo fato deste servir como meio de inferir a capacidade de um periódico em influenciar os debates da disciplina. Isto significa que a escolha se assentou na busca por revistas que, ao possuírem alto impacto, potencialmente teriam mais chances de influenciar a atividade teórica da disciplina, permitindo que debates, conceitos, tradições e metodologias, contidos em suas edições, ao circularem pelo campo, tivessem mais probabilidade em influenciá-lo. Neste sentido, buscou-se ajustar a escolha das revistas às reflexões da literatura que têm tratado da importância da teoria social na conformação do trabalho sociológico.

Apesar da compreensão de que a noção de impacto, assim como os índices que buscam mensurá-lo, é objeto de controvérsia⁶, este foi escolhido por permitir uma comparação mais exata entre as revistas e que proporciona enxergar os periódicos que são mais lidos e citados. Contudo, é importante mencionar que a escolha a trabalhar o objeto desta pesquisa a partir de revistas de alto impacto não esgota as formas de compreensão das expressões da divisão internacional do trabalho intelectual dos debates de teoria das ciências sociais. Além disso, é mister afirmar que não se interessa aqui por, a partir das revistas analisadas, propor uma generalização acerca do debate internacional em teoria sociológica. Este estudo, contudo, permite a inferência de algumas hipóteses sobre outros periódicos, com características parecidas, que podem repetir os mesmos padrões aqui analisados.

Isto posto, inicialmente, visando a escolha de periódicos internacionais com potencial de influência sobre os estudos teóricos do campo, trabalhou-se com o indicador SRJ, produzido pelo *SCImago Journal Rank*⁷. O indicador SRJ, fora escolhido por basear-se em um cálculo da média de citações que os artigos de uma revista possuem, o que ajudou o pesquisador a levantar quais os periódicos de teoria que estariam sendo mais lidos e citados no campo. Contudo, percebeu-se que o índice SRJ produzido pelo *SCImago Journal Rank* não se apresenta enquanto

⁶ PINTO e ANDRADE (1999).

⁷ O *SCImago Journal Rank* é um site especializado na construção de rankings de periódicos científicos.

o único meio de ranquear revistas. Foi possível notar que existiam métricas alternativas para tal levantamento, como aquelas que utilizavam o índice h⁸, ou o índice h a partir de dados do *Google Scholar*, como realizado por Jacobs (2011).

O pesquisador pôde notar, ao observar os rankings de áreas como ciências sociais e sociologia, que existem poucas revistas internacionais, de debate estritamente sobre teoria social, com bons índices nos rankings de impacto de periódicos. Contudo, a partir da comparação entre os rankings que utilizavam diferentes métricas, foi possível ver que independentemente do tipo de índice quatro revistas sempre se destacavam no campo da teoria sociológica: *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*.

Utilizando-se do artigo de Jacobs (2011), que constrói um ranking das revistas de sociologia com maior impacto internacional, utilizando o índice h a partir de dados do *Google Scholar*, foi possível notar que apenas cinco periódicos continham a menção à palavra “teoria” em seus nomes. Entre essas cinco revistas, *Theory Culture and Society* ocupava a melhor posição com 29º lugar, seguida de *Sociological Theory* em 30º, *Theory and Society* em 37º e *European Journal of Social Theory* em 48º, enquanto *Sociological Theory and Methods* ocupava a 117º, em um total de 120 revistas. A observar-se o ranking do *SCImago Journal Rank*, nas categorias ciências sociais e sociologia/ciência política, observou-se a mesma ordem de hierarquia entre revistas de teoria, a despeito de posições distintas em universos maiores.

Destarte, a partir dos critérios citados, para o estudo desta dissertação, foram escolhidas as revistas: *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*.

Antes de apresentar os métodos e técnicas adotadas na investigação cabe apresentar os dados que foram utilizados para o estudo.

Para produzir os dados analisados nesta investigação, primeiramente foi construído um banco de dados, no qual sistematizaram-se informações sobre os autores que publicaram nas

⁸ O índice h, ou h-index em inglês, é um número calculado a partir de número de artigos com citações maiores ou iguais a esse número

quatro revistas citadas: *Theory and Society*; *European Journal of Social Theory*; *Theory Culture and Society*; e *Sociological Theory*. Coletaram-se, a partir dos sites dos periódicos⁹, informações como: título da publicação; período de publicação; nome do autor; resumo; palavras-chave; universidade de vinculação; país da universidade de vinculação; e região. Para fins de unificar as análises a coleta circunscreveu-se em um marco temporal específico: Integraram a base de dados publicações¹⁰ realizadas entre o ano 2000 e 2016. Tal escolha deve-se ao fato de que o número de publicações de pesquisadores do Sul Global antes de 2000 é quase inexistente e, além disso, encontram-se dados incompletos sobre os autores no período anterior à virada do milênio, o que dificultaria a análise das informações. Esta base de dados foi construída com o interesse em permitir uma análise do perfil nacional e regional dos intelectuais que publicaram nas revistas.

Além da primeira base de dados, composta por informações dos autores e suas respectivas publicações, fora construída uma segunda base de dados, com informações a respeito dos comitês editoriais dos periódicos. A partir das informações contidas nos sites das revistas, coletaram-se dados de perfil dos membros dos comitês, como: universidade de vínculo, país da universidade de vínculo e região. Tais informações permitiram análises acerca da composição das equipes editoriais, o que possibilitou estudar o quão plural são esses espaços, e se em revistas com comitês mais plurais o perfil dos autores que publicaram também seria mais diverso.

Após a sistematização dos dados por meio das duas bases citadas, contou-se com um trabalho qualitativo de categorização dos artigos de intelectuais do Sul global e do Reino Unido¹¹, segundo características que a literatura tem apontado enquanto estruturantes da divisão

⁹ Os sites utilizados para a coleta foram:
Theory Culture and Society - <http://journals.sagepub.com/home/tcs>;
European Journal of Social Theory <http://journals.sagepub.com/home/est>;
Sociological Theory <http://journals.sagepub.com/home/stx>;
Theory and Society <https://link.springer.com/journal/11186>.

¹⁰ Foram contabilizados enquanto publicação todos os conteúdos publicados nos periódicos, incluindo artigos, resenhas e entrevistas.

¹¹ Durante a categorização destes dados a variável “país do pesquisador” baseou-se na nação onde os pesquisadores possuíam base institucional. Isto significa que neste trabalho à referência aos países dos intelectuais não diz respeito à nacionalidade destes, mas sim ao local de vínculo institucional, apesar de em vários casos esses elementos serem os mesmos.

internacional do trabalho intelectual. Esta tarefa se realizou a partir da análise de títulos, resumos e palavras chave de artigos publicados. Durante este processo buscou-se compreender diferenças temáticas entre regiões e países no que diz respeito ao tipo de objeto estudado pelos autores. Esta etapa de análise qualitativa de resumos, temas e palavras-chave foi utilizada visando a compreensão mais aprofundada de como a divisão internacional do trabalho sociológico se expressa nas diferenças temáticas que definem os objetos abordados pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos.

Para analisar esses dados, primeiramente foram utilizadas técnicas de estatística descritiva, com o olhar sobre frequências e percentuais (BARBETTA, 2008). Algumas variáveis como: país de vinculação dos autores, e universidade de vínculo foram observadas a partir de sua frequência percentual geral, ou seja, a porcentagem do total que a variável representa. Isto permitiu compreender quais os países e regiões em que os autores estão situados com maior e menor presença nos periódicos. Além disso o levantamento de frequência foi realizado com a intenção de exprimir qual a composição dos comitês editoriais das revistas permitindo que se analisassem quais periódicos têm comitês mais plurais ou mais fechados.

Além do levantamento percentual e de frequência, buscou-se correlacionar variáveis entre si. Como exemplo, foi realizada a intercessão entre variáveis como “país de vínculo” com “ano de publicação”. Ao correlacionar a frequência entre essas duas variáveis, o pesquisador se atentou em compreender se houvera algum tipo de crescimento, diminuição ou comportamento irregular, na frequência de intelectuais do Sul entre os anos de 2000 e 2016. A partir disso foi possível fazer inferências sobre a abertura dos jornais para autores de localidades fora dos eixos hegemônicos, como Europa e América do Norte, e se os pesquisadores do Sul estariam ocupando mais espaço nesses locais de publicação. Dados como estes poderiam corroborar para com teses de que a globalização da sociologia estaria se materializando em debates de revistas com alto impacto em teoria.

As análises de percentuais e frequências também permitiram comparar o comportamento das publicações de autores do Sul Global em relação com o Norte, compreendendo quais grupos possuem a hegemonia das publicações e quais estão às franjas dos debates nas revistas. Além disso, essas inferências foram importantes para o entendimento da composição dos comitês

editoriais, compreendendo-se quais regiões e países encontram-se mais presentes no interior dos debates destes periódicos.

Além das técnicas citadas, que se restringem ao levantamento quantitativo das frequências em que as variáveis se repetem e suas possíveis correlações, a pesquisa também investiu em técnicas de investigação qualitativa. Trabalhou-se com uma breve análise da trajetória de alguns editores das revistas de forma a compreender a possível relação entre sua presença nos periódicos e a frequência de publicações de intelectuais de seus países¹² e suas instituições. Além disso, foram realizadas análises qualitativas focadas no conteúdo de resumos, títulos e palavras chave de artigos, buscando-se compreender o tipo de objeto estudado pelos pesquisadores. Essas análises permitiram dar sentido a como a divisão internacional do trabalho intelectual se expressa na diferença entre o tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul Global em relação a intelectuais do Norte.

A hipótese geral que se buscou verificar durante a pesquisa é de que os quatro periódicos internacionais analisados expressam características que definem a divisão internacional do trabalho intelectual. Esta assertiva encontra-se conectada diretamente com quatro hipóteses específicas, a partir das quais buscou-se dar sentido e materialidade às expressões da divisão internacional do trabalho intelectual.

A primeira hipótese específica, de cunho mais generalista, consiste no suposto de que o montante quantitativo das publicações de autores do sul global seria consideravelmente baixo em comparação com aquele de autores do Norte Global, como Alemanha, Estados Unidos e Reino Unido. Segundo esta suposição a grande maioria dos artigos seriam produzidos por intelectuais situados em um número reduzido de países, todos eles do Norte Global, processo que manter-se-ia constante no tempo. Tal hipótese baseou-se em estudos anteriores do pesquisador que ao fazer levantamentos de revistas generalistas com alto impacto global percebera uma hegemonia do Norte em quase 80% das publicações nos países citados, encontrando números quase insignificantes para autores de países da periferia que chegavam a 0,1% da produção presente nos periódicos. Por conta disto, trabalhou-se na busca por testar se

¹² Assim como citado anteriormente, “país” aqui se refere ao país no qual os pesquisadores mantem vínculo institucional e não a sua nacionalidade.

este padrão se repetiria nas revistas estudadas por esta pesquisa.

O uso desta hipótese se fez a partir do diálogo com a literatura que tem apontado a posição hegemônica dos autores do Norte Global, na divisão internacional do trabalho intelectual, pelo domínio da produção de teoria. Neste sentido, o domínio do Norte sobre as publicações das revistas seria uma das formas de expressão da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas de teoria. Para a operacionalização da categoria Sul e Norte Global, foram classificadas enquanto Sul as nações da América Latina, África, Ásia e Oceania, enquanto foram compreendidas enquanto Norte Global as regiões da Europa e América do Norte. Tendo em vista a complexidade de operacionalizar tais conceitos nestes termos, buscou-se apresentar, no decorrer da dissertação, diferenças internas às próprias regiões permitindo ao leitor ter uma compreensão mais exata de países com maior hegemonia dentro de cada uma das regiões e a observação de desigualdades internas dentro dos grupos compreendidos como Norte e Sul. Isso permitiu a observação da complexidade da categoria Sul Global e suas limitações em um levantamento deste tipo.

A segunda hipótese específica que se pretendeu testar é a afirmação de que entre 2000 e 2016 a quantidade de publicações de autores do Sul Global não teria crescido nas revistas analisadas. Esta hipótese foi construída tomando-se por pressuposto que a globalização das ciências sociais, acompanhada do aumento na facilidade em submeter propostas de artigo a revistas, nos últimos anos, não teria sido suficiente para permitir uma maior interconexão entre a produção de autores do Sul global com pesquisadores do centro nos periódicos de teoria. Segundo esta hipótese buscou-se analisar se, no intervalo de tempo supracitado, o número de pesquisadores fora do eixo Europa-América do Norte, mais especificamente de Ásia, América Latina, África e Oceania, aumentou.

O trabalho com esta hipótese buscou compreender de forma mais aprofundada as hegemonias sobre a produção de teoria nos últimos 17 anos permitindo observar se existiria um domínio uma presença do Norte Global com caráter constante e forte ou irregular e com tendências de queda. Tomou-se que a percepção de um domínio do Norte Global, sobre as publicações nos 17 anos analisados, reforçaria as teses de autores que tem estudado o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual e permitiria, novamente, ver as revistas enquanto

meios de expressão do fenômeno sob análise.

A terceira hipótese com a qual se trabalhou nesta pesquisa baseia-se no postulado de que os comitês editoriais das revistas seriam dominados por indivíduos de países do Norte. Esta tese foi escolhida devido a observações presentes na literatura acerca do papel dos comitês editoriais na reprodução de relações de poder que compõem o campo das ciências sociais. Ao mesmo tempo trabalhou-se com a hipótese de que os países com maior presença em comitês editoriais também liderariam o número de publicações nos periódicos.

O interesse em trabalhar com esta hipótese se deu pela observação de contribuições da literatura que têm afirmando a importância dos comitês editoriais para a publicação de autores em revistas. Tomou-se que comitês editoriais formados majoritariamente por pesquisadores do Norte Global possuiriam uma tendência a reforçar a posição de países da Euro-América nos debates teóricos destas revistas. Este se enquadraria enquanto mais um elemento capaz de expressar o objeto desta pesquisa, validando reflexões da literatura.

A quarta hipótese específica refere-se as diferenças entre países e regiões no que se refere aos tipos de objetos estudados em seus artigos. Partiu-se do suposto de que existe uma diferença no que diz respeito aos temas, objetos e questões abordadas por pesquisadores do Sul em comparação com aqueles que dominam a produção dos periódicos. Esta hipótese foi construída a partir das contribuições dos autores que tem discutido a noção de divisão internacional do trabalho intelectual. Buscou-se observar se existe uma clivagem qualitativa relativa ao tipo de objeto analisado nos artigos publicados nas revistas de teoria, clivagem esta que espelharia primeiramente uma divisão entre trabalho estritamente teórico x trabalho empírico e também uma clivagem entre a realização de estudos generalistas/universalistas x estudos locais/particularistas.

O uso desta hipótese se fez baseando-se na ideia de que os autores dos centros de produção, localizados nas metrópoles do Norte Global, estariam discutindo questões teóricas que exploram objetos de caráter mais abstrato, enquanto os autores do Sul trabalhariam com discussões que remontam aos seus contextos geográficos, além de focarem, em geral, em estudos empíricos. A confirmação de tal hipótese serviria como uma forma, não só, de confirmar as indicações da literatura, mas de permiti-lhes um maior lastro empírico.

Em síntese, nesta dissertação de mestrado tomou-se como objeto de estudo as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. Para a realização do estudo foram escolhidas quatro revistas de alto impacto no debate sobre teoria com a justificativa destas circunscreverem uma parte importante do debate teórico do campo, com potencial de influência sobre as ciências sociais contemporâneas. Produziram-se dados sobre: o perfil nacional e regional dos intelectuais que publicaram nessas revistas; o perfil nacional e regional de seus comitês editoriais; e dados sobre o tipo de objeto estudado pelos pesquisadores do Sul Global e do Reino Unido nos artigos. Para a análise desses dados foram utilizadas técnicas de estatística descritiva e análise qualitativa do conteúdo de artigos publicados. Trabalhou-se com uma hipótese geral de que os periódicos analisados expressam elementos estruturais da divisão internacional do trabalho intelectual, os quais têm sido teorizados pela literatura da área. Buscou-se testar esta hipótese partir do estudo de quatro proposições específicas que tratam respectivamente: Da parcela quantitativa dos trabalhos do Sul Global no interior das revistas; do domínio do Norte e ausência de crescimento de publicações de autores do Sul nos anos analisados; da hegemonia do Norte sobre os comitês editoriais dos periódicos estudados; e da diferença entre o tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul e Norte Global.

CAPÍTULO 2 – Revistas de Teoria e a Hegemonia Euro-Americana

Reflexões recentes no campo das ciências sociais, como as apresentadas na fundamentação teórica desta dissertação, têm reforçado a importância da compreensão de dinâmicas de caráter geopolítico que influenciam e conformam o campo das ciências sociais. Como tem sido apontado, o olhar sobre o local de enunciação das contribuições do campo é deveras importante para que se compreenda as imagens, narrativas e pressupostos, muitas vezes velados, que servem de sustentação para a construção de argumentos e teses dos cientistas sociais. A despeito das intenções dos intelectuais que contribuem ao campo, pressupostos que fundamentam conceitos, metodologias, objetos e a própria pressuposição do que causa efeito sobre o mundo, muitas vezes carregam marcas do eurocentrismo, o que tem suscitado a necessidade de ruptura com uma produção sociológica centrada na Euro-América. Questões como: quem produz e discute teoria social? De onde produz? A partir de qual ponto de vista? Têm se materializado enquanto questionamentos profícuos para os estudos que buscam dar sentido às relações de poder que estruturam as ciências sociais, permitindo entendê-las enquanto produtos de uma geopolítica.

A análise deste capítulo foca na importância do local a partir do qual se produz teoria e dos indivíduos envolvidos no seu processo de circulação. Com o interesse em compreender as expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social, foca-se em dois elementos: o estudo do perfil nacional/regional¹³ dos autores que publicaram nas revistas, e a análise do perfil nacional/regional¹⁴ dos integrantes dos comitês editoriais destes periódicos.

O primeiro destes elementos, contido no Eixo 1, foi escolhido visando circunscrever quais nações compunham os debates dos periódicos, permitindo que se levantassem informações sobre países e regiões de maior hegemonia nos debates de teoria realizados nas revistas. Além disso, tal investida buscou observar diferenças entre periódicos, focando em

¹³ Como mencionado anteriormente, compreende-se por fonte para o perfil nacional/regional apenas os países/regiões nos quais os intelectuais que publicaram nas revistas mantêm vínculo institucional. Isto significa que não está se trabalhando aqui com a ideia de nacionalidade destes pesquisadores. Trabalhar com nacionalidade exigiria um esforço de pesquisa que não caberia no tempo de investigação compreendido em um mestrado.

¹⁴ Os apontamentos da nota 13 também valem para o caso dos comitês editoriais.

quais possuiriam um debate mais plural do ponto de vista da composição nacional/regional dos autores. A escolha por observar esses elementos deve-se pelo interesse em compreender se estas revistas, ao deterem-se em debates de teoria social, seriam dominadas por autores de nações do Norte Global, já que, como apontado pela literatura que tem teorizada a divisão internacional do trabalho intelectual, as nações do Norte possuiriam boa parte do domínio da produção teórica do campo. Neste sentido buscou-se testar a hipótese de que o montante quantitativo das publicações de autores do sul global seria consideravelmente baixo em comparação com aquele de autores do Norte Global. Os resultados encontrados neste tópico foram aprofundados a partir de reflexões que discutem a geopolítica inscrita na produção e circulação do conhecimento sociológico contemporâneo.

O segundo elemento trabalhado neste capítulo, que está contido no Eixo 2, parte de um estudo sobre indivíduos envolvidos no processo de circulação da teoria social. Trabalha-se com um estudo do perfil nacional/regional dos integrantes dos comitês editoriais das revistas em questão. Esta investigação interessou-se por perceber se as revistas possuíam comitês formados por pesquisadores majoritariamente do Norte Global, ou se possuiriam membros de países e regiões diversas. O interesse por esta forma de investigação se deu pela indicação, na literatura, de que a presença em comitês editoriais favorece a publicação de autores da mesma região ou país que o editor. Isto posto, este eixo busca testar a hipótese de que os comitês editoriais das revistas seriam dominados por indivíduos de países do Norte Global. Os resultados deste eixo, analisados a partir de contribuições da literatura, permitiram que se compreendesse como os comitês das revistas de teoria reforçam a divisão do trabalho intelectual ao priorizarem membros do Norte Global.

Eixo 1 – O Perfil das Publicações

Neste eixo trabalha-se com a análise do perfil dos autores que publicaram nestes periódicos, mais especificamente a partir do foco nos países e regiões nos quais se situam as instituições de vínculos de tais intelectuais. Apresenta-se, primeiramente, uma descrição do perfil nacional dos pesquisadores que publicaram nestes periódicos, observando-se quais países possuem maior presença nas discussões das revistas. Além disso, destacam-se as diferenças entre periódicos observando-se semelhanças e diferenças no que diz respeito aos países com

maior constância e a pluralidade de nações presentes nas revistas. Por fim estes dados são analisados a partir de reflexões teóricas que dialogam com a literatura que tem problematizado a hegemonia da língua inglesa no debate internacional das ciências sociais e a concentração de poder no campo em intelectuais do eixo Euro-Atlântico.

Antes de iniciar a descrição do perfil dos intelectuais que publicaram nestas revistas, cabe, porém, uma menção às características e contextos de fundação dos periódicos.

O *European Journal Of Social Theory* é um jornal trimestral, fundado no ano de 1998, com sua sede atual na Universidade de Sussex, no Reino Unido. O periódico é editado por Gerard Delanty, professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Sussex e conta com um grupo de nove editores associados e quarenta e dois editores internacionais. Segundo informações de seu site, o *European Journal of Social Theory* é um periódico que tem por interesse reunir teóricos do social e cientistas sociais interessados no debate teórico, tendo por objetivo tornar a teoria social enquanto elemento relevante à compreensão dos desafios das ciências sociais do século XXI. Em sua página na web a revista define que a sua concepção de teoria social é abrangente, passando por reflexões acerca do pensamento social e político contemporâneo, crítica social, reflexões no campo da filosofia das ciências sociais e considerações teóricas sobre questões sociais significativas.

Em seu número de abertura, de julho de 1998, Gerard Delanty apresenta a revista, afirmando que se lançava em um período de grande interesse por teoria social, em parte devido a mudanças dentro das ciências sociais e transformações no mundo social de grande alcance. Neste número o periódico é apresentado enquanto uma revista europeia no sentido que refletiria pontos em comum do continente, não se enquadrando enquanto representante de um debate nacional específico, além de se colocar como um espaço de expressão comum da cultura europeia. Apesar deste enfoque no contexto europeu, o editor afirma que a revista se interessa por ser aberta contribuições de todas as partes do mundo, o que lhe permitiria materializar-se enquanto um espaço de expressão de tradições frequentemente marginalizadas no campo das ciências sociais. Entre as temáticas que foram apontadas pela revista enquanto relevantes ao debate que desejava proporcionar são mencionados: cidadania, democracia, movimentos sociais, violência, esfera pública, conhecimento, gênero, poder e resistência,

globalização, exclusão social, direitos humanos e modernidades globais, nacionalismo, cidade, meio-ambiente, risco e identidade.

A segunda revista escolhida para esta pesquisa, *Theory Culture and Society* é um periódico bimestral, fundado no ano de 1982, com sede no Goldsmiths, Universidade de Londres, no Reino Unido. Mike Featherstone é o editor chefe do periódico, além de ser professor de Sociologia no *Institute for Creative and Cultural Entrepreneurship* em Goldsmiths. A revista conta com dezoito membros no seu comitê editorial e trinta e nove editores associados. Segundo a descrição em sua página virtual, *Theory Culture and Society* é um periódico de alto impacto interessado em artigos e resenhas na área de estudos sociais e culturais, o qual foi fundado com o desejo de atender ao ressurgimento do interesse pela cultura no debate sociológico e permitir a teorização da relação entre cultura e sociedade. Segundo a descrição da revista, ela se baseia na herança dos teóricos clássicos das ciências sociais e busca examinar a forma como a nova geração de teóricos dialoga e reformula os debates clássicos da disciplina. Além disso, a revista afirma que está na vanguarda das reflexões contemporâneas da teoria social e cultural, tendo ajudado a quebrar barreiras disciplinares entre as ciências sociais e humanidades em geral.

No número de abertura de *Theory Culture and Society*, de fevereiro de 1982, a revista é apresentada enquanto fundada em um momento de baixa esperança para o lançamento de um jornal, devido ao delicado contexto britânico, marcado por investidas contra o sistema de educação superior que tornava a produção de conhecimento social mais difícil. Apesar deste cenário, a revista defende que a sua criação representava a reafirmação da crença no futuro da ciência social crítica e no papel da teoria. O caráter crítico da revista é reforçado neste número ao afirmar-se que apesar do ambiente de intensa mercantilização do conhecimento e crescente avaliação da produção acadêmica em termos de “utilidade”, a revista buscava preservar o discurso crítico criando um espaço para reflexões que tratem de cultura e sociedade. Entre os temas tratados neste número de abertura, que segundo a revista, serviriam de base para discussões subsequentes do periódico, estão reflexões sobre a centralidade da teoria sociológica, com ênfase as contribuições dos clássicos fundadores, trabalhos sobre teoria crítica, reflexões que tocam aspectos universais da teoria social, além de produções sobre cultura popular, marxismo, neo-marxismo e críticas a essas correntes.

Sociological Theory é um periódico trimestral, com fundação no ano de 1983, publicado pela Associação Americana de Sociologia, que têm sua sede na cidade de Washington DC, Estados Unidos. A revista tem Mustafa Emirbayer enquanto editor chefe, o qual é professor da Universidade do Wisconsin em Madison, e conta com 21 membros no seu comitê editorial, não possuindo um comitê internacional. Segundo o site da revista, esta cobre um grande número de linhas dentro da teoria sociológica que reforçam caráter pluralista. A áreas de interesse da revista passariam da etno-metodologia até as análises mundiais de sistemas, dos clássicos até reflexões mais contemporâneas e passando pelas reflexões de teóricos negligenciados e questões meta-teóricas. A revista se define como um periódico renomado por publicar o melhor da pesquisa acadêmica internacional, afirmando ser leitura essencial para sociólogos e teóricos do social.

No seu número de fundação, em 1983, observa-se que a revista foi criada com o interesse ser um espaço de circulação da produção teórica mais recente, na sua variedade de perspectivas. Segundo este número, até o momento não existiriam publicações especializadas em teoria sociológica, o que reforçava a missão da revista em trazer a teoria para o centro da discussão sociológica, possibilitando que esta não se descolasse do resto da produção sociológica, mas se apresentasse enquanto fundamento do campo como um todo. Reforçando que a multiplicidade de tradições teóricas é um sinal de fecundidade da produção sociológica, o periódico fora criado com o interesse em representar a diversidade do campo. Com base nisso, neste número, a revista cita a abertura a perspectivas diversas entre as quais são citadas a fenomenologia, etno-metodologia, historicismo, hermenêutica, teoria do conflito, positivismo, marxismo e estruturalismo.

Por fim, *Theory and Society* é uma revista bimestral, fundada em 1974. O periódico é editado por Janet Gouldner da Universidade da Califórnia em Davis, nos Estados Unidos, e possui doze editores sêniores, vinte e seis editores associados e trinta editores correspondentes. Segundo a descrição do perfil da revista, em seu website, ela tem como foco análises de caráter teórico sobre processos sociais e serve enquanto fórum para a comunidade internacional de cientistas sociais. A revista afirma que é aberta para autores que trabalham nas fronteiras da análise social, para além dos limites da disciplina, e cobre uma gama ampla de questões que passam desde a pré-história até a realidade contemporânea, das reflexões acerca dos indivíduos

até os debates nacionais e a cultura mundial, dos debates sobre teoria até a crítica metodológica e de reflexões sobre o primeiro e terceiro mundo até o Sul Global.

Segundo seu número de fundação, escrito por Alvin W. Gouldner em 1974, *Theory and Society* foi criada em um contexto de onde a vida departamental e institucional da teoria social encontrava-se à deriva. Segundo Alvin W. Gouldner, naquele momento a sociologia era capaz de enxergar melhor o seu passado do que o futuro, em parte porque os paradigmas antigos da disciplina haviam perdido a sua capacidade de convencimento, mas também porque uma série de novos paradigmas-competidores estavam surgindo, entre os quais destacam-se a teoria crítica, a etno-metodologia, o neo-marxismo, a sociologia linguística, o estruturalismo e o neo-weberianismo. Segundo o editor, este ambiente, marcado pela decadência do antigo e nascimento do novo, criaria as bases para o surgimento de um novo objetivismo nas ciências sociais e na teoria social e a revista operaria como um meio a promoção deste debate.

Com o interesse em compreender o perfil nacional dos intelectuais que publicaram nestes periódicos, foram levantados dados de todas as edições correspondentes aos anos entre 2000 e 2016. Tomando este marco temporal, levantaram-se dados, como mostra a Tabela 1, de 69 edições da *European Journal of Social Theory*; 124 edições da *Theory Culture and Society*; 60 edições da *Sociological Theory*; 102 edições da *Theory and Society*, equivalendo a um total de 355 edições, 2.544 artigos e 2.271 autores. É importante ressaltar que as diferenças no montante de artigos e autores entre as revistas possuem relação com a quantidade de artigos por edição e número de edições por ano. A revista *European Journal Of Social Theory* possui 4 números por ano, com exceção do ano de 2015, com 5 números. *Theory Culture and Society* publicava 6 edições por ano, entre 2000 e 2005, passando a publicar 8 números de 2006 a 2016. *Sociological Theory* publicava 3 números por ano, entre 2000 e 2003, depois vindo a publicar 4 números de 2004 a 2016. *Theory and Society* sempre publicou 6 edições por ano entre 2000 e 2016.

Tabela 01 – Informações gerais dos periódicos – 2015/2016

Periódicos	Nº de Edições	Nº de Artigos	Nº de Autores
European Journal of Social Theory (EJST)	69	542	489

Theory Culture and Society (TC&S)	124	1.257	969
Sociological Theory (ST)	60	337	359
Theory and Society (TS)	102	426	454
Total	355	2544	2.271

Isto posto, pode-se apresentar os resultados referentes ao perfil dos intelectuais que publicaram nestas revistas durante o período entre 2000 e 2016. A análise da frequência de países, nas quatro revistas estudadas nesta pesquisa, nos permite compreender a desigualdade entre regiões do mundo no debate teórico da sociologia, assim como permite circunscrever em torno de quais países os debates presentes nos periódicos estão voltados. Essas reflexões nos ajudam a compreender o quão diverso é o debate teórico presente nas publicações destes periódicos e, além disso, nos permite refletir como a geopolítica da produção e circulação do conhecimento em teoria sociológica se relaciona com a divisão internacional do trabalho intelectual.

Quem está no Topo?

Ao se analisar a frequência de publicações nas revistas propostas, é possível perceber uma constante em se tratando do topo das publicações. Percebe-se que um grupo específico de países domina as primeiras posições em número de artigos, os quais se situam no continente Europeu e Norte-Americano, mais especificamente Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Canadá. Por mais que possam haver pequenas variações entre as revistas, as quais se expressam de maneira mais forte entre os periódicos europeus e os americanos, é notável que os 4 países citados têm a maior parte do conteúdo presente.

Como pode ser notado nas TABELAS 02 e 03 abaixo, no caso das revistas baseadas no Reino Unido, *Theory Culture and Society* e *European Journal of Social Theory*, é notável a liderança, em ambos os casos, do Reino Unido alcançando o valor de 43,58% do total de publicações no primeiro periódico e 29,47% no segundo, entre 2000 e 2016. Os Estados Unidos apresentam-se em segundo lugar com 17,07% na TSC e em quarto com 8,72% na EJST, enquanto a Alemanha ocupa o segundo lugar do EJST com 10,83% e o quinto em TCS chegando a posição de 4,58%. Já o Canadá, tem a sua melhor marca, entre as revistas baseadas na Europa, na *Theory Culture and Society*, em que alcançou os 4,72% com 67 artigos publicados dando-

lhe o terceiro lugar, enquanto atingiu a sexta posição no EJST, também com uma média de 4% do total.

Tabela 02: Frequência de Países em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)

EUROPEAN JOURNAL OF SOCIAL THEORY (2000 – 2016)		
País	Frequência	Porcentagem
Reino Unido	196	29,47%
Alemanha	72	10,83%
Itália	62	9,32%
Estados Unidos	58	8,72%
Austrália	38	5,71%
Canadá	27	4,06%
Dinamarca	25	3,76%
França	23	3,46%
Holanda	19	2,86%
Irlanda	14	2,11%
Espanha	13	1,95%
Suécia, 11, (1,65%); Finlândia, 10, (1,50%); Israel, 9, (1,35%); Portugal, 8, (1,20%); Chile, 8, (1,20%); Noruega, 8, (1,20%); Bélgica, 5, (0,75%); Sem Identificação , 5, (0,75%); Brasil, 5, (0,75%); Áustria, 4, (0,60%); Polônia, 4, (0,60%); Eslovênia, 4, (0,60%); Chipre, 3, (0,45%); República Checa, 3, (0,45%); Rússia, 3, (0,45%); África do Sul, 3, (0,45%); Suíça, 3, (0,45%); Grécia, 3, (0,45%); Argentina, 3, (0,45%); Turquia, 3, (0,45%); Índia, 3, (0,45%); Hungria, 2, (0,30%); Nova Zelândia, 2, (0,30%); Bulgária, 1, (0,15%); Singapura, 1, (0,15%); China, 1, (0,15%); Líbano, 1, (0,15%); Estônia, 1, (0,15%); Malásia, 1, (0,15%);		
Total	665	100%

Tabela 03: Frequência de Países em *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)

THEORY CULTURE AND SOCIETY (2000 – 2016)		
País	Frequência	Porcentagem
Reino Unido	618	43,58%
Estados Unidos	242	17,07%
Canadá	67	4,72%
Singapura	66	4,65%
Alemanha	65	4,58%
Austrália	63	4,44%
Holanda	39	2,75%
França	33	2,33%
Dinamarca	24	1,69%

Brasil	21	1,48%
Japão	19	1,34%
Itália, 18, (1,27%); China, 18, (1,27%); Israel, 16, (1,13%); Finlândia, 12, (0,85%); Sem Identificação, 11, (0,78%); África do Sul, 11, (0,78%); Coreia do Sul, 9, (0,63%); Índia, 8, (0,56%); Suíça, 7, (0,49%); Suécia, 7, (0,49%); Portugal, 4, (0,28%); Nova Zelândia, 4, (0,28%); Taiwan, 3, (0,21%); Bélgica, 3, (0,21%); Grécia, 3, (0,21%); Egito, 3, (0,21%); Irlanda, 3, (0,21%); Áustria, 3, (0,21%); México, 3, (0,21%); Turquia, 3, (0,21%); Hong Kong, 2, (0,14%); França e Holanda, 1, (0,07%); Polônia, 1, (0,07%); Chipre, 1, (0,07%); Sri Lanka, 1, (0,07%); República Checa, 1, (0,07%); Peru, 1, (0,07%); Rússia, 1, (0,07%); Noruega, 1, (0,07%); Colômbia, 1, (0,07%); Hungria, 1, (0,07%);		
Total Geral	1418	100%

Por mais que seja possível notar alguma diferença entre países que ocupam o topo das revistas, já que se percebe uma forte presença da Itália (9,32%) e Austrália (5,71%) no EJST, além da quarta posição de Singapura (4,65%) em TCS, é notável que Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá são os países que menos oscilam nas primeiras posições das revistas. A compreensão da forte hegemonia dessas quatro nações, fica ainda mais clara quando se observam os periódicos baseados nos Estados Unidos, respectivamente *Theory and Society* e *Sociological Theory*.

Em se tratando das revistas baseadas nos Estados Unidos, nota-se que os Estados Unidos ocupam a primeira posição em número de artigos, com 392 em TS e 363 na ST, o que deixa o país com um domínio de 73,41% e 82,50% das publicações respectivamente. Já Reino Unido e Canadá dividem os segundos e terceiros lugares com médias entre 3,5% e 4,0% nas revistas citadas, enquanto a Alemanha ocupa o quarto lugar em TS com 14 publicações (2,62%) e o quinto em ST com 5 artigos (1,14%). Esses números podem ser notados nas TABELAS 04 e 05 abaixo:

Tabela 04: Frequência de Países em *Theory and Society* (2000 – 2016)

THEORY AND SOCIETY (2000 – 2016)		
País	Frequência	Porcentagem
Estados Unidos	392	73,41%
Canadá	21	3,93%
Reino Unido	19	3,56%

Holanda	14	2,62%
Alemanha	14	2,62%
França	10	1,87%
Austrália	9	1,69%
Itália	9	1,69%
Dinamarca	6	1,12%
Israel	5	0,94%
Espanha	3	0,56%
Grécia, 3, (0,56%); Suécia, 3, (0,56%); Hungria, 3, (0,56%); Nova Zelândia, 2, (0,37%); Singapura, 2, (0,37%); Quirguistão, 2, (0,37%); Irlanda, 2, (0,37%); Turquia, 2, (0,37%); Noruega, 2, (0,37%); Polônia, 2, (0,37%); Suíça, 1, (0,19%); Finlândia, 1, (0,19%); África do Sul, 1, (0,19%); Portugal, 1, (0,19%); Coreia do Norte, 1, (0,19%); Japão, 1, (0,19%); Bélgica, 1, (0,19%); China, 1, (0,19%); Romênia, 1, (0,19%);		
Total Geral	534	100%

Tabela 05: Frequência de Países em *Sociological Theory* (2000 – 2016)

SOCIOLOGICAL THEORY (2000 – 2016)		
País	Frequência	Porcentagem
Estados Unidos	363	82,50%
Reino Unido	18	4,09%
Canadá	17	3,86%
Austrália	6	1,36%
Alemanha	5	1,14%
Israel	4	0,91%
Finlândia	3	0,68%
Brasil	2	0,45%
Itália	2	0,45%
China	2	0,45%
Suécia	2	0,45%
Espanha, 2, (0,45%); Holanda, 2, (0,45%); Singapura, 1, (0,23%); Turquia, 1, (0,23%); Suíça, 1, (0,23%); Irlanda, 1, (0,23%); França, 1, (0,23%); Estônia, 1, (0,23%); Dinamarca, 1, (0,23%); Coreia do Sul, 1, (0,23%); Taiwan, 1, (0,23%); Nova Zelândia, 1, (0,23%); Hong Kong, 1, (0,23%); Polônia, 1, (0,23%).		
Total Geral	440	100%

Percebe-se a partir disso que, se analisadas as quatro revistas de teoria em conjunto, pode-se destacar um núcleo pequeno de quatro países que se mantêm no topo das publicações em todos os casos analisados: Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá. Este pode ser

entendido enquanto o núcleo duro do debate realizado no interior dos periódicos, apesar da presença pontual de países como Itália, Holanda, Singapura e Austrália entre as 5 primeiras posições de algumas revistas. A presença forte destes outros países, contudo, não é mantida por tais nações enquanto uma constante em todos os periódicos.

Essa hegemonia, no interior do debate proporcionado pelas revistas, fica ainda mais patente ao se tomar em conjunto, a parte do total de publicações que cabe ao Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá nos periódicos. Se somados, os países dominam mais da metade do debate produzido nas revistas baseadas no continente europeu, com 53,08% dos artigos no *European Journal of Social Theory* e 69,95% em *Theory Culture and Society*, domínio que fica ainda mais evidente no caso dos periódicos norte-americanos, já que se alcança a notável cifra de 83,52% das publicações em *Theory and Society* e 91,59% em *Sociological Theory*.

Mais do que isto, também é possível perceber que entre estes quatro países, dois possuem maior destaque, Estados Unidos e Reino Unido, os quais, intercalam-se, em quase todas, entre as primeiras e segundas posições em número de publicações. Sozinhos, os dois países alcançam valores entre 40% e 50% do debate europeu, e 80%-90% do norte-americano. Contudo, é importante mencionar uma importante diferença, em se tratando da liderança em número de publicações, entre os periódicos baseados no Reino Unido e aqueles que ficam nos Estados Unidos, já que se faz perceber que a hegemonia dessas nações se faz sentir com maior presença nos periódicos baseados em seus próprios países. Isso significa dizer que, para além da percepção de que as revistas são dominadas por publicações de intelectuais de Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá, nota-se que há uma associação entre o domínio da maior parte do conteúdo publicado e o país onde a revista está baseada.

Contudo, por mais que fique clara a liderança de Reino Unido e Estados Unidos nas revistas baseadas em seus países, nota-se que a extensão deste domínio varia quando se observa a diferença entre os periódicos que estão na Europa e os da América do Norte. O olhar atento à pluralidade de países que compuseram o debate das revistas entre 2000 e 2016 e a extensão do domínio de cada um destes, permite notar que os periódicos baseados na Europa são mais plurais em comparação com os baseados na América do Norte. Tal reflexão fica patente ao se perceber

o número de nações que publicaram em cada revista, o que traz o *Theory Culture and Society* com 41 países como o periódico que juntamente com *European Journal Of Social Theory* (39), apresenta a maior diversidade de nações, enquanto *Theory and Society* (30) e *Sociological Theory* (25), baseadas nos Estados Unidos, mostram-se mais fechadas, com um número menor de nações distintas.

Além da diferença entre revistas europeias e norte-americanas no quesito número de países, também se infere que a extensão da hegemonia das nações sede, ou mesmo de nações do Norte Global, é menor nas revistas situadas na Europa. Nestas revistas é notável um certo compartilhamento do topo entre um número maior de países, principalmente da Europa, o que, contudo, não é encontrado nos periódicos americanos, já que países como Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá, possuem hegemonia maior.

Isso abre espaço para a percepção de que, para além daquele que poderia ser entendido como o núcleo duro do debate em publicações das revistas, respectivamente Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá, existe um segundo grupo de países que também tem presença constantemente alta nas publicações, por mais que não ultrapasse os quatro já citados. Este segundo conjunto de países é formado por Austrália, Holanda, França e Dinamarca. Essas nações, que têm sua presença reduzida apenas em *Sociological Theory*, formam uma classe de países que, se somada, atinge cifras de 15% dos artigos no *European Journal of Social Theory*, 11,21% em *Theory Culture and Society*, 7,3% em *Theory and Society* e 2,27% em *Sociological Theory*.

A partir disso, como pode ser visto na TABELA 06 a seguir, é possível compreender que nas revistas de teoria analisadas, o debate gira em torno, majoritariamente, da produção sociológica de apenas 8 países, os quais podem ser divididos entre: a) Um grupo que em geral domina as 4 primeiras posições, com altas cifras e constância no tempo (Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá) e b) Um grupo que compartilha em geral as posições que vão do quinto ao oitavo lugar, (Austrália, Holanda, França e Dinamarca) - com pequenas variações como no caso de *Sociological Theory*. Os dois grupos, se somados chegam a uma média de 74,62% do total de publicações, entre artigos e resenhas, das revistas baseadas no Reino Unido e 92,34% dos periódicos estadunidenses. Além disso fica patente a diferença entre as revistas

no quesito diversidade e extensão do domínio dos grupos A e B, já que nos periódicos baseados no Reino Unido, além de possuírem um maior número de países, possuem um domínio dos grupos A e B menos extenso do que as dos Estados Unidos.

Tabela 06: Frequência de Países por Grupo em Todas as Revistas (2000 – 2016)

País	EJST	TC&S	TS	ST
GRUPO A: Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá	53,08%	69,95%	83,52%	91,59%
GRUPO B: Austrália, Holanda, França e Dinamarca	15%	11,21%	7,3%	2,27%
GRUPO A + GRUPO B	68,08%	81,16%	90,82%	93,86%

A hegemonia, no topo, de países como Reino Unido, Estados Unidos, e Canadá pode ter uma considerável relação com o fato destes possuírem o inglês como língua oficial, o que poderia facilitar o processo de submissão e publicação dos artigos, já que em todas as revistas ambos processos são realizados em língua inglesa. Entretanto, é possível notar que países que também tem o inglês como uma língua oficial de suas universidades, como Índia ou África do Sul, não chegam a alcançar minimamente os percentuais de publicação daqueles que dominam o topo do debate, já que nenhum dos dois países conseguiu atingir nem mesmo 1% do total dos artigos nos periódicos em questão. Esses dados apontam para a necessidade de compreensão do fenômeno a partir do cenário geopolítico no qual estão inseridos.

Para compreender esta hegemonia de determinados países de língua inglesa nas revistas internacionais de teoria, é necessário dar sentido a como a produção científica está organizada na atualidade e, mais do que isso, como a noção de mérito ou prestígio acadêmico está interseccionada com desigualdades geopoliticamente distribuídas.

Assim como afirma Martín (2013), o mérito acadêmico, que permite a legitimação da produção de um intelectual no campo, também fundamenta a hierarquia interna deste, tendo em vista que a legitimidade de acessar, ou a condição de ser excluído de um debate, é determinada pela exigência de um suposto mérito do pesquisador. Segundo a autora, a maneira como este mérito acadêmico é estimado na produção científica contemporânea se limita, ao nível da produção, na capacidade de publicar do pesquisador, além do prestígio, ou impacto, dos

periódicos nos quais este publicou durante sua trajetória. Isto posto, publicar internacionalmente passou a se impor enquanto parâmetro fundamental de excelência acadêmica, pressionando aos intelectuais das ciências sociais aquilo que Martín (2013) chamou de lógica do “*publish or perish*”. Segundo esta lógica, publicar funciona enquanto uma forma de sobreviver no campo, permitindo ao pesquisador, não só, reconhecimento e relevância nos debates em que se insere, mas também o próprio acesso a cargos em universidades e centros de pesquisa além de financiamento para a realização de suas investigações. Esta lógica acaba por relegar os pesquisadores que não publicam a perecer nos debates internacionais de sua área, fazendo-os, como descreve Monteiro-Neves (2014), ocupar o papel de administradores de sua própria irrelevância.

É devido a isto que para alcançar mérito acadêmico, que lhe garantiria prestígio, influência ou mesmo relevância, no debate internacional, impõe-se ao pesquisador a tarefa de debruçar-se sobre a publicação internacional enquanto ocupação permanente. Levando em consideração que para realizar tal investida, toma-se o inglês enquanto língua franca, os intelectuais que possuem este como idioma nativo acabam possuindo maior facilidade em alcançar mérito acadêmico e conseqüentemente acesso aos debates internacionais. Devido a isto, nota-se que o acesso ao inglês enquanto língua nativa opera como um condicionante à reprodução de relações de desigualdade e hierarquia entre intelectuais nas ciências sociais, favorecendo pesquisadores de países de língua inglesa na investida de publicação em periódicos internacionais. Ao passo que a publicação permite a circulação do conhecimento produzido por estes pesquisados, conseqüentemente, acaba permitindo que tenham maior facilidade em alcançar influência sobre a produção das ciências sociais (MARTÍN, 2013).

Com base nisso, pode-se compreender que um dos possíveis condicionantes da forte penetração de Estados Unidos, Reino Unido e Canadá nos jornais analisados nesta dissertação, vincula-se ao modo como o domínio da língua inglesa é importante no processo de publicação e se faz mais presente entre intelectuais de países que tem essa como língua nativa.

Neste sentido, observa-se que a adoção do inglês enquanto língua franca, aliado a lógica do “*publish or perish*” que define o prestígio e acesso ao campo, reproduz um ciclo de fortalecimento da desigualdade no interior das ciências sociais. Isto porque, como afirma Martín

(2013) a internacionalização a partir da publicação em inglês, mais do que permitir o debate democrático e plural entre intelectuais do mundo, também acaba por consolidar “las desigualdades propias de la división del trabajo académico, favoreciendo principalmente las regiones ya dominantes” (GINGRAS e MOSBAH-NATANSON, 1986, p. 153 apud MARTÍN, 2013, p. 3)

A forte penetração de Estados Unidos, Reino Unido e Canadá nos jornais analisados, em hipótese, não se restringiria apenas à facilidade na escrita em inglês, mas também na aptidão a tomar objetos de pesquisa que se legitimam com maior facilidade por se ajustarem facilmente à língua do pesquisador. Esta outra dimensão se faz presente pois, assim como discute Ortiz (2004), a escolha do idioma tem fortes implicações cognitivas e epistemológicas sobre a produção do conhecimento, tendo importante papel da definição de temas sobre os quais giram as agendas de pesquisa. Ao passo que se estabelece uma língua enquanto meio universal de comunicação científica, acaba-se por solapar o fato de que esta carrega em si elementos típicos de uma visão de mundo que opera em uma realidade concreta. Esta característica, ao passo que beneficia os intelectuais de nações de língua inglesa, que possuem maior facilidade em se expressar na linguagem a partir da qual dão sentido ao mundo que os cerca, cria empecilhos para os intelectuais de outras nações, que encontrarão limitações em traduzir experiências sociais que não possuem equivalentes literais em tal linguagem. Isto dificulta os intelectuais de boa parte do Sul Global, como o caso da América Latina, África e Ásia, em apresentar nas suas publicações a mesma profundidade analítica que o seu idioma permite, necessitando adaptar o objeto estudado à uma linguagem que carrega representações que não se ajustam perfeitamente a ele.

Além de tais aspectos, cabe mencionar que a hegemonia do inglês enquanto principal meio de comunicação científico internacional, produz a guetificação de debates que ocorrem em outras línguas. O exemplo de Hanafi (2011) acerca dos sistemas universitários no Leste Árabe mostra como a marginalização do Árabe no debate realizado em periódicos contribui para que se produza uma clivagem entre o conteúdo publicado em revistas internacionais e locais. Segundo o pesquisador universidades, em sua maioria privadas, que formam seus pesquisadores em inglês tendem a inseri-los em uma lógica de publicação que possui os periódicos

internacionais enquanto objetivo, enquanto aqueles de instituições públicas, formados em Árabe tenderiam a publicar mais em revistas locais. O problema que se apresenta, além da dificuldade de se inserir no debate internacional tendo realizado a formação em Árabe, é que se percebe um grande abismo entre o conteúdo publicado nos periódicos internacionais, descolado de questões que interessem o debate local, e aquele publicado nas revistas em Árabe, que trata questões de interesse mais local e permanece invisível ao público internacional. Este caso aponta como a invisibilidade do debate realizado em outras línguas, que não o inglês, impacta a capacidade de diálogo na sociologia entre questões de interesse local e debates mais gerais da disciplina, fechando o campo em discussões sobre realidades, questões e objetos que não são vivenciadas, ou mesmo relevantes, para realidades locais fora do eixo Euro-Atlântico.

Os dados observados neste tópico, que apresentam a extensão do domínio de nações como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha em periódicos de teoria, reforça as reflexões teóricas que têm apontado para a concentração do debate das ciências sociais entre os intelectuais do Norte Global. Como tem a apontado a literatura, o processo de produção e circulação do conhecimento sociológico encontra-se inserido em um contexto marcado por profunda desigualdade entre as nações, tendo em vista as diferentes condições que permitem produzir conhecimento e divulgá-lo aos pares internacionais.

O estudo de Keim (2008), nos ajuda a compreender elementos que têm importante papel no condicionamento da desigualdade entre nações no campo sociológico os quais nos auxiliam a dar sentido ao contexto geopolítico sobre o qual aos dados aqui apresentados estão assentados. Ao propor um modelo de centro-periferia para analisar o processo de produção, difusão, recepção e comunicação acadêmica em nível internacional, Keim (2008) se utiliza das reflexões de Cardoso e Faletto (1979) para apontar elementos que condicionam as desigualdades e hierarquias nas ciências sociais hoje, as quais produzem o que a autora vem a chamar de dominação Euro-Atlântica. Entre os elementos levantados por Keim (2008) destaca-se a menção a dimensão de “Infraestrutura e Organização Interna”, que toca na importância da infraestrutura material e institucional à produção sociológica.

Segundo a autora nações da periferia global, incluindo-se aí regiões como África e

América Latina¹⁵, não contam com uma infraestrutura material que serve à produção das ciências sociais nas mesmas condições daquela presente em países do Norte. Nações do eixo euro-atlântico geralmente possuem estruturas físicas e institucionais mais próximas do que a autora chama de tipo ideal de uma sociologia desenvolvida, que seria caracterizado por uma alta institucionalização da disciplina, a partir de centros de pesquisa e ensino, além da presença de periódicos destinados à publicação de artigos acadêmicos e associações que organizam os intelectuais Keim (2008).

Para a estruturação deste ambiente acadêmico faz-se necessário contar com um financiamento que permita desde a construção de aparatos físicos como universidades, centros de pesquisa e salas de aula, até a realização de pesquisas e o pagamento de salários aos pesquisadores e acadêmicos. Além disso, o elemento financiamento é deveras importante à possibilidade de publicação do conhecimento produzido, que permitiria a circulação deste entre os pares. A dificuldade de financiamento se torna uma questão crítica nas nações do Sul onde as oportunidades de acessar editoras, livrarias, bibliotecas bem equipadas e tecnologias que permitam a comunicação de informações com os pares, é bem mais reduzida do que nos grandes centros euro-americanos CANAGARAJAH (2002).

Neste sentido, observa-se que para além dos quesitos relativos ao domínio da língua inglesa, a literatura aponta para a importância da estrutura material enquanto um dos condicionantes que pode explicar a hegemonia de países ricos como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha nos periódicos aqui analisados. A maior facilidade em ter acesso a estruturas materiais como financiamento para pesquisa, bibliotecas, bases de dados e editoras pode ser elencado enquanto um elemento fundamental para compreender a hegemonia de tais nações nos periódicos aqui analisados.

Contudo, além dos elementos referentes à língua, e a estrutura material que condicionam diretamente as desiguais condições em produzir, comunicar e fazer circular o conhecimento

¹⁵ É importante mencionar que este argumento deve ser observado com cautela, já que países do Sul Global como Brasil, África do Sul e Índia contam estruturas físicas e institucionais que em certos casos se assemelham às dos grandes centros do Norte. Contudo, mesmo em tais países, dificuldades relativas a infraestrutura e financiamento podem ser encontradas e devem ser levadas em consideração à capacidade de seus pesquisadores em realizarem suas pesquisas e submeterem artigos em periódicos internacionais.

sociológico no mundo, é importante perceber-se o notável papel da divisão internacional do trabalho intelectual na reprodução das hierarquias e papéis sobre as quais se estrutura a produção sociológica internacional. Autores como Syed Alatas, Hussein Alatas, Paulin Hountondji, Raewyn Connell, têm se aprofundado em descrever as hierarquias no campo sociológico a partir da noção de divisão internacional do trabalho intelectual, apontando a centralidade que a hegemonia do Norte em produção teórica adquire na estruturação de relações de dependência e subordinação intelectual.

Como apontado por Alatas (2003), a divisão entre trabalho teórico e empírico é um dos fundamentos da hierarquia entre nações do Norte e Sul Global na produção de conhecimento sociológico, já que nas nações do centro realizar-se-ia tanto atividades relacionadas ao campo teórico quanto trabalhos empíricos, enquanto aos países do Sul a atividade teórica seria preterida em comparação aos estudos de caso. Mais do que uma simples divisão entre os tipos de atividade realizadas internacionalmente, este sistema estrutura relações de dependência e subordinação estreitamente relacionados à hegemonia do Norte na produção teórica, a qual, como aponta Connell (2012), tem um caráter estratégico na geopolítica do conhecimento sociológico. A teoria, a qual é capaz de definir a legitimidade de agendas de pesquisa, objetos, técnicas e metodologias, ao ser majoritariamente produzida e debatida por intelectuais e instituições do Norte, garante também a estas nações o poder organizativo e gerencial de apontar os caminhos nos quais a disciplina deve seguir, o que facilita a própria reprodução de intelectuais do Norte em debates teóricos.

Destarte, a percepção, a partir dos dados analisados neste tópico, de que nas revistas de teoria sociológica analisadas existe uma forte hegemonia de produções de intelectuais do Norte, mais especificamente em nações como Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha, também pode ser entendida como um reflexo da própria estrutura da divisão internacional do trabalho intelectual. Ao passo que a produção teórica se mantém dominada por intelectuais de países do Norte, as próprias relações de poder que lhe são correspondentes, auxiliam na reprodução destes pesquisadores enquanto os que mais publicam nos periódicos internacionais de teoria.

Neste tópico foi possível observar o perfil nacional geral dos pesquisadores que

publicaram em *European Journal of Social Theory*, *Theory Culture and Society*, *Sociological Theory* e *Theory and Society*, durante o intervalo de 2000 – 2016. Notou-se a considerável hegemonia de quatro nações do Norte Global, que se mantêm no topo do número de publicações das quatro revistas: Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha. Além disso, foi possível perceber um segundo grupo de países que também possui considerável penetração nos periódicos, Austrália, Holanda, França e Dinamarca, os quais, todavia oscilam em algumas revistas, não atingindo sempre os quatro primeiros lugares. Observou-se que estas oito nações, boa parte pertencentes ao eixo Euro-Atlântico, com exceção da Austrália, concentram sozinhas entre 50% e 90% dos debates realizados nos periódicos. Com base na literatura que tem discutido a geopolítica do conhecimento nas ciências sociais foi possível elencar alguns elementos que podem explicar a hegemonia destas nações nos periódicos, entre os quais pode-se citar a importância do domínio da língua inglesa no processo de publicação, o papel das bases materiais na produção e disseminação do conhecimento e a estrutura da divisão internacional do trabalho que condiciona pesquisadores do Norte a uma posição de poder no debate teórico.

No tópico a seguir, esta pesquisa se debruça na compreensão do perfil dos comitês editoriais nos periódicos, de forma a complementar a análise de perfil iniciada neste tópico. Faz-se uma relação do perfil nacional dos editores das revistas e levanta-se um paralelo entre a presença em comitês editoriais e a frequência de publicações entre nações. Além disso, partir da análise de casos de nações específicas busca-se explorar de que forma a relação entre presença em comitês editoriais e frequência de publicações nos periódicos poderia se dar de maneira concreta.

Eixo 2 - O Perfil dos Comitês Editoriais

Ao analisar a composição dos comitês editoriais das revistas é possível perceber que estes espaços também são impactados pela desigualdade entre regiões no mundo, expressando o contexto geopolítico no qual a produção e circulação do conhecimento se insere. O olhar sobre o país de vínculo dos editores destes periódicos nos permite compreender que a hegemonia das nações do Norte Global, encontrada no tópico anterior, que tratou da frequência de publicações, também se repete no que diz respeito a composição dos comitês editoriais.

Além da hegemonia do Norte como um todo, nota-se que as nações com maior

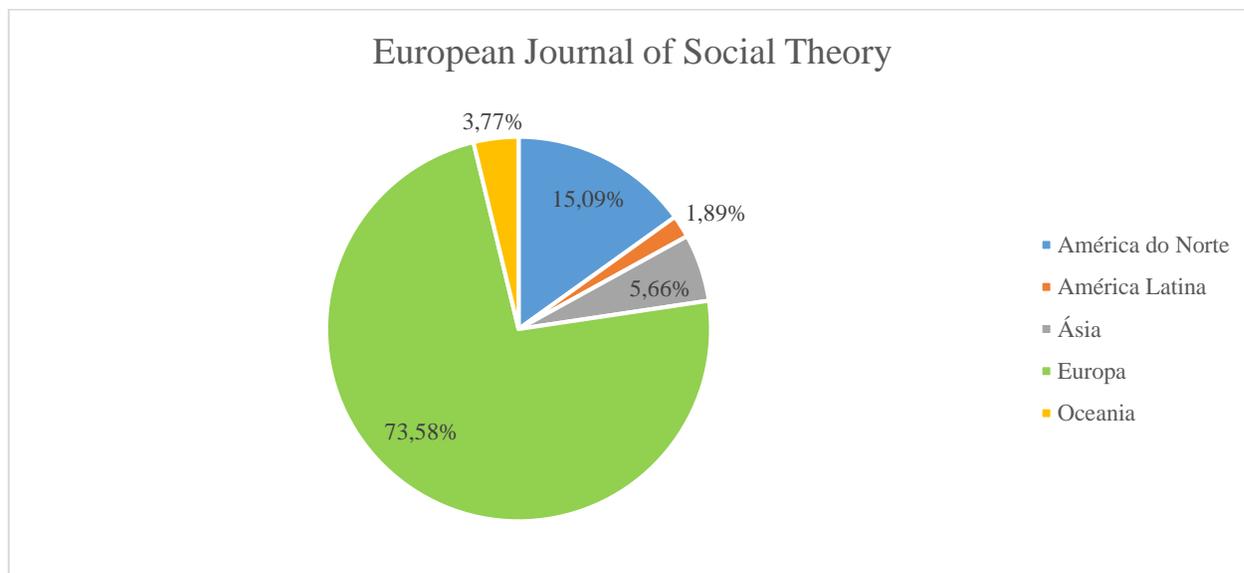
participação na frequência de publicações também possuem considerável número de editores nos comitês das revistas analisadas. De imediato é possível perceber como em todas as revistas existe uma forte presença de autores do que foi chamado no tópico anterior de países do “Grupo A”, ou seja, o núcleo dos países que concentram a maior parte do debate realizado nos periódicos, os quais, conseqüentemente, ocupam as primeiras posições em frequência de publicações.

No que diz respeito aos periódicos baseados no continente Europeu, *Theory Culture and Society* e *European Journal of Social Theory*, todos os países do Grupo A, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá possuem representantes. Assim como no caso da frequência de publicações, a nação onde a revista está baseada é aquela que possui o maior número de editores.

No caso do *European Journal of Social Theory* o Reino Unido possui, com 40 membros, 37,74% do comitê editorial em EJST, enquanto as outras nações do grupo A, como os Estados Unidos, Alemanha e Canadá possuem respectivamente, 13,21%, 5,66% e 3,77%. Ainda no caso da *European Journal of Social Theory* também se nota a presença, no topo, dos membros do Grupo B, que compreende os países que também possuem forte presença em frequência de publicações, como o caso da França com 5,66%, Austrália 3,77% e Dinamarca com 1,89%. A Espanha, com 7,55% dos editores, um total de 4 membros, alcança uma singular inserção no comitê da revista, a qual não se repete nos outros três periódicos analisados nesta dissertação.

Como pode ser notado no GRÁFICO 01 a seguir, acompanhado da forte presença de autores dos Grupos A e B, e como consequência desta própria concentração, é possível notar que as nações do Norte Global, entendido como o continente Europeu e Norte-Americano, concentram 88,67 do comitê editorial em EJST. Entre as nações fora do eixo Euro-Atlântico, a Ásia manifesta as melhores cifras, com 5,66% dos editores, seguida dos 3,77% da Oceania e 1,89% da América Latina. Nota-se que, o continente africano não possui nenhum representante no comitê editorial do periódico.

Gráfico 01: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em European Journal of Social Theory



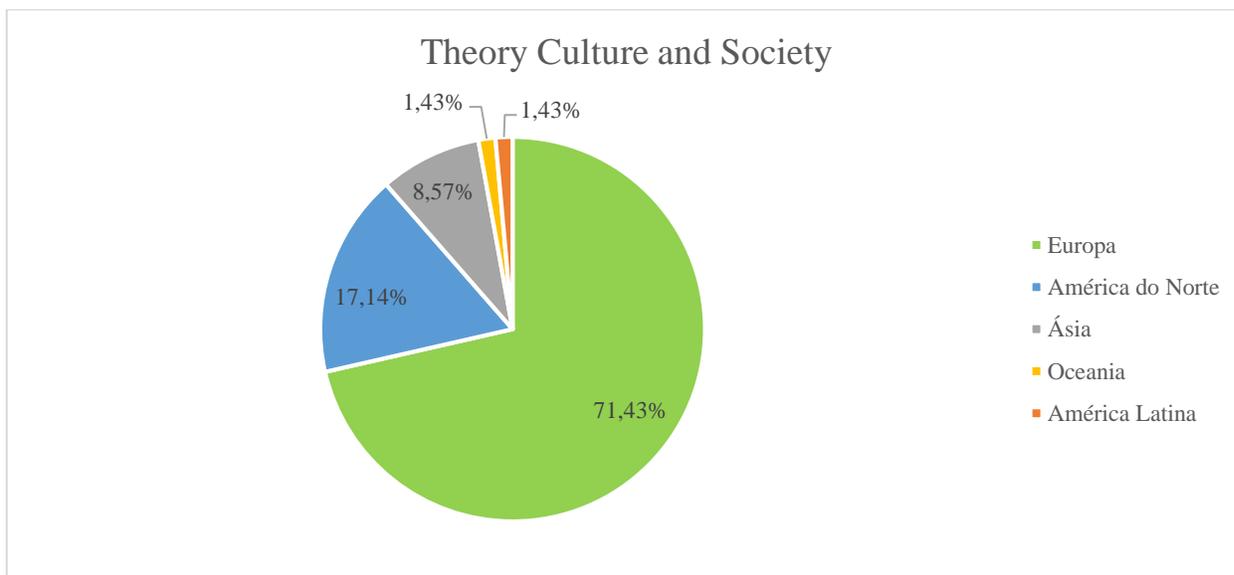
Além disso, é importante citar que apesar da presença de membros do comitê editorial advindos de nações que não estão na Europa ou América do Norte, como Brasil, Turquia, China, Israel e Austrália, nenhum destes ocupa cargos de chefia no comitê editorial da revista, nem menos as posições de editores associados, mantendo-se apenas na condição de membros do comitê internacional.

A segunda revista baseada no Reino Unido, *Theory Culture and Society*, também apresenta padrões semelhantes ao *European Journal of Social Theory*, principalmente no que diz respeito à majoritária presença dos países do Grupo A em seu comitê editorial com ênfase ao próprio Reino Unido. Dos 71 membros do comitê editorial da revista, 57 pertencem ao grupo formado por Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá, os quais possuem respectivamente, 56,34% 12,68%, 5,63% e 4,24% dos integrantes, ocupando nesta ordem as 4 primeiras posições em número de editores. A presença de membros do Grupo B também se repete com 2,82% da França, 1,41% da Holanda e 1,41% da Austrália. Assim como no caso da EJST alguns países apresentam uma presença singular na equipe editorial como o Japão com 4,23% das publicações e Singapura com 2,82%.

Ao se analisar a diferença entre regiões nota-se, assim como em EJST, o quanto a equipe

editorial de TCS está fechada em nações do Norte Global, já que o continente Europeu, com 71,43% dos editores se somado com a América do Norte, possuidora de 17,14%, controlam sozinhos 88,48% de todas as publicações, valor extremamente semelhante aos 88,67% da EJST. A ordem entre as nações do Sul também se repete no caso da TCS, agora com uma parcela maior para a Ásia, representada por Singapura, Japão e Israel, com 8,57% dos membros e a Oceania e América Latina com 1,43% cada. Assim como em EJST, a África não possui nenhum membro.

Gráfico 02: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em Theory Culture and Society



A concentração dos cargos de chefia no comitê editorial entre nações do Norte também se repete em *Theory Culture and Society*, com a presença majoritária de pesquisadores do Reino Unido, em sua maior parte vinculados às Universidades de Goldsmiths, York e Southampton, porém cabe ressaltar a presença de um membro de Singapura entre os membros do núcleo de chefia. Os outros integrantes, advindos de nações do Sul Global, assim como em EJST ocupam apenas a posição de editores do quadro internacional.

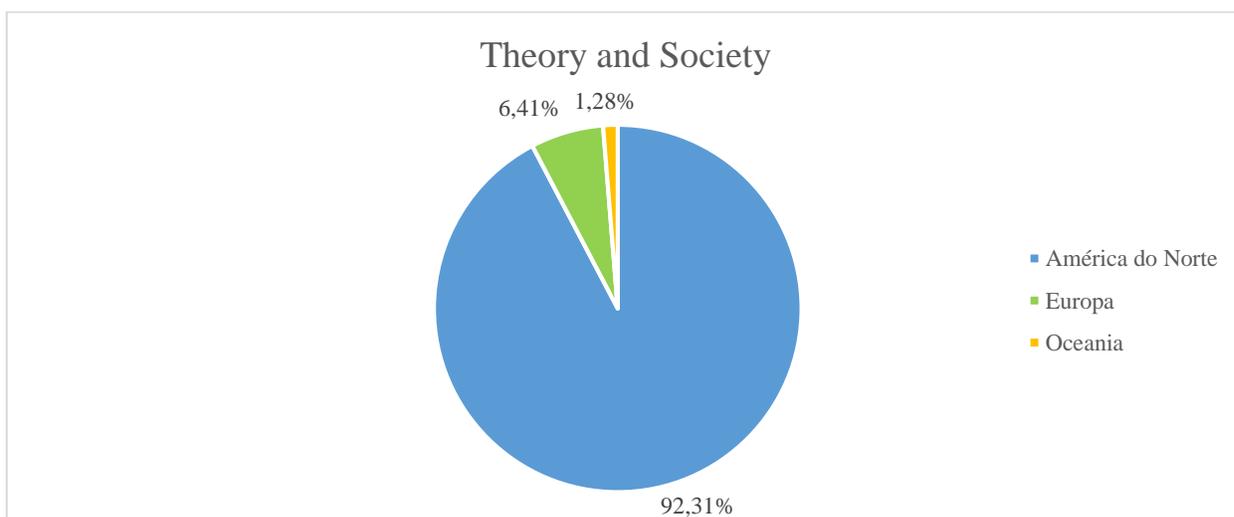
Ao se analisar as revistas baseadas nos Estados Unidos, *Theory and Society* e *Sociological Theory*, a presença de países do Grupo A, também se mantém forte, todavia sem a presença da Alemanha. Além disso, outra semelhança entre os periódicos baseados na América do Norte e aqueles da Europa é o fato de que no caso estadunidense também existe um paralelo entre as nações com maior número de publicações nos periódicos e a composição das equipes

editoriais. Também se percebe que o país sede da revista é aquele que possui a maior parte dos editores. Contudo, vale ressaltar que os comitês editoriais das revistas baseadas nos Estados Unidos são muito mais fechados em pesquisadores baseados nesta nação, além de serem menos plurais na totalidade de seus membros.

No caso da revista *Theory and Society*, os Estados Unidos possuem com 71 membros, 91,03% da composição do comitê, enquanto as outras nações do grupo A, como Reino Unido, e Canadá possuem apenas 1,28% cada. Assim como o padrão Europeu, é possível notar a presença de membros do Grupo B, como a Holanda com 2,56% e Austrália com 1,28%. O pouco plural comitê de *Theory and Society* é totalizado com apenas mais dois países, Suíça e Itália, os quais com 1 membro cada, possuem a marca de 1,28%

Assim como as revistas europeias, a *Theory and Society* concentra a composição de suas equipes em membros de nações do Grupos A e B, o que contribui para que o Norte Global, tenha 98,72% de todo o comitê, dado que só não chega a 100% pela presença de um editor vinculado à Austrália. Os continentes latino-americano, asiático e africano não alcançam nenhum representante, o que aponta o quão pouco plural é o debate produzido no periódico, dado que é agravado pelo fato das posições de chefia dentro do comitê serem quase todas monopolizadas por pesquisadores da Universidade da Califórnia em Davis e da Universidade do Missouri-St. Louis. Estas informações podem ser observadas no GRÁFICO 03 abaixo:

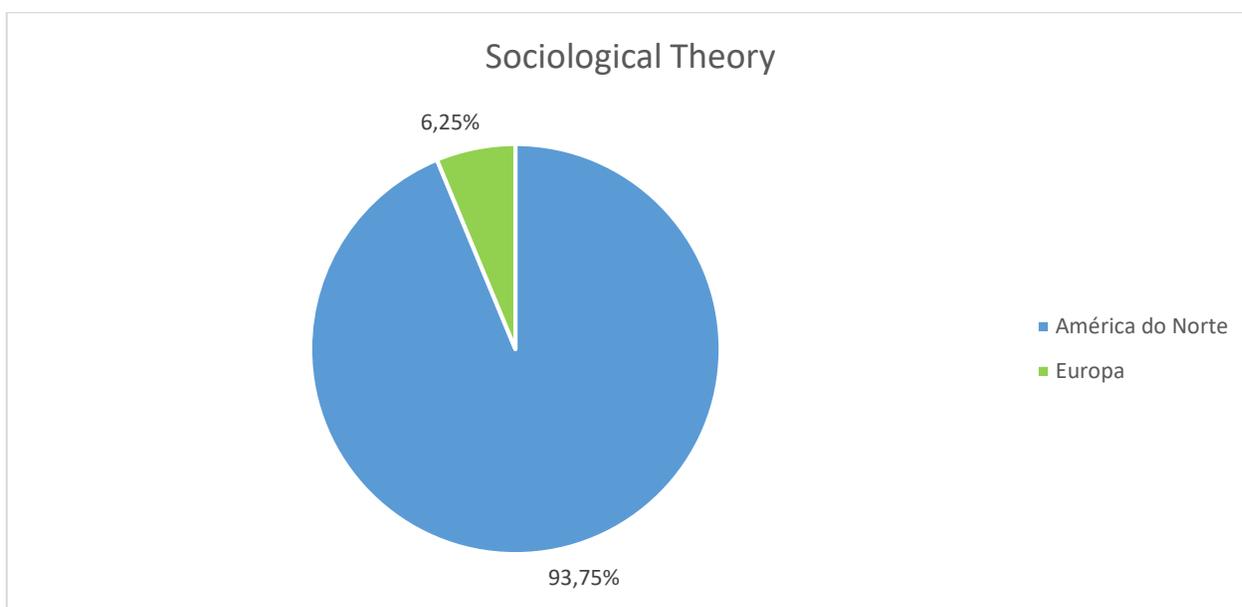
Gráfico 03: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em Theory and Society



No caso da segunda revista Norte-Americana, a concentração entre os membros de comitê em países dos Grupos A fica ainda mais aguda, com a já citada exceção da Alemanha. Dos 32 membros do comitê editorial da revista, 31 pertencem ao grupo formado por Reino Unido, Estados Unidos, Canadá, com 3,13%, 87,50% e 6,25% respectivamente. A única nação além das 3 citadas que também está presente no comitê é a Holanda, que pertence ao Grupo B, de países com forte presença em publicações, e que neste caso contou com 1 único editor, assim como o Reino Unido.

Estes dados fazem com que ao se analisar a diferença entre regiões, *Sociological Theory* se apresente como a revista mais fechada regionalmente e com membros de nações do Norte. A América do Norte alcança 93,75% do total de editores seguida da Europa com 6,25%, valores ainda mais altos do que a já citada *Theory and Society*. Neste caso, além de África, Ásia e América-Latina, fica de fora a presença de membros da Oceania. Os cargos de chefia também são ocupados por editores norte-americanos, os quais, contudo, tem vínculos a universidades diversas nos Estados Unidos e além disso pode-se perceber que o periódico não faz uma distinção entre editores associados e um quadro de editores internacional, circunscrevendo ainda mais a revista ao país de sede.

Gráfico 04: Frequência de Regiões no Comitê Editorial em *Sociological Theory*



Estes dados mostram como os comitês editoriais das revistas estudadas são majoritariamente compostos por intelectuais do Norte Global, o que comprova a hipótese inicial sobre o tema. Mais do que isso percebe-se uma forte frequência de países que também possuem altos números de publicações, principalmente Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha e Canadá. Foi possível observar que a presença de membros de nações do Sul Global¹⁶ é bastante pequena, o que se agrava nos periódicos baseados nos Estados Unidos. Tais dados levantam reflexões acerca de uma possível correlação entre membros em comitês editoriais e frequência de publicações, o que favoreceria intelectuais do Norte Global que dominam os comitês. Todavia tal correlação não pode ser inferida apenas pela constatação de que as duas variáveis estão presentes ao mesmo tempo no caso observado, o que poderia levar o pesquisador a sustentar uma correlação espúria. Com o interesse em construir nexos que possam indicar de que maneira a presença em comitês editoriais e a frequência de publicações podem estar interligadas, realiza-se, no tópico a seguir, um breve estudo sobre países que possuem uma forte inserção apenas no *European Journal of Social Theory* e, ao mesmo tempo, possuem editores neste periódico.

Comitês Editoriais – Análises de casos específicos

A relação entre publicações de um país e a participação deste em comitês editoriais, por mais difícil que seja de inferir apenas pelo levantamento quantitativo do perfil das publicações e dos editores, pode ser melhor compreendida a partir de uma análise mais aprofundada em alguns casos de países específicos. Apesar da forte concentração já mencionada das publicações entre um pequeno número de nações, é possível notar que algumas possuem uma singular inserção em determinados periódicos. Nota-se que determinadas revistas possuem um número consideravelmente elevado de publicações com origem em países que não sustentam tais médias em outros periódicos, ao contrário do que é percebido nas aqui chamadas nações do Grupo A.

Se analisadas as revistas europeias é possível perceber que a maior parte dos países que têm uma presença forte apenas em periódicos específicos, também possui penetração nos

¹⁶ É importante mencionar que alguns países do Sul Global conseguem penetrar nestes comitês como o caso de Singapura. Contudo faz-se necessário observar que existem desigualdades consideráveis entre países do Sul Global o que faz Singapura deoar pelas melhores condições de infraestrutura de suas instituições além de ser um polo que atrai pesquisadores do Norte por conta da oferta de salários altos.

comitês editoriais das mesmas revistas. No caso da *European Journal of Social Theory*, dos três países nesta condição, Itália (62), Espanha (13) e Chile (8), todos possuem¹⁷ membros nos comitês editoriais. A Itália possui dois membros que integram o comitê internacional enquanto a Espanha possui 1 editor chefe, 1 editor assistente e 2 editores internacionais, enquanto o Chile possui 1 membro de comitê internacional.

No caso da *Theory Culture and Society*, esse padrão também pode ser encontrado, com poucas exceções. Dos países com forte entrada na revista, que não pertencem aos grupos A e B, podem ser citados: Singapura (66), Brasil (21), Japão (19), Itália (18), China (18), Israel (16), Finlândia (12) e África do Sul (11). Entre estes, apenas Israel, Finlândia e África do Sul não possuem membros nos comitês editoriais, enquanto Singapura possui 1 editor de números especiais, Itália 1 editor associado e 1 do *editorial board*, Brasil possui um 1 editor associado, Japão 3 editores associados e a China 1 editor associado.

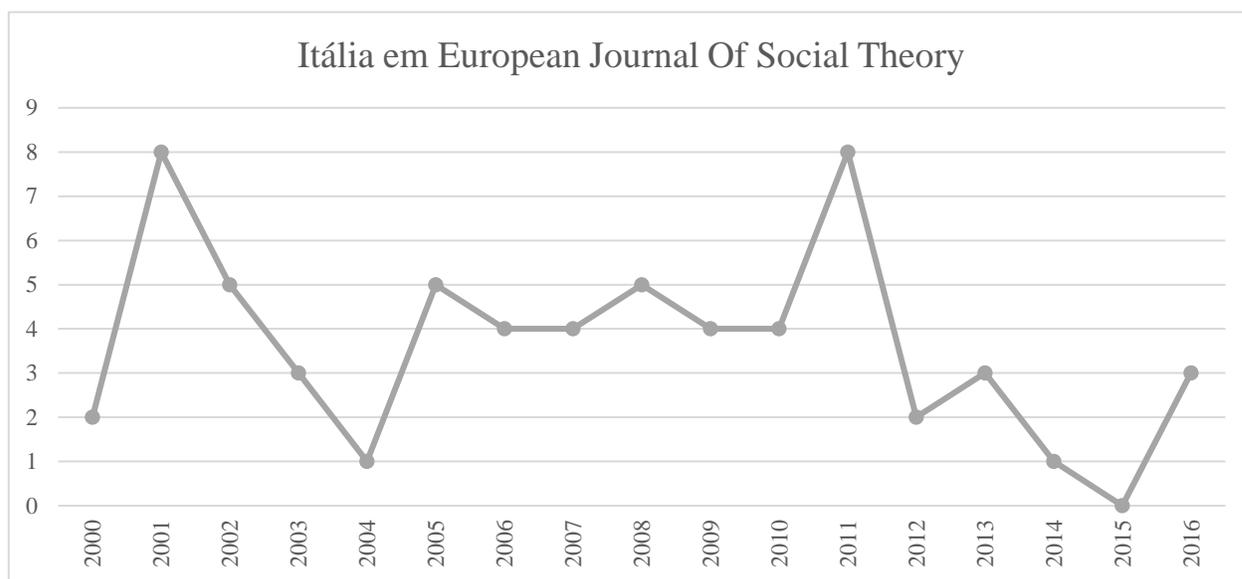
Com o interesse em compreender a possível relação entre a frequência de publicações e a presença em comitês editoriais, realizou-se um levantamento do perfil dos intelectuais que publicaram no *European Journal of Social Theory* advindos de países com esta forma de inserção singular. Este levantamento foi acompanhado de um breve estudo da trajetória dos editores destes países, apontando a possível relação entre a presença destes nos comitês e o aumento no número de publicação de conterrâneos.

No *European Journal of Social Theory*, o caso italiano apresenta características que ajudam a reforçar a correlação entre número de publicações e presença em comitês editoriais. Isto porque os dois maiores picos de publicações de autores Italianos ocorreram em anos em que os próprios editores estavam publicando, mais especificamente os anos de 2001 e 2011. Das 62 publicações do país 10 foram realizadas pelos dois editores que o país possuiu entre 2000 e 2016, sendo 7 publicações de Paul Blokker, editor de 2009 a 2015, e 3 de Peter Wagner, editor de 1998 a 2007. Mais do que isto, é importante citar que estes intelectuais publicaram nos periódicos, majoritariamente, apenas no período em que eram editores dos mesmos, o que pode

¹⁷ Faz-se necessário pontuar que o fato desses países possuírem membros nos comitês não implica que os editores tenham nacionalidade nestes países. O critério de classificação utilizado aqui diz respeito ao local onde os pesquisadores estão baseados e não a sua nacionalidade.

ser notado pelo fato de Paul Blokker ter publicado 6 de seus 7 artigos nos anos de, 2009, 2011, 2014 e apenas um em 2005, antes de fazer parte do comitê editorial, enquanto Peter Wagner publicou seus 3 artigos no ano de 2001, quando também era editor. Este comportamento pode ser visto no GRÁFICO 05 a seguir:

Gráfico 05: Frequência de publicações da Itália em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



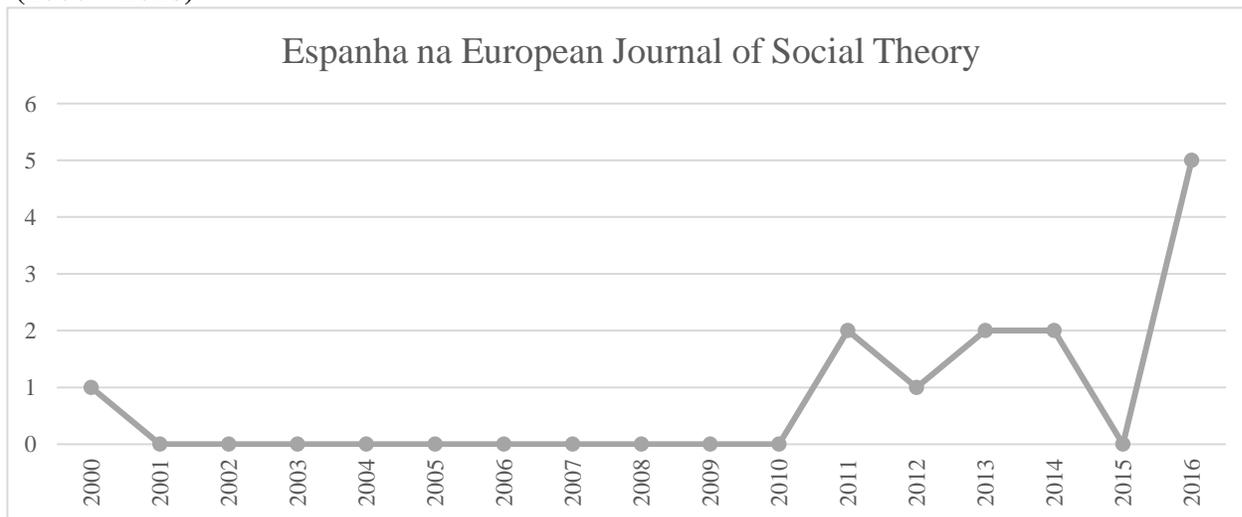
Paul Brokker, segundo dados de sua página na internet, recebeu seu PHD no *European University Institute* em 2004, localizado na cidade de Florença na Itália. Sendo atualmente professor da instituição, na cadeira Jean Monnet. Todavia, durante a maior parte de seu período como editor no *European Journal of Social Theory*, esteve vinculado à Universidade de Trento, entre os anos de 2008 e 2012, na qual realizou a pesquisa *Constitutional Politics in post-Westphalian Europe*. Já Peter Wagner, atual professor no Departamento de Teoria Sociológica da Universidade de Barcelona foi professor do *European University Institute* entre os anos de 1999 e 2006, período no qual foi *Deputy Editor* da *European Journal of Social Theory*.

É possível perceber uma relação entre a biografia destes intelectuais, no que diz respeito aos vínculos com as instituições citadas, e o comportamento, no tempo, da presença destas instituições no *European Journal of Social Theory*. Nota-se, analisando no tempo a presença da Universidade de Trento nas publicações, que do total de 10 publicações advindas de autores

vinculados à instituição, 8 deles foram realizados no período em que Paul Brokker manteve vínculo com esta. Além disso, durante o período em que Peter Wagner esteve vinculado ao *European University Institute*, foi quando tal instituição alcançou a maior concentração em número de publicações em EJST. Das 15 publicações advindas de autores do *European University Institute*, 14 foram realizadas entre os anos de 2000 e 2006. Estes dados apontam para uma possível relação entre a presença destes membros de comitês editoriais com as publicações no *European Journal of Social Theory* de intelectuais de suas instituições de vínculo. Isto nos permite perceber que enquanto estes indivíduos eram editores no periódico, outros intelectuais de suas instituições e departamentos tinham maior número de publicações na revista, o que desaparece nos períodos em que os intelectuais ou não são mais editores ou não pertencem mais a instituições.

No caso da Espanha a relação entre a presença de editores e número de publicações também se faz presente. Contando com 4 editores na *European Journal of Social Theory*, dos 13 artigos publicados 5 foram de editores, entre os quais, contudo, apenas 2 publicaram, Esperanza Bielsa e o já citado no caso Italiano Peter Wagner, que também trabalhou na Espanha. É notável a diferença no tempo em publicações de intelectuais com vínculo na Espanha, já que se percebe que o país só passa a publicar na revista, com frequência mais forte, a partir do ano de 2011. O que pode ser notado no GRÁFICO 06 a seguir.

Gráfico 06: Frequência de publicações da Espanha em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



É importante notar que Peter Wagner, que fora professor *no European University Institute* na Itália até 2006, passou a integrar, a partir de 2010, o corpo docente da Universidade de Barcelona, processo que é acompanhado pelo protagonismo desta instituição em publicações no EJST durante o intervalo 2011 – 2016, a qual possui 8 das 12 publicações no intervalo. Dos 12 artigos que são publicados por intelectuais vinculados a instituições espanholas Peter Wagner lidera a lista com o maior número de artigos, um total de 3 publicações, que ocorreram nos anos de 2011, 2014 e 2016, este é seguido por outra editora da EJST, Esperanza Bielsa, que publicara nos anos de 2011 e 2016, todavia não sendo vinculada à Universidade de Barcelona, integrando o corpo docente da Universidade Autônoma de Barcelona.

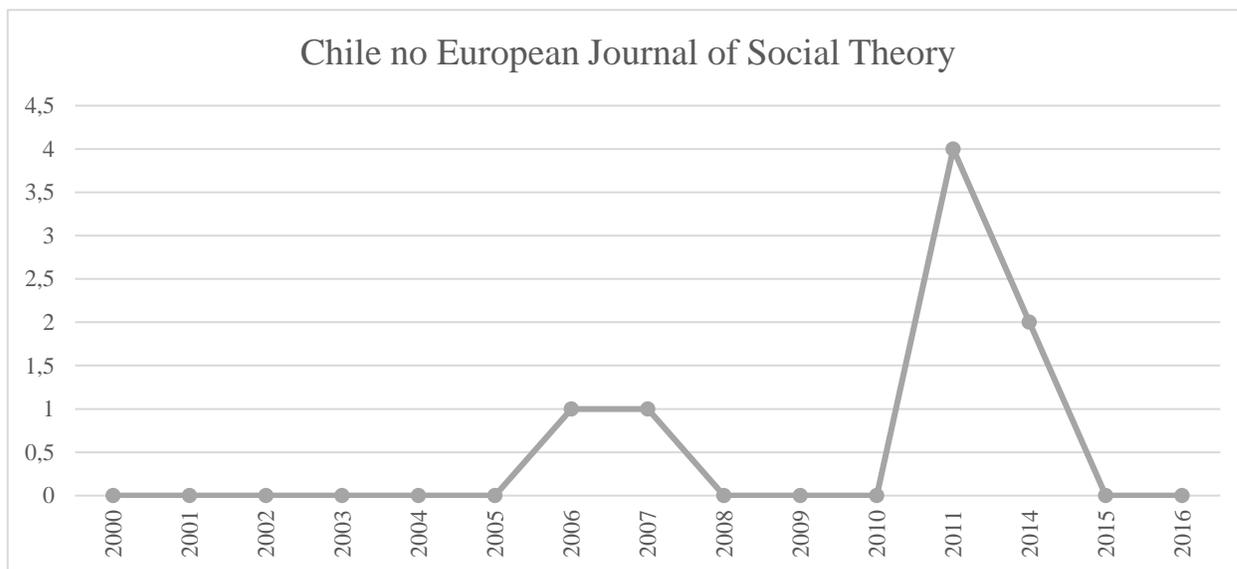
Apesar de apenas 2 dos 4 editores baseados na Espanha terem publicado no EJST, a possível importância destes na abertura de portas para outros pesquisados baseados na Espanha também é possível de ser notada pela existência de redes de Peter Wagner e outros 2 pesquisadores espanhóis que também publicaram na revista. Essa relação se dá pelo fato de Peter Wagner coordenar o projeto de pesquisa *Trajectories of Modernity –TRAMOD*, que trata da pluralidade da modernidade no contexto global, ao qual também estão vinculados 2 outros pesquisadores espanhóis que publicaram no entre 2011 e 2016, David Casassas e Nathalie Karagiannis, ambos da Universidade de Barcelona. Tais elementos levantam indícios que reforçam a correlação entre a presença de membros em comitês editoriais e a possibilidade de publicação em tais revistas.

O último país mencionado enquanto uma nação com singular inserção na EJST é o Chile. A presença deste país na lista advém do fato de que entre as quatro revistas de teoria analisadas nesta dissertação de mestrado o Chile só possui publicações na *European Journal Of Social Theory*, com um total de 8 publicações, valor que pode ser considerado alto tendo em vista a média das publicações de latino-americanos no próprio EJST. Além deste fato, também é notório que entre os periódicos analisados, o *European Journal of Social Theory* é o único que possui, entre seus membros de comitê editorial, um intelectual com vínculo no Chile, Daniel Chernilo.

Daniel Chernilo, PhD em sociologia pela universidade de Warwick, trabalhou como

professor da Universidade Alberto Hurtado do Chile entre os anos de 2004 e 2009, depois vindo a integrar o corpo docente da Universidade de Loughborough no Reino Unido desde 2010 até hoje. De acordo com o seu currículo publicado no site Academia, Daniel Chernilo passou a integrar o comitê editorial do *European Journal of Social Theory* no ano de 2006, cargo que continua a exercer até o momento. Ao analisar-se a frequência de publicações de intelectuais vinculados a instituições Chilenas é possível notar primeiramente que o primeiro pico de publicações ocorrera nos anos de 2006 e 2007, nos quais foram publicados dois artigos com a autoria de Chernilo, o que aponta para a relação estudada aqui entre frequência de publicações e presença em comitês editoriais. A frequência de publicações do Chile pode ser observada no Gráfico 07 a seguir:

Gráfico 07: Frequência de publicações do Chile em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



Contudo, percebe-se que no segundo momento de maior número de publicações, o ano de 2011, publicam na EJST pesquisadores que não pertencem à Universidade Alberto Hurtado, mas mantinham vínculo com a *Pontificia Universidad Católica do Chile* e a *Universidad Diego Portales*. No ano de 2014 outros pesquisadores chilenos voltam a publicar, com vínculo também à Universidade Diego Portales. Apesar do fato da maior parte das publicações chilenas não advirem da mesma universidade na qual Daniel Chernilo fora professor nos anos de 2004 e

2009, ao analisar-se a sua trajetória é possível notar que o mesmo trabalhou como professor visitante na instituição entre os anos de 2014 e 2016, além do fato de ter publicado um livro no ano de 2010 pela editora desta universidade e ter intenso fluxo na instituição por meio de palestras, apresentação de papers e participação em eventos. Além disso, é possível destacar que Chernilo veio a publicar em conjunto, no ano de 2017 com um dos autores da Universidade Diego Portales, Rodrigo Cordero, que já havia publicado no ano de 2014, o que reforça a formação de redes entre Chernilo e pesquisadores de outras universidades do Chile.

Essas reflexões acerca dos casos da Itália, Espanha e Chile na *European Journal of Social Theory*, nos ajudam a apontar elementos que contribuem para o reforço da hipótese de que a presença em comitês editoriais está relacionada com a frequência de publicação de pesquisadores da mesma nação que o editor. É possível notar, estudando casos singulares de penetração nas revistas, que alguns pesquisadores que publicam nos periódicos tendem a estar relacionados ao editor a partir de redes de pesquisa ou mesmo por fazerem parte dos mesmos departamentos ou instituição. Estes dados reforçam a importância das redes entre intelectuais no processo de publicação internacional e apontam formas de inserção alternativas encontradas por pesquisadores que não pertencem ao núcleo hegemônico de países que possui maior circulação em periódicos internacionais, como o caso do Chile.

A relação entre a presença em comitês editoriais e publicações de intelectuais da mesma nação que o editor também já havia sido encontrada no estudo de Martín (2013) que estudou o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual na revista *Current Sociology*, da Associação Internacional de Sociologia (ISA).

Martín (2013), afirma em seu trabalho que, entre 1999 e 2009, mais de 70% das publicações da revista da associação eram de autores filiados a instituições da Europa e América do Norte, fenômeno que segundo ela poderia ser explicado primeiramente pelos europeus constituírem a maior parte dos membros da ISA, mas também pela afiliação institucional dos editores da revista. Segundo ela, o periódico possui em sua história um número considerável de editores europeus, com ênfase ao Reino Unido. Tom Bottomore da *London School of Economics*, Margareth Archer da Universidade de Warwick, Julia Evetts da Universidade de Nottingham e Dennis Smith da Universidade de Longhroborough, são exemplos de editores

britânicos que exerceram papéis seja na condição de editores regulares ou editores de volumes monográficos.

A tese sobre a relação entre a presença em comitês editoriais e publicações de intelectuais da mesma nação que o editor é trabalhada com mais afinco por Martín (2013) ao falar sobre a gestão de Susan McDaniel, autora canadense baseada na Universidade de Lethbridge, os autores canadenses passaram a ocupar a terceira maior posição em número de publicações, chegando a um total de 10% dos artigos publicados na revista. Dados como estes, que expõem o crescimento de nações específicas durante determinada gestão editorial, ajudam a fortalecer o argumento de que a presença de intelectuais do norte global em comitês de revistas internacionais de teoria favorece a reprodução de seus países no todo do número de publicações.

Contudo, é importante mencionar, como bem indica Martín (2013) que a correlação entre a presença em comitês editoriais e publicações de intelectuais da mesma nação que o editor, não pode ser compreendida enquanto produto de um favorecimento direto e com interesses ilegítimos dos editores em relação a conterrâneos. Segundo a autora, para além de uma atitude direta e interessada em beneficiar colegas ou compatriotas, a presença de um editor no comitê de uma revista torna àquela mais visível para intelectuais da mesma região, além de facilitar o convite a realizar pareceres, fator que contribui para o próprio conhecimento acerca dos critérios de avaliação das revistas. Além disso, o próprio convite à submissão de publicações também se apresenta enquanto elemento que favorece as redes dos próprios editores.

Tais reflexões podem então nos servir de fonte para ler os dados deste tópico, ao mostrarem como o papel, por mais indireto que seja, da presença em comitês editoriais ajuda a definir os países e regiões que compõem o debate de uma revista. Isto posto, esta questão permite-nos compreender como a presença em comitês editoriais também opera enquanto elemento importante à reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual. Isto se dá porque ao passo que revistas de teoria, como as que foram analisadas nesta dissertação, encontram-se dominadas por comitês editoriais compostos por intelectuais do Norte, observa-se uma tendência a que intelectuais das mesmas nações dos editores tenham maior conhecimento sobre a periodicidade da revista, suas regras de submissão ou mesmo recebam convites para fazerem pareceres e submeterem artigos.

Destarte, revistas de teoria com alto impacto, como *Theory Culture and Society*, *European Journal of Social Theory* e *Theory and Society*, ao possuírem seus comitês editoriais dominados por intelectuais do Norte, acabam por, mesmo que indiretamente, favorecer a reprodução do domínio Euro-Americano sobre a discussão teórica das ciências sociais. A escolha por comitês editoriais circunscritos a nações do Norte, ao passo que influencia o perfil das publicações a reproduzir debates, conceitos, tradições objetos e narrativas de autores Europeus e Norte-Americanos, acaba por contribuir com a hegemonia Euro-Americana sobre o conteúdo do que é produzido na sociologia mundo afora. Devido a isto, observa-se que o perfil dos comitês é mais um dos fatores que contribuí para a expressão da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas de teoria, sendo mais um elemento, assim como vários outros, perpassado pela geopolítica do conhecimento que estrutura o campo das ciências sociais.

Contudo, é importante mencionar que a própria experiência de Martín (2013) enquanto editora da *Current Sociology*, que nos ajudou a compreender o papel dos comitês editoriais na reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual, também serve de ressalva para os limites desta correlação. Como mostra a autora, a presença em comitês editoriais não é capaz de esgotar a explicação sobre o que condiciona o aumento no número de publicações de um determinado país ou região. Eloísa Martín, de origem latino-americana e com base no Brasil, observou que durante o seu período como editora em *Current Sociology* não houvera um aumento da presença de autores latino-americanos nas publicações do periódico, processo resultante da própria falta de submissões da região. Em seu artigo a intelectual defende também a importância de se observar outras variáveis que são determinantes da reprodução dos intelectuais dos Sul Global às margens dos debates realizados em periódicos internacionais. Usando o exemplo do caso brasileiro, Martín (2013) afirma como pesquisadores acabam por optar pela publicação em revistas locais em detrimento das internacionais devido ao tempo entre submissão e publicação nestas ser, em vários casos, mais demorado e implicar um trabalho mais moroso.

Neste sentido, indica-se aqui a necessidade de se tomar enquanto variável importante, à reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual, o papel do perfil dos comitês editoriais. A análise realizada neste tópico permite que se note como a baixa diversidade

nacional entre editores de periódicos pode contribuir para o condicionamento de debates teóricos das ciências sociais a um número reduzido de países do Norte Global. Contudo faz-se necessário observar que a relação entre a presença em comitês editoriais e publicações de intelectuais da mesma nação que o editor, não é absoluta e deve ser tratada com cautela durante o processo de pesquisa. Outros elementos, como domínio da língua, acesso a infraestrutura material, estilos de escrita e as próprias representações que definem posições desiguais na divisão do trabalho intelectual também operam como determinantes importantes das desigualdades nacionais e regionais em número de publicações.

CAPÍTULO 3 – Uma Internacionalização/Globalização Entre o Particular e o Universal

Instituições e intelectuais das ciências sociais têm, nas últimas décadas, reforçado a importância da ampliação da diversidade no debate produzido pelo campo. A necessidade de construção de uma sociologia global tem se imposto enquanto agenda da Associação Internacional de Sociologia (ISA) e a internacionalização das contribuições de tradições diversas têm sido apontada enquanto fundamento à uma renovação do debate teórico da disciplina. Todavia as formas de internacionalização/globalização do campo ainda operam em meio a um espaço de disputa onde concorrem projetos distintos na busca por ampliar a pluralidade do debate. Frente a tais discussões surgem questionamentos acerca das formas de inserção das contribuições de intelectuais do Sul Global nos debates internacionais, sobretudo aqueles vinculados a discussões teóricas. Questões como: De que forma o Sul Global se insere nos debates teóricos internacionais? Quais os condicionantes envolvidos na possibilidade de internacionalização a partir da periferia? Tais questionamentos têm se mostrado importantes para a construção de caminhos que mirem uma sociologia mais plural, capaz de criar alternativas a narrativas eurocêntricas. A divisão internacional do trabalho surge enquanto categoria fundamental para compreender desde o comportamento da internacionalização teórica da disciplina até o modo como o Sul tem penetrado nos debates internacionais desta área.

Este capítulo trabalha diretamente com algumas destas questões, detendo seu foco na internacionalização do debate teórico nos últimos 17 anos e nas formas de inserção neste debate a partir do Sul Global. O capítulo se divide em dois tópicos, o primeiro trata do comportamento das publicações, entre regiões, durante o intervalo 2000 – 2016 nas quatro revistas analisadas. O segundo tópico trata das diferenças entre os tipos de objeto estudados por pesquisadores do Sul em comparação à pesquisadores do Reino Unido nestes periódicos.

No primeiro eixo, observa-se o perfil regional nos últimos 17 anos dos autores que publicaram nas revistas. Esta investida se fez interessada em compreender se houve um crescimento no número de publicações de autores do Sul durante o período analisado, e além disso, interessou-se por estudar se nestes espaços a hegemonia do Norte é constante no tempo e não apenas um resultado do número total de publicações. Com base nisso, este tópico buscou testar a hipótese de que a quantidade de publicações de autores do Sul Global não teria crescido

nas revistas analisadas. Os resultados desta investigação permitiram que se produzissem reflexões acerca da internacionalização/globalização do debate de teoria sociológica em periódicos internacionais. A partir do aporte na literatura que tem discutido as possibilidades de construção de uma “sociologia global” foram levantados condicionantes que dificultam a mundialização da produção do campo além de apresentar-se alguns projetos que buscam a produção de uma sociologia menos eurocentrada.

No segundo eixo deste capítulo buscou-se estudar as diferenças entre países do Sul, e entre Sul e Reino Unido no que diz respeito ao objeto estudado pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos. Buscou-se observar se os pesquisadores do Sul global trabalhavam mais com análises de suas realidades locais em detrimento de estudos teórico gerais, características que definem posições de poder na geopolítica do conhecimento segundo a literatura que tem discutido o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual. Neste sentido, trabalhou-se neste eixo com o interesse em testar a hipótese de que existe uma diferença no que diz respeito aos temas, objetos e questões abordadas por pesquisadores do Sul em comparação com aqueles do Norte. Os dados produzidos neste tópico foram analisados a partir de contribuições que têm discutido determinantes da inserção periférica do Sul Global nos debates de teoria social e apontam para formas de inserção da contribuição da periferia nestes espaços.

Eixo I – Desigualdade entre Regiões e Globalização/Internacionalização

Buscando aprofundar a compreensão do perfil nacional que compõe o debate dos periódicos aqui analisados, e desta forma dar sentido à dimensão geopolítica inscrita no processo de produção e circulação do conhecimento sociológico, este tópico foca em um estudo da frequência das publicações entre regiões no tempo. A partir da descrição e análise da forma como intelectuais de diferentes regiões do globo se fizeram presentes nas revistas, é possível perceber como a divisão internacional do trabalho intelectual se expressa em revistas de teoria e além disso refletir sobre a globalização da sociologia nos últimos 16 anos. Esta análise nos permite compreender se houve um crescimento entre 2000 e 2016 em publicações de pesquisadores de nações do Sul Global, ou mesmo um aumento geral da pluralidade de nações no debate dos periódicos. Tais elementos são importantes para a discussão sobre a globalização

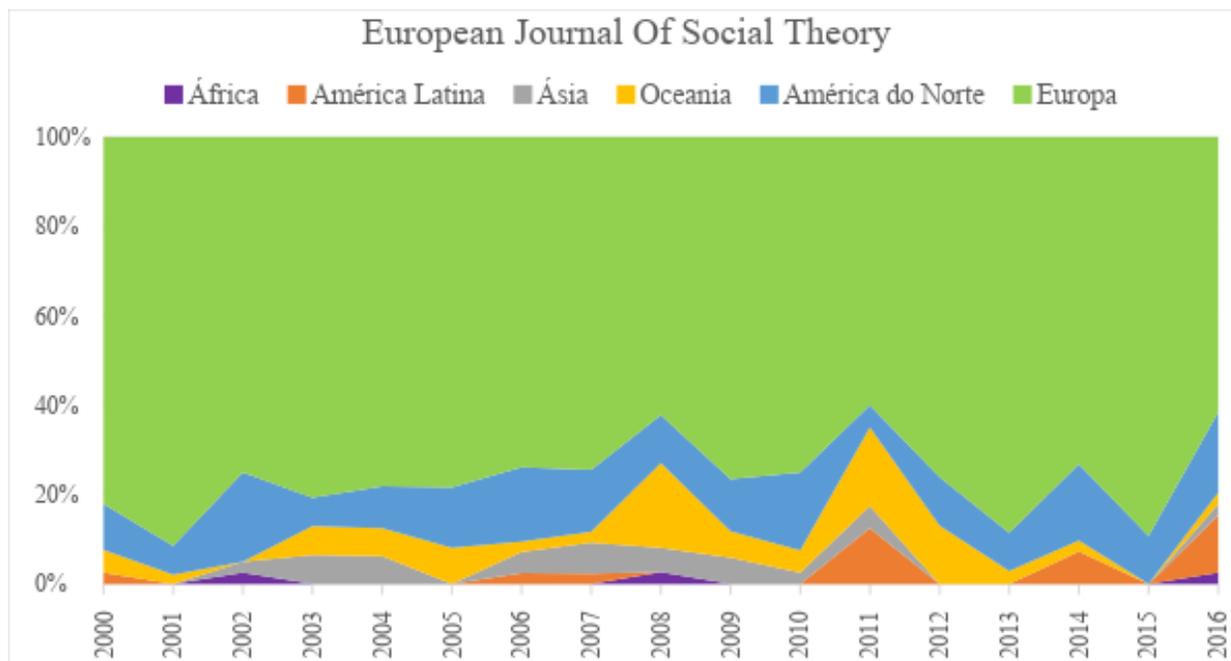
do debate sociológico e das condições de internacionalização da produção do Sul Global.

Neste tópico, primeiramente, faz-se uma descrição do comportamento no tempo entre regiões, nas revistas assentadas no Reino Unido: *European Journal of Social Theory* e *Theory Culture and Society*. Analisam-se os momentos de maior e menor participação dos grupos de maior hegemonia e regiões do Sul Global, associando-os com a presença de números especiais ou temáticos, também citando casos em que a relação não se faz presente. O mesmo procedimento é realizado, em seguida, com as revistas baseadas nos Estados Unidos, *Sociological Theory* e *Theory and Society*. Além disso, levantam-se características em comum, bem como pontos dissonantes entre os dois grupos de revistas. Por fim, realizou-se uma análise das conclusões que os dados apontam, a partir de contribuições da literatura que tem discutido a desigualdade entre regiões e países nas ciências sociais contemporâneas e como ela ajuda a compreender os diferentes projetos de globalização do campo em disputa hoje.

Tratando primeiramente das revistas baseadas no Reino Unido, *European Journal of Social Theory* e *Theory Culture and Society* é notória a hegemonia das nações do Norte Global durante o intervalo de 17 anos entre 2000 e 2016, compreendendo este grupo enquanto representado pelo continente Europeu e Norte Americano. Identifica-se com facilidade como nestes periódicos o domínio dos dois continentes se fez constante no tempo. Contudo, cabe mencionar que existe uma constante nestas revistas em se tratando de presença regional majoritária e país base da revista. Observa-se uma presença majoritária de autores vinculados a instituições situadas na Europa nos periódicos do Reino Unido, o que se repete nas revistas baseadas nos Estados Unidos com a América do Norte.

Como pode ser visto no GRÁFICO 08 abaixo, no caso da *European Journal of Social Theory* a hegemonia europeia pode ser observada pela estabilidade da região, com um controle que varia entre 60% do total de publicações, com seus menores índices em 2008, 2011 e 2016, até 90% em 2001, 2013 e 2015. Em EJST a predominância europeia é acompanhada pela forte presença norte-americana que também se mantém estável no tempo. As maiores marcas da região norte-americana, que pode ser reduzida aqui aos Estados Unidos e Canadá, oscilam entre 5% e 15% das publicações, o que dá a esta região a segunda posição em número de autores, sendo ultrapassada pela Oceania, pontualmente, apenas nos anos de 2008 e 2011.

Gráfico 08: Frequência relativa de Regiões no Tempo em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)

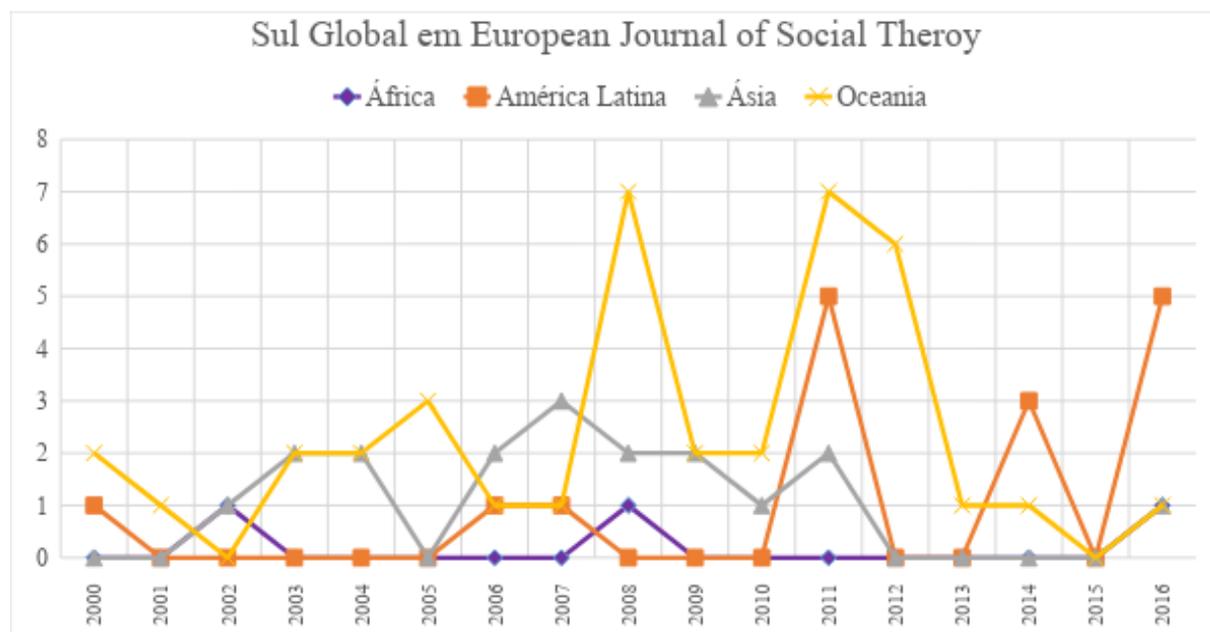


Analisando-se os anos em que o continente europeu alcançou cifras mais elevadas em número de autores, é possível notar uma relação de tais oscilações com a presença de números especiais, os quais interferem diretamente tanto nos momentos de aumento quanto de diminuição da presença europeia. Em dois dos anos de maior presença europeia, mais especificamente 2013 e 2015, foram publicados 4 números especiais, de um total de 8 edições, as quais são dominadas majoritariamente por autores europeus. No ano de 2013, a edição de agosto, trata o tema da teorização sobre violência com forte presença do Reino Unido, já no ano de 2015, o número especial de maio, aborda o tema da modernidade tardia, com presença considerável de autores da Dinamarca. A edição de agosto com publicações apenas do Reino Unido trata sobre mudanças climáticas, e em novembro tem-se um número especial sobre fundamentos clássicos e inovações no capitalismo.

Já nos anos em que a presença europeia alcançou seus menores números, destacam-se 2011 e 2016, onde se percebe a presença importante de nações do Sul Global, mais especificamente Oceania e América Latina, as quais tem maior penetração nos números especiais de fevereiro de 2011 e maio de 2016, respectivamente.

Debruçando-se mais diretamente sobre a frequência de nações do Sul Global entre 2000 e 2016 no EJST não é possível notar um crescimento estável das nações de Ásia, África, América Latina e Oceania no tempo, o que pode ser notado no GRÁFICO 09. Como consequência, nota-se que essas regiões aparecem com mais força em anos pontuais, o que em vários casos é seguido por momentos de queda a números próximos ou iguais a zero, inviabilizando qualquer estabilização ou crescimento constante nos 17 anos estudados. Contudo, apesar da instabilidade, pode-se constatar que algumas regiões, mais especificamente Oceania e América Latina, concentram a maior parte de seus picos a partir de 2008, o que poderia indicar um tímido aumento da participação dessas nações no tempo, apesar da instabilidade. Entre o Sul global, o continente africano registra os menores índices no tempo, acompanhado de nenhum crescimento no período, seja no número total de autores, seja proporcionalmente à porcentagem de outras regiões do Sul.

Gráfico 09: Frequência do Sul no Tempo em *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



Entre as regiões do Sul, a Oceania é aquela que possui o maior número de autores entre 2000 e 2016, com 39 publicações, majoritariamente de pesquisadores da Austrália já que a Nova Zelândia conta apenas com 3 artigos. Apesar da relativa presença durante o intervalo de 2003 e

2007 a região passou a atingir números mais elevados durante os anos de 2008, 2011 e 2012, despencando em seguida para intervalos de 0 a 1 entre 2013 e 2016. No ano de 2008, a edição com maior concentração de autores australianos é a de agosto, onde o debate ronda o tema dos fundamentos emocionais necessários à reconstrução de valores liberais em sociedades que sofreram choques, divisões ou conflitos. No pico de 2011, com um registro de 7 artigos, a forte presença de intelectuais da Austrália encontra-se circunscrita na edição de fevereiro de 2011, um número especial destinado à discussão do trabalho de Johann P. Arnason, editor da EJST, no seu aniversário de 77 anos. O último ano de maior número publicações de intelectuais da Austrália é 2012, na edição especial de agosto de 2012 focada no trabalho do intelectual e militante Cornelius Castoriadis.

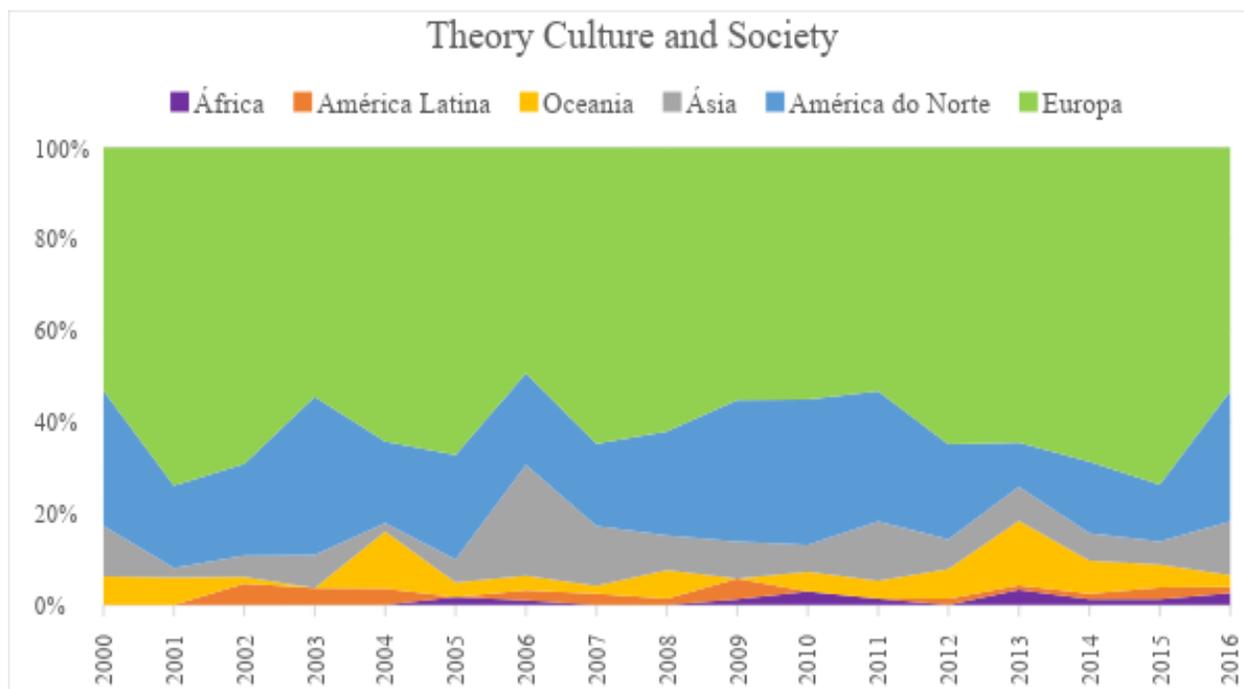
A Ásia registra o segundo maior índice, com 18 autores, os quais se concentram majoritariamente no intervalo de 2006 e 2011, único período em que a região publicou todos os anos. Dentro da região, é possível notar que Israel é o país que possui a maior penetração em EJST com 9 autores, o que equivale à metade de toda a região. Em seguida estão Índia com 3, Turquia 3, Malásia 1, China 1 e Líbano 1. Ao contrário da Oceania, a Ásia não atinge picos tão elevados. O ano de maior presença na revista foi 2007, com 3 autores, todos de Israel. Durante este ano 2 pesquisadores de Israel publicaram na edição de fevereiro de 2007, voltada para a discussão sobre cosmopolitismo, e 1 em maio sobre os potenciais e limites de uma teoria sociológica geral em tempos de globalização.

A América Latina aparece em seguida, próxima à Ásia, com 16 autores, os quais se concentram partir de 2010, registrando as maiores cifras em 2011 (5), 2014 (3) e 2016 (5). No ano de 2011 destaca-se a presença de Chile com 4 artigos, sendo duas publicações na edição de agosto, um número especial baseado no debate sobre teoria pragmática, e duas em edições sem temática. Em 2014 a América Latina se inseriu nas edições de fevereiro e novembro, que não possuíam temática, na qual publicaram intelectuais do Chile. Na edição de agosto sobre crise na Europa, apresenta-se a publicação de um argentino discutindo a crise europeia a partir do ponto de vista da américa-latina. No pico de 2016 é possível ressaltar a edição especial de maio de 2016, com o tema modernidade e capitalismo, onde publicaram 2 argentinos e uma brasileira, com trabalhos focados em análises da modernidade e capitalismo em seus países.

Já a África ocupa a última posição com apenas 3 publicações, todas de intelectuais da África do Sul, as quais ocorrem, cada uma, nos anos de 2002, 2008 e 2016. A publicação de novembro de 2002 ocorre em uma edição que discute a identidade europeia, todavia sendo em formato de *review*, com a resenha de dois livros de Jurgen Habermas. Já a publicação de 2008 se insere em um número que debate os fundamentos emocionais necessários à reconstrução de valores liberais em sociedades que sofreram choques, divisões ou conflitos, já citado anteriormente pela forte presença australiana. Nesta edição, a publicação de Pumla Gobodo-Madikizela discute a África do Sul a partir de um debate sobre a Comissão de Verdade e Reconciliação realizada no país. A última produção de um intelectual africano aparece na edição de maio de 2016, já citada anteriormente pela presença de Argentina e Brasil, a qual discutiu a relação entre modernidade e capitalismo. Nesta edição o artigo do Sul-africano Jeremy Seekings trabalhou a relação entre construção do Estado, regulação do mercado e cidadania na África do Sul.

O domínio europeu e norte-americano também é acompanhado em *Theory Culture and Society* além da baixa e instável presença do Sul Global. O continente europeu, oscila em valores mais baixos do que os experimentados no *European Journal of Social Theory*, porém ainda mantendo a presença extremamente forte do continente, que vai desde uma média de 50% em anos como 2000, 2003 e 2006, até uma média de 70% nos anos de 2001, 2005, 2007 e 2015. A América do Norte, em *Theory Culture and Society*, alcança suas maiores médias entre revistas do Reino Unido, com cifras que variam entre 10% e 25% da quantidade de autores por ano, o que dá a região o segundo maior domínio das publicações em quase todo o intervalo analisado, sendo ultrapassada apenas durante o ano de 2006 pela Ásia. Estes dados podem ser observados no GRÁFICO 10 na página a seguir, o qual apresenta a diferença na presença entre regiões durante o intervalo de 2000 e 2016 na revista *Theory Culture and Society*.

Gráfico 10: Frequência relativa de Regiões no Tempo em *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)



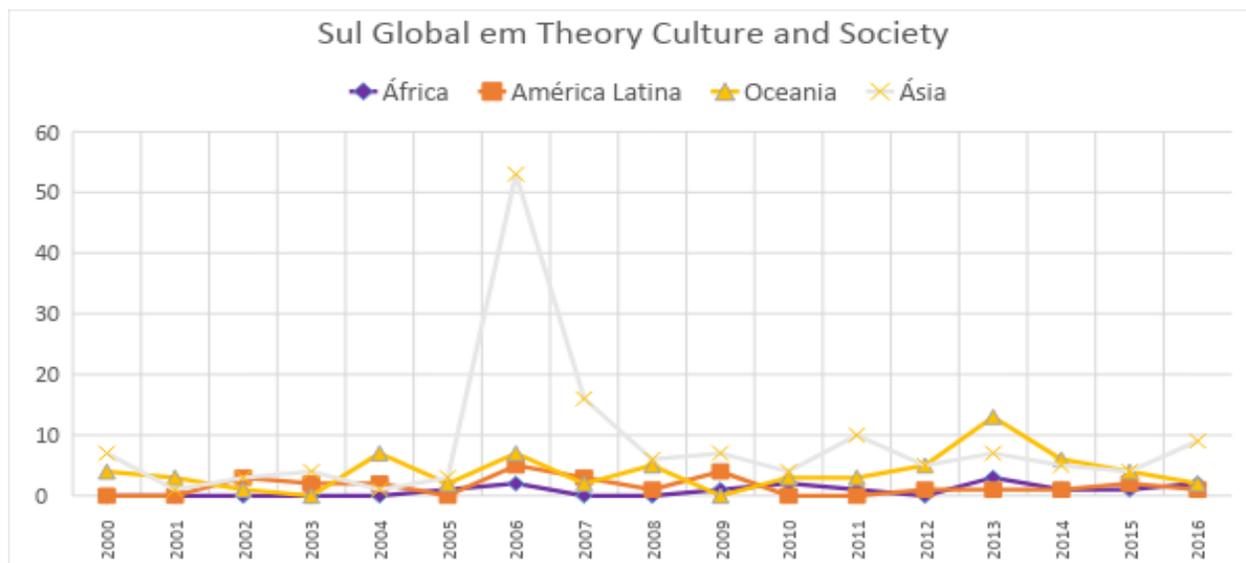
Entre os picos nos quais a presença Europeia chega aos seus maiores valores em *Theory Culture and Society*, podem-se destacar as edições especiais de 2015, mais especificamente em dezembro de 2015 e setembro de 2015. A edição de dezembro de 2015, que foi dividida em 5 tópicos temáticos, teve a presença majoritária de autores da Europa em 2 deles, os quais trataram a crise europeia e o neoliberalismo, tópico que foi marcado pelo forte número de autores da Itália, França e Suíça, e a obra de Gilles Deleuze discutida majoritariamente por autores do Reino Unido. Além disso, a edição de setembro de 2015, que tratou o problema da transdisciplinaridade, principalmente a partir do eixo do anti-humanismo, teve apenas autores britânicos.

Entre os anos em que a quantidade de autores europeus diminui pode-se citar as edições de agosto de 2000 e maio de 2006. No caso da primeira o tema da soberania social ganha centralidade, na qual se percebe uma grande presença de autores norte-americanos, que produzem majoritariamente reflexões em torno de questões que envolvem globalização. Já na edição de maio de 2006 a presença europeia diminui consideravelmente em razão da realização

do projeto “*Global Knowledge and the New Encyclopedia*”, o qual contou com uma presença mais forte de autores do Sul Global, mais especificamente da Ásia, além de pesquisadores da América do Norte.

Assim como fora notado no *European Journal of Social Theory*, a presença do Sul Global entre 2000 e 2016 em *Theory Culture and Society* não manifesta crescimento. Todavia é possível aferir que o Sul se faz mais presente neste periódico do que no outro europeu, já que somadas as quatro regiões do Sul alcançam um valor um pouco acima de 15% das publicações totais, além de que em TCS a frequência absoluta das regiões do Sul ultrapassa os números de EJST. Em *Theory Culture and Society* identifica-se a Ásia atingindo 145 publicações (10,25%), a Oceania 67 (4,74%), a América-Latina chegando a 26 publicações (1,84%), e a África a 14 (0,99%). Apesar do fato de que não é possível notar nenhum tipo de crescimento entre as nações do Sul Global como um todo, pode-se dizer que existe uma leve estabilização da Ásia em níveis um pouco maiores após o ano de 2006, os quais se estabilizam entre 2008 e 2016 em um ciclo melhor do que o registrado entre 2000 e 2005. Além disso, *Theory Culture and Society* apresenta-se enquanto a revista com melhores índices para o Sul Global pelo fato de ser possível notar que as quatro regiões estiveram presentes nos últimos cinco anos analisados 2012 - 2016. Todas regiões do Sul participam no intervalo 2013 – 2016, apesar do fato de não estarem em patamares superiores aos anos antes registrados, o que poderia indicar um sinal real de crescimento e estabilidade. Esses dados podem ser observados no GRÁFICO 11 na página a seguir que apresenta a frequência do Sul no tempo durante o intervalo de 2000 e 2016 na revista *Theory Culture and Society*.

Gráfico 11: Frequência do Sul no Tempo em *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)



Na Oceania, a Austrália reforça a hegemonia já encontrada no EJST, já que o país possui 63 autores, relegando a Nova Zelândia a 4. Repara-se que a presença da região é deveras instável no tempo, assim como boa parte do sul global, apesar de possuir cifras maiores que a América Latina e a África. Mais do que isso, percebe-se que a despeito do ano de 2009 a região tem presença em todos os anos analisados após 2004, resultado que só é alcançado pela Ásia no Sul Global como um todo. Os principais picos registrados pela região foram os anos de 2004 (7), 2006 (7) e 2013(13) com valor bastante acima da média. No ano de 2004, destaca-se a forte presença na edição sem temática específica, de dezembro de 2004 com 5 publicações de australianos. Nesta edição 3 intelectuais do país publicaram artigo discutindo a temática do cosmopolitismo e 2 publicaram em conjunto em artigo sobre o muro de Berlim. No ano de 2006 nota-se a edição especial de maio, com 4 publicações da Austrália e 2 da Nova Zelândia, em que se materializou o projeto *New Encyclopedia – Problematizing Global Knowledge*. Já em 2013, ano com o maior número de publicações, destaca-se a edição de dezembro com publicações de 10 pesquisadores da Austrália, inseridos em um debate sobre a problemática urbana no mundo global.

Em *Theory Culture and Society* a Ásia apresenta a sua maior pluralidade em número de países, com 145 autores, dos quais 66 são de Singapura, 19 do Japão, 18 da China, 16 de Israel,

9 da Coreia do Sul, 8 da Índia, 3 da Turquia, 3 de Taiwan, 2 de Hong Kong e 1 do Sri Lanka. Além dessa pluralidade a Ásia também ultrapassa a Oceania em número de publicações, liderando enquanto principal região do Sul Global em TCS. Os anos com maior número de publicações da região são 2006 (53), 2007 (16) e 2011 (10). No ano de 2006, a edição com maior participação de integrantes da Ásia é o número especial de maio, em que países como Singapura e Japão lideram o número de publicações no interior do projeto *New Encyclopedia – Problematizing Global Knowledge*. No ano de 2007 destaca-se a participação da Ásia na edição de dezembro, com Singapura, Japão, China e Coreia do Sul, que como mencionado discutiu a questão urbana com forte presença de intelectuais da Austrália. Por fim pode-se destacar a participação de China e Singapura, no ano de 2011, na edição de dezembro, que tratou, em tópicos distintos, de artigos sobre transparência na política e a relação entre conhecimento e arquitetura.

A presença da América Latina em *Theory Culture and Society*, apesar de números absolutos maiores do que o EJST não é acompanhada por uma maior pluralidade de países, pois percebe-se que a produção do continente no periódico restringe-se ao domínio do Brasil com 21 publicações seguido de México (3), Peru (1) e Colômbia (1). Entre os picos registrados pela América Latina podem ser mencionados os anos de 2006, e 2009, onde a participação se restringe a Brasil e México. Assim como as outras regiões aqui citadas, a edição especial de maio de 2006, do projeto *New Encyclopedia – Problematizing Global Knowledge*, também se destaca enquanto uma onde a maior parte de autores latino-americanos publicou. Além disso pode-se mencionar a forte presença do Brasil no ano de 2009, com 4 publicações, das quais 3 foram realizadas na edição de dezembro de 2009, que entre a diversidade de temáticas dispostas apresenta um número alto de artigos, entre eles os de brasileiros, que trataram o tema da modernidade e do ocidente, a partir de análises sobre a América Latina.

O continente africano, assim como outras regiões do Sul Global aqui citadas, encontra em TCS a revista com maior frequência de publicações, o que, todavia, assim como a América Latina, não é acompanhada de uma pluralidade em número de países, já que dos 14 artigos, 11 são da África do Sul e 3 do Egito. Entre os anos em que a presença da região se faz mais forte podem-se destacar 2006 e 2013. No ano de 2006 a publicação do continente também aparece no

interior da edição de maior presença de outros autores do Sul, maio de 2006 com o projeto *New Encyclopedia – Problematizing Global Knowledge*, a qual, porém só é representada por 1 artigo, de nome *Skin Aesthetics* de Leora Farber. Em dezembro de 2006, numa edição sem temática definida a presença Sul Africana vem com o artigo de Sarah Nuttall sobre os estudos culturais na África do Sul. Já no ano de 2013, a presença da região se manifesta nas edições de janeiro e setembro. Em janeiro encontra-se a publicação de Mona Abaza, do Egito, sobre segregação na cidade do Cairo e grafite de rua, e em setembro de 2013 numa edição também sem tema encontra-se o artigo de Oliver Human e Paul Cilliers sobre a Economia da Complexidade em Derrida, Morin e Bataille.

A partir da análise do comportamento entre regiões no tempo, durante o intervalo 2000 e 2016, nas revistas baseadas no Reino Unido, foi possível notar características que apontam a forte desigualdade entre regiões do Norte e Sul Global no que diz respeito à presença nos periódicos. Primeiramente infere-se que o domínio europeu, seguido do norte-americano, que foi observado no capítulo anterior, não é resultado de uma concentração de intelectuais destas regiões em um momento específico no tempo, mas sim é produto de um processo contínuo e estável, no qual observa-se que as duas regiões concentram nos últimos 17 anos a maior parte do conteúdo publicado.

Além disso, observa-se que em *European Journal of Social Theory* e *Theory Culture and Society*, não é possível aferir um crescimento da presença do Sul Global, o que poderia ser notado seja por aumento do número absoluto de publicações no tempo, seja do ponto de vista relativo, comparando-se o percentual do todo que coube ao Sul em relação ao Norte durante o período analisado. Além do crescimento não ter ocorrido nas condições mencionadas, observou-se que a inserção das nações do Sul Global nos periódicos é marcada por considerável instabilidade no tempo, já que a participação destes nas revistas manifestava-se em anos ou edições específicas, os quais, em vários casos, eram seguidos de momentos de queda drástica que chegava próxima a zero. Apesar desses baixos números que marcam o Sul em geral, é possível perceber, em ambas revistas, a proeminência da Oceania e Ásia sobre América Latina e África, além do fato de que, dentro dessas regiões, existe uma forte concentração entre nações específicas, que possuem estruturas acadêmicas e realidades econômicas bastante distintas do

resto de sua região, o que remonta as desigualdades entre países dentro dos continentes. Isto fica explícito como o caso do domínio da África do Sul no contexto africano, Israel e Singapura na Ásia em geral, Brasil na realidade latino-americana e Austrália na Oceania.

Por fim, também foi possível observar que nestes periódicos a presença do Sul encontra-se, em vários casos, associada a edição de números especiais ou temáticos, o que fica bastante evidente ao se observar os anos nos quais as nações da periferia obtiveram as maiores cifras. Mais do que isso, nota-se uma diferença, interna ao Sul Global, entre o tipo de objeto trabalhado pelos intelectuais em seus artigos. Ao observar-se os anos e edições de maior presença do Sul, identificou-se como no contexto latino-americano e africano existe uma considerável presença de trabalhos que discutiam objetos que faziam referência a realidades sociais de suas regiões e países, como estudos de caso, enquanto nota-se que a inserção australiana, ou mesmo de intelectuais da Ásia como Israel e Singapura, inseriram-se em debates que não distinguem um contexto geográfico específico, como discussões sobre Foucault, Deleuze, Arnston, globalização e cosmopolitismo.

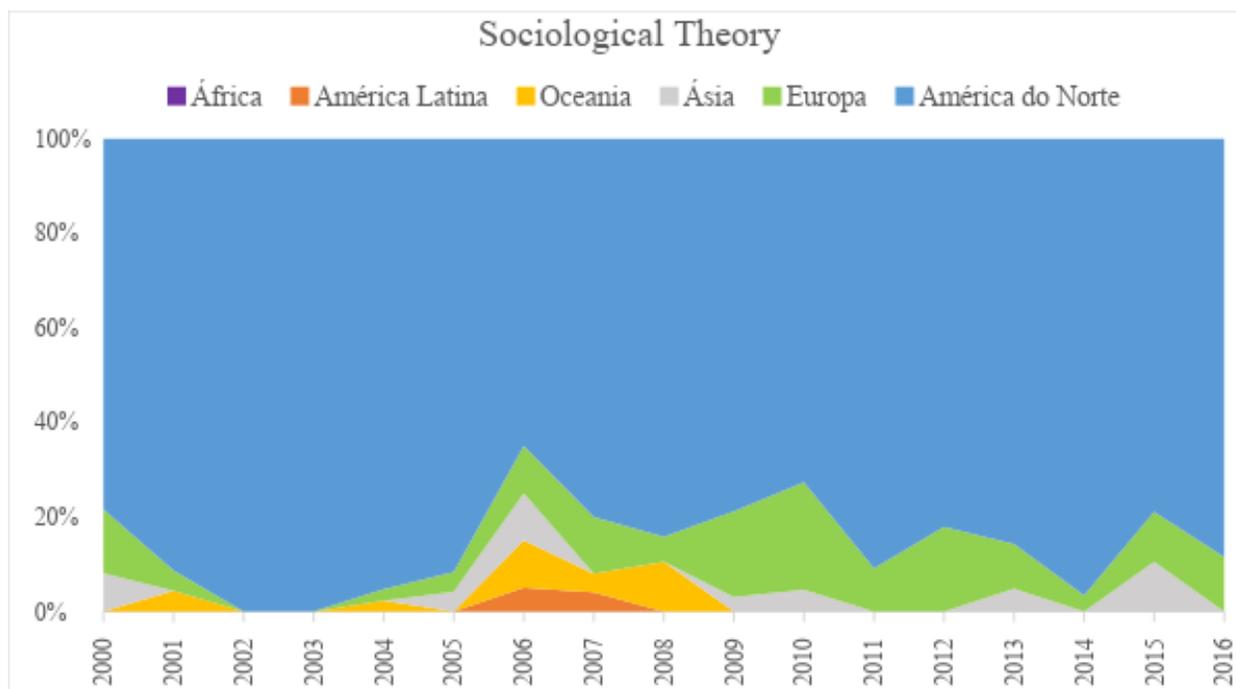
Parte considerável dessas características encontradas nas revistas baseadas no Reino Unido, também foram encontradas nos periódicos estadunidenses, *Theory and Society* e *Sociological Theory*. Contudo, é importante notar características específicas que destoam neste segundo grupo.

Enquanto nas revistas baseadas no Reino Unido, é notória a hegemonia do continente Europeu, seguido da América do Norte, em número de publicações, durante os últimos 17 anos, no caso dos periódicos estadunidenses, *Theory and Society* e *Sociological Theory*, essa relação se inverte, tendo em vista que a Europa passa a ocupar a segunda posição entre as regiões e a América do Norte passa a liderar o topo.

Ao se explorar a presença por regiões no tempo na revista *Sociological Theory*, percebe-se que ela é a que possui a maior concentração de autores norte-americanos no intervalo entre 2000 e 2016. A forte liderança da região pode ser percebida nas médias que oscilam em um intervalo de 70% do total em 2006, o ano com maior pluralidade de nações, até as marcas de 2014 e 2011 com médias acima dos 90% e os anos de 2002 e 2003 em que 100% das publicações ficaram no continente Norte-Americano. A forte soberania norte-americana em *Sociological*

Theory é seguida pelo continente Europeu que varia sua presença em um intervalo médio de 10% a 20% das publicações entre os 17 anos analisados, com sua melhor marca no ano de 2010.

Gráfico 12: Frequência relativa de Regiões no Tempo em *Sociological Theory* (2000 – 2016)



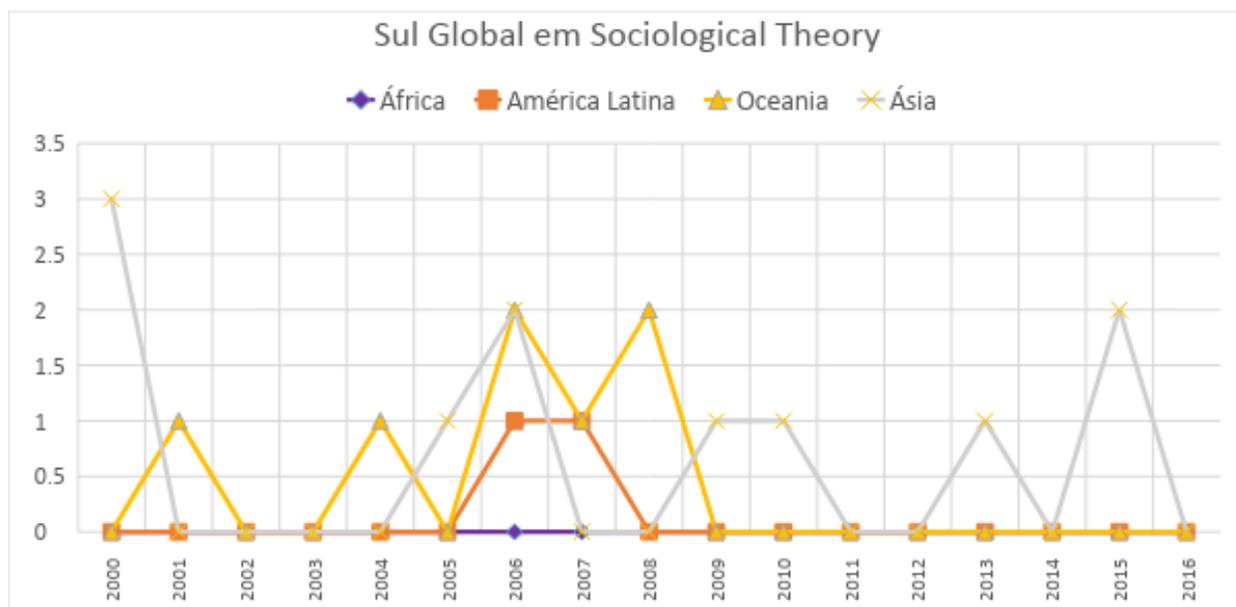
Durante os anos de 2002 e 2003 encontram-se dois momentos em que a publicação de autores norte-americanos atinge as taxas de 100% das publicações, todavia não é possível perceber durante estes anos nenhum paralelo com essa presença majoritária e temáticas abordadas nas edições, o que se deve até mesmo a baixíssima presença de números especiais no periódico e pelo fato de que mesmo dentro das edições, as temáticas abordadas pelos artigos são extremamente distintas. Todavia, no ano de 2014, onde percebe-se uma concentração também elevada de norte-americanos, encontra-se uma exceção, já que se destaca a edição especial de setembro de 2014, com publicações de 10 autores estadunidenses e 1 canadense, que girou em torno de um debate sobre a relação entre pesquisas sobre genoma e construção social da raça. Nesta edição é importante mencionar um artigo escrito em conjunto por oito intelectuais se opondo a um trabalho que defendia que pesquisas sobre genoma desafiavam a construção social da raça.

Já no caso do ano de 2006, em que a revista *Sociological Theory* presenciou a

composição mais plural no interior de seu debate, diminuindo a quase sempre hegemonia norte-americana a cerca de 65% do total, é notável a presença de publicações da Europa além de autores do Sul Global, como Ásia, Oceania e América Latina e a completa ausência da África.

Em se tratando do Sul Global, é em *Sociological Theory* que se encontram os piores números em artigos publicados por pesquisadores da região, o que se complementa pelo fato de que, além de não existir um crescimento, como nas outras revistas estudadas, é possível notar uma diminuição de publicações da região, principalmente a partir do ano de 2009. Entre as, já bastante fechadas, revistas baseadas nos Estados Unidos, a Ásia lidera o Sul Global, com 2,51% (11), seguida da Oceania 1,60% (7), América Latina 0,46% (2). Não há nenhuma publicação de autores vinculados ao continente africano. Ao contrário do encontrado nas revistas baseadas no Reino Unido, as publicações de autores do Sul não estão inseridas em números especiais ou temáticos já que os números da revista contêm artigos com debates distintos entre si. A frequência do Sul no tempo em *Sociological Theory* pode ser observada no GRÁFICO 13 apresentado abaixo:

Gráfico 13: Frequência do Sul no Tempo em *Sociological Theory* (2000 – 2016)



Assim como as revistas baseadas na Europa, em *Sociological Theory* a Austrália também domina as publicações da região com 6 dos 7 artigos publicados, enquanto a Nova Zelândia

apresenta apenas 1. De maneira geral é possível perceber que este é o periódico que a região possui a menor frequência de publicação, alcançando apenas 1,6% do total, além disso nota-se que a maior concentração destas publicações se circunscreve entre o ano de 2004 e 2008, já que entre 2010 e 2016 nenhum artigo foi publicado por intelectuais da região. Os anos em que a Oceania alcançou os melhores números em publicações foram 2006 (2) e 2008 (2), todas realizadas por pesquisadores da Austrália. Na edição de junho de 2006, sem padrão temático determinado, foi publicado um artigo em conjunto entre John Levi Martin e Matt George discutindo teorias de estratificação sexual. No ano de 2008, também em edições sem temática definida, temos a publicação de Bred West em setembro de 2008 t com um artigo sobre a relação entre movimentos civis-religiosos e memória nacional coletiva e, em dezembro de 2008, Eduardo De La Fuente discutindo a estética sociológica em Georg Simmel.

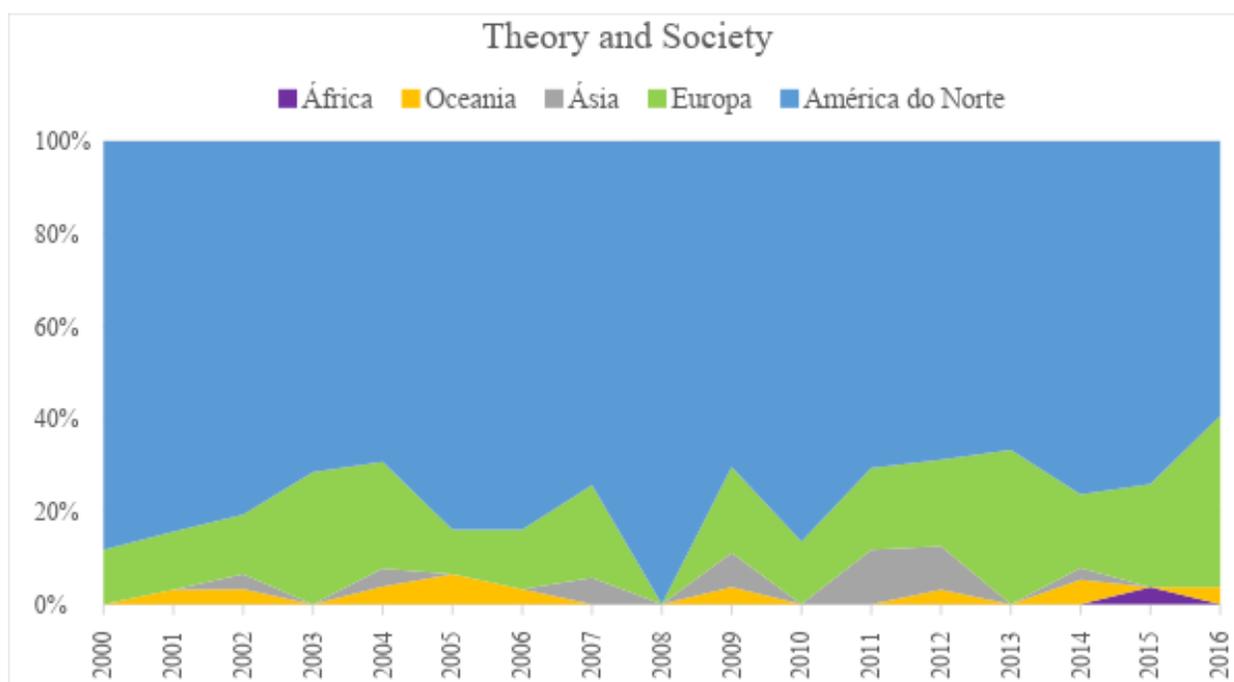
Em se tratando da Ásia em *Theory and Society*, é possível notar que a região é, entre aquelas que compõem o Sul Global, a com maior penetração, chegando a 2,51% do total de artigos com 11 publicações, sendo, contudo, o pior número da região entre as 4 revistas analisadas. Dos 11 artigos publicados, Israel lidera com 4 artigos, seguido da China com 2, Taiwan 1, Hong Kong 1, Turquia 1, Coréia do Sul 1, Singapura 1. Além disso, é possível notar que a região é a que possui maior constância no tempo, apesar de mostrar-se instável, variando bastante entre os anos, e ser a única entre o grupo do Sul que possui artigos de 2009 e 2016. A edição de julho de 2000 destaca-se ao concentrar as publicações da Ásia, com o trabalho de Agnes S. Ku de Hong Kong sobre a noção público no trabalho de Habermas, e dois artigos de Daniel Breslau, um em resposta a um artigo de Andrew Picking e outro que trabalha a temática do humanismo.

Em *Sociological Theory* a América Latina apresenta resultados extremamente baixos, se comparado com as revistas europeias, contudo com um valor ligeiramente maior se comparada com o outro periódico americano *Theory and Society*, em que não há nenhuma publicação da região entre 2000 e 2016. O único momento que publicações latino-americanas foram registradas em *Sociological Theory* ocorreram nos anos de 2006 e 2007 cada um com 1 artigo publicado, ambos de autores com vínculo ao Brasil. Na edição de março de 2006 Cynthia Lins Hamlin publicou um artigo crítico à contribuição de Émile Durkheim acerca do suicídio a partir

do caso dos Guarani Kaiowá brasileiros, enquanto Frederic Vandenberghe publicou em dezembro de 2007 um artigo que reflete teoricamente sobre subjetividades coletivas.

Como pode ser visto no GRÁFICO 14 da página a seguir, na segunda revista baseada nos Estados Unidos, *Theory and Society*, a majoritária presença Norte-Americana, pode ser inferida pela estabilidade da região em um controle que varia entre 60% do total de publicações, com seus menores índices em anos como 2016 e 2013 até os picos que vão de 90% como no ano de 2000 e a dramática marca de 100% de todas as publicações registrada em 2008. O predomínio Norte-Americano no topo é compartilhado também pelo continente Europeu que varia sua presença em um intervalo médio de 10% e 35% das publicações entre os 17 anos analisados.

Gráfico 14: Frequência relativa de Regiões no Tempo em *Theory and Society* (2000 – 2016)



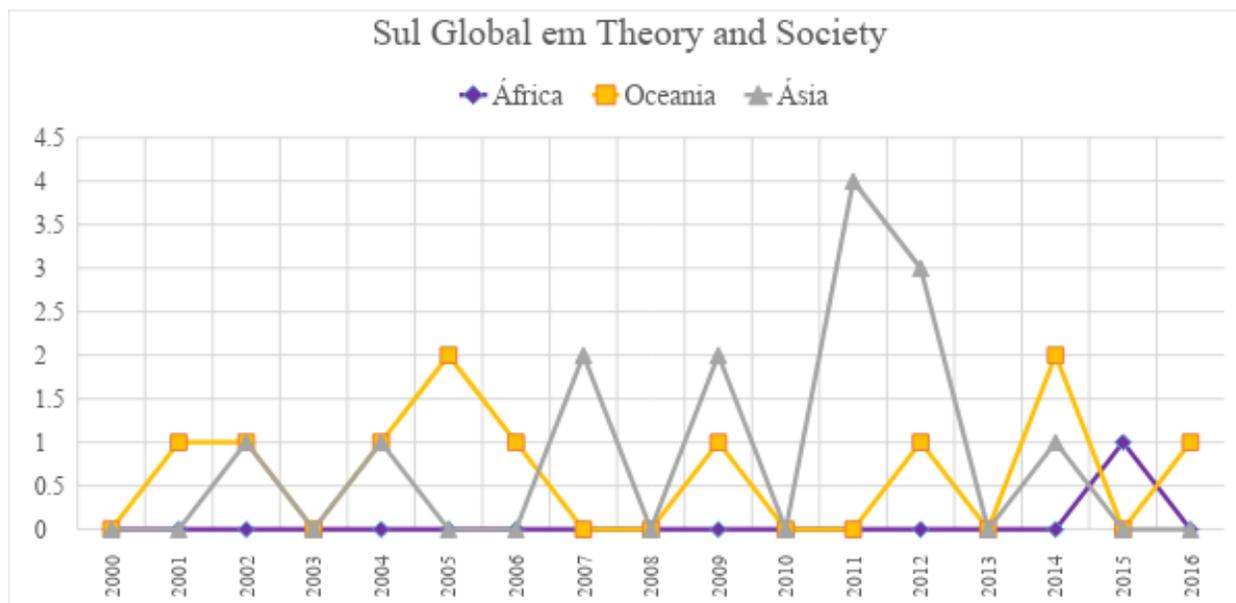
Ao passo que a forte presença norte-americana no ano de 2000 não é acompanhada de nenhum número especial, percebe-se uma notável prevalência temática em edições específicas que contam com a quase totalidade de publicações estadunidenses. Como exemplo é possível perceber nas edições de fevereiro e abril uma considerável presença de discussões sobre marxismo, comunismo e revoluções, assim como o número de junho trata quase que

inteiramente a obra de Max Weber. Já no de 2008, o maior pico Norte-Americano em TS, é possível destacar o número especial de outubro de 2008, que abordou a temática “Teorizando Instituições”, contando apenas com autores dos Estados Unidos.

Já ao se investigar os anos em que a presença norte-americana diminui, dando espaço para uma maior concentração de autores europeus no total de conteúdo publicado, é possível notar o ano de 2016 enquanto aquele com maior presença europeia, além do ano de 2013. O ano de 2013, apesar de não contar com nenhum número especial ou mesmo convergência temática dentro das edições, é possível perceber que a presença europeia se deu quase inteiramente a partir de artigos publicados em conjunto, todos eles com parcerias entre intelectuais de nações diferentes, entre os quais incluem-se italianos, húngaros, holandeses, alemães, dinamarqueses e suecos. Esse padrão também é encontrado ao se analisar a presença europeia no ano de 2016, onde pode-se notar a parceria entre autores de Portugal e Espanha ao discutir experiências revolucionárias portuguesas, o que, todavia, não é compartilhado durante o ano como um todo, já que neste existe uma presença considerável de artigos dispersos de autores europeus entre diferentes números, sem relação temática entre si.

Examinando a presença do Sul Global entre 2000 e 2016 em *Theory and Society* é possível perceber que não há um crescimento deste grupo como um todo, nem mesmo em regiões específicas. Porém, entre as revistas baseadas nos Estados Unidos é onde o Sul possui maior parte no total das publicações com 4,87% em comparação com 4,57% de *Sociological Theory*. Neste periódico, assim como em *Sociological Theory* a Ásia lidera, neste caso com 2,62% (14), seguida da Oceania com 2,06% (11) e África com 0,19% (1), enquanto a América Latina não atingiu nenhuma publicação. Além disso, nota-se que os artigos de autores do Sul Global não se encontram inseridos, em sua maioria, em edições especiais ou mesmo focadas em temáticas específicas, já que a revista tende a publicar artigos de temas diversos em seus números. Esses dados podem ser observados no GRÁFICO 15 a seguir.

Gráfico 15: Frequência do Sul no Tempo em *Theory and Society* (2000 – 2016)



A Oceania, repetindo o padrão de todas as outras revistas, se define pelo domínio da Austrália com 9 publicações sobre a Nova Zelândia com 2. Como também notado nas outras revistas, não há sinal de crescimento da região no tempo nem mesmo concentração em algum período específico, já que o continente esteve presente em anos esporádicos dentro do intervalo analisado, além do fato de não manter em nenhum momento uma constância de dois anos, o que explicita ainda mais o quão pontual e instável é a participação da região no tempo. Todavia é importante citar que a Oceania ainda possui números maiores do que a África ou a América Latina, que não chega a nenhuma publicação no periódico. Entre os anos que se percebe maior presença de intelectuais da Oceania pode-se destacar 2005 e 2014, com maior ênfase ao segundo ano em que publicaram em conjunto Raweyn Connell e Nour Dados numa reflexão acerca do neoliberalismo.

Assim como a Oceania a Ásia também não apresenta uma constância no tempo, nem mesmo um crescimento, com um padrão bastante irregular em número de publicações em TS, o que também pode ser notado nas outras três revistas analisadas. Porém percebe-se que a Ásia,

assim como em *Sociological Theory* ultrapassa a Oceania, com 14 artigos, chegando a número de 2,62% do total de publicações, além de também ter uma maior pluralidade de países publicando no período analisado. Seguindo um padrão também encontrado em outras revistas, Israel tem o maior número de publicações, com 5 artigos, seguida por Singapura 2, Quirguistão 2, Turquia 2, Coréia do Norte 1, China 1, Japão 1. Os anos de pico da região situam-se em 2011, com ênfase a edição de março com publicação em conjunto de pesquisadores do Quirguistão sobre julgamentos morais e críticas em famílias do país e 2012 com publicações dispersas em janeiro sobre incerteza, ordem e mercados, em julho sobre direitos das mulheres em uma Turquia dividida, e em setembro sobre a intelectualidade na China socialista.

A África apresenta diminuta presença no periódico com apenas uma publicação no período analisado, melhor valor entre as revistas americanas já que a região não chegara a pontuar em *Sociological Theory*. A presença do país ocorrera no ano de 2015, na edição de outubro com artigo de Ben Scully em parceria com Kevan Harris da Universidade de Los Angeles, sobre proteção social antes e depois da era neoliberal no terceiro mundo, analisando China, Brasil, Índia e África do Sul.

A análise das revistas baseadas nos Estados Unidos, *Sociological Theory* e *Theory and Society*, reproduz algumas características já presentes nos periódicos do Reino Unido, com algumas diferenças. Assim como nas revistas europeias, é possível notar que nestes periódicos se faz bastante presente o domínio de países do Norte, compreendidos pela Europa e América do Norte, assim como nos periódicos do Reino Unido. Contudo, cabe mencionar a inversão entre os continentes no quesito liderança, já que em ST e TS a América do Norte controla a maior parte das publicações, seguida da Europa, hegemonia que é compartilhada no tempo com bastante estabilidade e sem variações muito drásticas que permitissem a queda das duas regiões. Mais do que isso, é possível observar que os periódicos baseados nos Estados Unidos são menos plurais que os europeus, constante que permanece no tempo e é acompanhada pelo domínio majoritário estadunidense.

Assim como nos periódicos Europeus, foi possível observar que não houve um crescimento estável nas publicações de intelectuais do Sul Global em ST e TS, seja em números absolutos seja em números relativos. A presença do Sul mostrou-se bastante esporádica e

instável sendo acompanhada pela predominância, já encontrada nos periódicos europeus, da Oceania e Ásia sobre América Latina e África. Além disso, foi possível observar que o Sul Global alcançou seus piores números nas revistas norte-americanas, tanto no total de artigos, quanto na porcentagem ocupada pelo Sul Global em relação a outras regiões no tempo. Outro elemento em comum entre as quatro revistas é a desigualdade dentro das regiões do Sul, já que também se percebeu nos periódicos estadunidenses o predomínio da Austrália na Oceania, de Israel e Singapura na Ásia, Brasil na América Latina e África do Sul no continente africano.

Apesar dessas similitudes, é importante notar como a inserção do Sul Global nos periódicos norte-americanos não ocorre sujeita a números especiais ou mesmo temáticos, o que é paralelo ao fato dessas revistas possuírem pouquíssimos números especiais e de maneira geral publicarem edições sem coerência temática determinada. Apesar disso, assim como foi possível notar nas revistas da Europa, ao analisar-se as temáticas dos artigos de intelectuais do Sul Global publicados em momentos de pico, existe, entre intelectuais da América Latina e África uma maior presença de trabalhos que discutiam objetos com referência a realidades sociais de suas regiões e países, como estudos de caso, enquanto nota-se que a inserção australiana, ou mesmo de intelectuais da Ásia como Israel e Singapura, dava-se a partir de objetos sem menção a um contexto geográfico específico, como estudos sobre a obra de Simmel e Habermas ou artigos que abordaram temas como neoliberalismo e humanismo.

Esses resultados nos permitem refletir sobre a globalização das ciências sociais nos últimos anos e pensar na internacionalização da produção de intelectuais da periferia em periódicos de teoria. O predomínio, durante o intervalo de 17 anos entre 2000 e 2016, da hegemonia europeia e norte-americana acompanhada da ausência de crescimento de publicações de autores no sul global nas revistas analisadas, nos leva a questionar o debate teórico das ciências tem se tornado mais internacionalizado ou diverso. Por mais que uma análise como esta, focada em um pequeno número de revistas, nas quais pauta-se discussões de caráter especificamente teórico da disciplina, não seja capaz de capturar o fenômeno da globalização das ciências sociais como um todo, - tendo em vista que este poderia se manifestar em frentes diversas -, é possível afirmar que nos casos analisados não se observa a formação de um debate mais plural nos últimos 17 anos, o que poderia levantar a pergunta de se outros periódicos, com

características parecidas, também repetem tais padrões.

Ao se observar algumas contribuições da literatura pode-se perceber que o fenômeno da globalização das ciências sociais não tem se realizado de maneira uniforme ou mesmo igualitária, o que ajuda a compreender os resultados produzidos neste capítulo. Heilbron (2014) é um dos autores que têm apontado na direção de que a globalização das ciências sociais, principalmente no que diz respeito a publicação em periódicos, ainda não é uma realidade completamente desenvolvida. O autor aponta que, apesar da crescente ampliação da sociologia enquanto disciplina nas mais diversas regiões e países do mundo, não é possível notar um câmbio global entre os intelectuais destes locais, o que contribui para que presenciemos a formação de um ainda emergente campo global no interior das ciências sociais. No estudo realizado pelo autor é possível notar que apesar do presente uso da noção de “sociologia global” ou mesmo o interesse de periódicos internacionais em tornarem-se espaços de troca entre pesquisadores de nações e regiões distintas, a produção internacional tem se desenvolvido mais no sentido de conexões regionais, principalmente no contexto Europeu, do que a partir de uma grande rede de câmbio global.

Nota-se um maior fluxo de pesquisadores, parcerias e publicações entre nações do contexto europeu, do que entre estas e as nações do Sul, as quais também se fecham em debates regionais impulsionados por associações, que cada vez mais ganham importância no fomento de trocas regionais. Heilbron (2014), assim como Keim (2008), defende que este processo de globalização, ao passo que ainda necessita enfrentar um longo caminho no sentido de sua concretização, se realiza reproduzindo um sistema de centro-periferia, já que se nota que apesar do crescente aumento global na produção de livros e artigos de ciências sociais, a maior parte destes é concentrado na Europa e Estados Unidos e realizado em língua inglesa. Além disso, a tradução de livros é outro indicativo da estrutura de centro periferia, já que mais de 60% das traduções no interior das ciências sociais seria realizada da língua inglesa para outras, enquanto o processo contrário se reduz a cerca de 3% (HEILBRON, 2014).

Além destes elementos, que ajudam a explicar o porquê da hegemonia europeia e norte-americana se manter constante no tempo e ser acompanhada pela ausência de crescimento nas publicações de autores do Sul Global, é possível refletir sobre outras formas de hegemonia que

ainda limitam a internacionalização da disciplina, como as desigualdades internas às próprias regiões.

Como pôde ser notado nos dados apresentados neste tópico, mais especificamente aqueles em que se observou a presença do sul global nos periódicos, é possível notar a forte desigualdade dentro das regiões que estão fora do eixo Euro-Atlântico. A hegemonia da Austrália na Oceania, de Israel e Singapura na Ásia, África do Sul na África e Brasil na América Latina, mostram que para além da desigualdade global entre regiões, é possível notar a constante desigualdade entre países. Assim como discute Burawoy (2010b), a desigualdade global no interior da sociologia não se reduz à dicotomia norte-sul, ocidente-orientes, desenvolvido-subdesenvolvido ou metrópole-periferia, o que levanta a necessidade de considerar gradações no sistema-mundo global. Pegando emprestado o conceito de semi-periferia de Wallerstein, Burawoy (2010b) ressalta-se que países como Brasil, África do Sul e China, também conjugam características que os aproximam do Norte global, ao serem potências hegemônicas em suas regiões, dominando os números da diminuta internacionalização do Sul Global nas ciências sociais.

É importante mencionar que além da desigualdade entre países dentro das regiões, a própria desigualdade interna aos países se faz presente quando se observa a internacionalização nos periódicos internacionais. Para exemplificar, em países como Brasil, nas revistas analisadas nesta dissertação, foi possível perceber a forte concentração de autores vinculados a instituições do eixo Rio-São Paulo, como a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Apesar destes dados não serem aprofundados neste trabalho, esses casos mostram que, a despeito da grande extensão do território nacional, ou mesmo do considerável aumento de instituições de ensino superior e programas de pós-graduação em ciências sociais nos últimos anos, a internacionalização da produção internacional parte de regiões que concentram intelectuais de maior prestígio ou melhores estruturas físicas e institucionais. Isso nos leva a compreender que para além das desigualdades mais gerais entre regiões, ou entre o Norte e o Sul, existem hegemonias internas aos continentes e dentro dos países, o que dificulta que os debates do campo se realizem em uma grande esfera global de participação igualitária.

Essas reflexões têm impactado diretamente o debate sobre a construção de uma sociologia global, e mais especificamente os meios de abertura dos debates do centro às produções do Sul Global. Entre os diversos projetos em disputa para a construção de uma sociologia global, aquele que encarna a forma como a Associação Internacional de Sociologia encara os desafios de internacionalização e integração das ciências sociais no mundo, passa diretamente pelo fortalecimento produção da disciplina tomando como eixo as sociologias nacionais. A busca por produzir um novo arranjo global, que seja dissonante ao modelo de centro-periferia, que fica evidente nos dados deste capítulo, toma como horizonte a construção de um “mosaico” (Burawoy, 2010b) de tradições nacionais o qual seja capaz de representar a pluralidade da disciplina e contribuindo para uma maior abertura da produção do centro às reflexões nacionais da periferia.

Contudo, a concepção da ISA, de um mosaico de tradições nacionais, apesar de suas vantagens, como a possibilidade de contestação da primazia da metrópole por meio da afirmação da diversidade de concepções sociológicas nacionais, além da oportunidade de equiparar todas estas sob um mesmo status e valor, não é isenta de problemas. Como afirma Connell (2010), este modelo, apesar das suas qualidades no quesito de reconhecimento da diversidade de tradições nacionais, possui problemas profundos que se potencializam no cenário de globalização neoliberal. Entre a primeira dificuldade pode-se citar a tendência reificadora deste projeto, que cai no risco de atomizar culturas “diferentes”, mas que na realidade estão completamente interligadas e possuem considerável fluidez. Interligado a este problema está a tendência em tratar as sociologias indígenas enquanto sistemas de conhecimento fechados. Esta problemática que foi trabalhada com afinco por Hountondji (2008), a partir da noção de “unanimidade primitiva”, ao discutir o modo como a o pensamento africano era abordada na literatura filosófica, a qual tendia a reproduzir uma visão colonial sobre os povos indígenas enquanto membros de sociedades estáticas, sem história e nas quais a consciência coletiva ou o sistema de pensamento se sobrepunha completamente sobre as mentes de seus membros.

É sob este alerta que reflexões, como as de Connell (2010) nos apontam para a necessidade de pensar a globalização das ciências sociais para além de um modelo que simplesmente apresente um mosaico de tradições nacionais, mas que, indo além, seja capaz de

construir um paradigma de aprendizado mútuo entre tradições diversas. Este modelo de aprendizado mútuo parte da necessidade de que todos os envolvidos estejam abertos a aprender uns com os outros, imbuídos da capacidade de crítica e aprendizado entre si. Segundo Connell (2010) este seria um modelo no qual poder-se-ia finalmente substituir o cenário contemporâneo de hegemonia metropolitana, para um contexto de real troca entre iguais e pluralidade sociológica.

Essas reflexões nos levam a compreender que a globalização/internacionalização das ciências sociais passa pela necessidade de trabalhar a construção de espaços realmente plurais e capazes de permitir o debate entre tradições diversas e realmente interessadas em aprender mutuamente. No interior deste contexto, os periódicos analisados nesta dissertação adquirem centralidade por serem um dos principais meios a partir do qual trabalhos da área de teoria circulam internacionalmente.

Como observado neste capítulo, ainda resta um caminho longo à capacidade de conformação deste novo quadro e mais do que isso, no campo das revistas internacionais em que se debruça o debate teórico, os desafios se tornam ainda mais duros, já que a teoria ocupa posição central de controle da hegemonia no campo (CONNELL, 2007). Os dados aqui apresentados, acerca da desigualdade entre regiões no tempo, em *European Journal of Social Theory*, *Theory Culture and Society*, *Sociological Theory* e *Theory and Society*, entre os anos de 2000 e 2016, demonstram que tais desafios são extremamente contemporâneos e que não têm sido enfrentados com força suficiente para edificar um debate mais plural nestes periódicos, a despeito do crescimento nas facilidades em se tomar conhecimento da produção internacional hoje e submeter uma publicação.

Ao se analisar periódicos do debate teórico, mais do que perceber a forte e constante hegemonia do Norte, a ausência de crescimento das nações do Sul no período analisado, ou a própria desigualdade interna às regiões - que eclipsa experiências que estão ainda mais distantes dos grandes centros de discussão teórica -, deve-se observar outros elementos centrais para a caracterização e reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual.

A diferença entre o tipo de objeto estudado pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos aqui analisados, é outro elemento que nos permite compreender a desigualdade entre

nações e regiões, por condicionar papéis desiguais que fundamentam a divisão internacional do trabalho intelectual. A análise sobre este aspecto nos possibilita ir além da percepção sobre a desigualdade quantitativa entre nações do Sul e Norte, aprofundando determinações qualitativas que caracterizam formas de inserção diferentes e desiguais nos debates de teoria social.

Os dados explorados neste capítulo, ao se observar os debates nos quais pesquisadores do Norte e do Sul se inseriram, em momentos de maior presença nos periódicos, apontaram para a compreensão de que existe uma diferença entre intelectuais do Norte e do Sul no que diz respeito ao objeto de estudo de suas publicações, além de diferenças internas no próprio Sul neste quesito. Observou-se que, nestes picos de produção, intelectuais do Sul tendiam a tratar de objetos que discutiam sua realidade nacional ou regional, enquanto pesquisadores da América do Norte e Europa tratavam de temas sem necessariamente mencionar contextos geográficos específicos. Além disso, foi possível notar que dentro do Sul, pesquisadores da Oceania e países da Ásia como Israel possuíam seus picos de publicação em edições sem conteúdo temático, publicando artigos que não refletiam debates sobre seus contextos locais.

Tendo em vista as reflexões teóricas que têm discutido a forma de inserção de intelectuais do Sul Global nas esferas de debate do centro a partir do conceito de divisão internacional do trabalho intelectual, Alatas F, H (2003), Hountondji (1997), Keim (2008) e Connell (2006), buscou-se fazer um aprofundamento dos dados sobre diferenças temáticas levantadas neste tópico. Tendo em vista que estes autores afirmam existir uma predominância de intelectuais do Sul em escreverem sobre suas realidades locais, ao invés de produzirem reflexões teóricas mais gerais ou mesmo sobre outros países/regiões, buscou-se qualificar melhor até que ponto os periódicos analisados nesta pesquisa reproduziam essa forma de inserção. No tópico a seguir, trabalha-se de modo mais aprofundado essa forma de inserção, comparando regiões dentro do Sul Global com o Reino Unido. Este trabalho é feito a partir de um levantamento sobre o tipo de objeto analisado pelos pesquisadores e a referência a realidades geográficas específicas, nacionais ou regionais.

Eixo 2 – Divisão Internacional do Trabalho Intelectual e Diferença entre Objetos de Estudo

Com o interesse em aprofundar a discussão sobre a divisão internacional do trabalho intelectual nas revistas estudadas nesta dissertação, decidiu-se por realizar, neste tópico, uma análise mais extensa do tipo de objeto estudado pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos. Esta iniciativa surgiu do interesse em compreender se as publicações de autores do Sul Global reproduziam algumas características que a literatura tem apontado enquanto típicas da posição da periferia na divisão internacional do trabalho, mais especificamente a tendência em trabalhar com estudos de caso e estudos sobre sua própria nação, em detrimento de trabalhos teóricos abstratos e estudos sobre outras nações/regiões.

Para produzir esta análise decidiu-se trabalhar com a classificação de todos os artigos publicados por intelectuais do Sul Global entre 2000 e 2016, em quatro tipos de objeto: a) trabalhos exclusivamente sobre o país/região do pesquisador; b) trabalhos sobre o país/região do pesquisador e outro/outros país; c) trabalhos que não fazem referência a um contexto geográfico específico; d) trabalhos sobre país/região distinta da do autor. Para tal classificação foi realizada a análise de títulos, palavras chave e resumos dos artigos. Além disso, para fins comparativos, escolheu-se lidar com uma nação do Norte Global que fosse representativa deste grupo, o que levou à escolha do Reino Unido, por ser uma nas nações com maior tradição no *mainstream* sociológico e, como observado nos dados dos capítulos e tópico anterior, ser um dos países com maior hegemonia nas revistas analisadas.

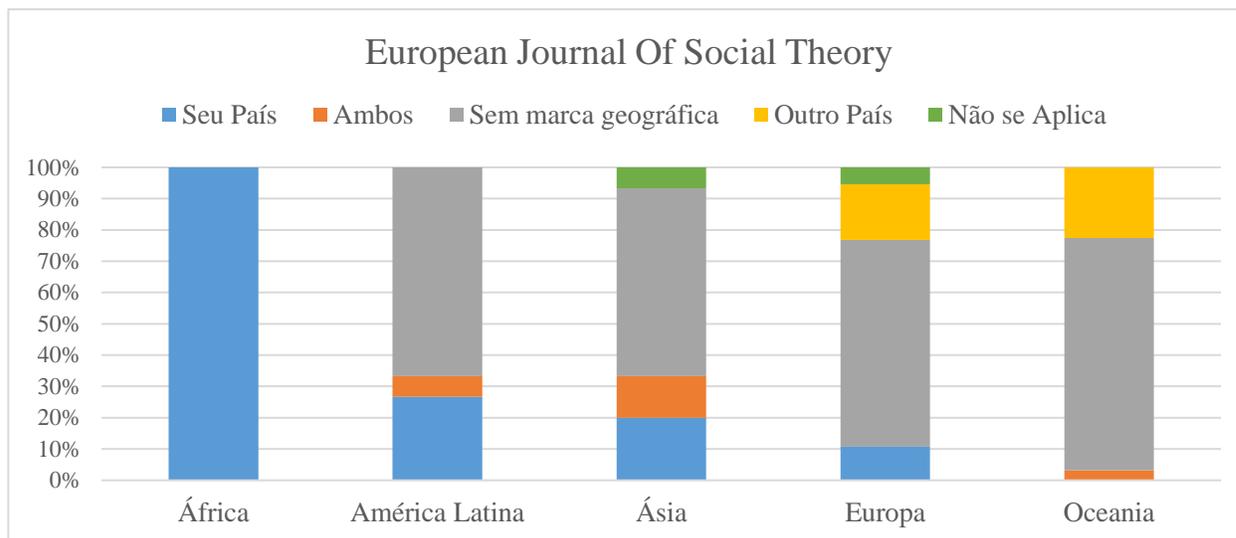
No caso do Reino Unido, devido ao grande número de artigos nas revistas *European Journal of Social Theory* e *Theory Culture and Society*, escolheu-se trabalhar com 3 biênios, 2000-2001, 2008-2009, 2015-2016, buscando não enviesar a análise em um período específico no intervalo 2000 – 2016. Nas revistas americanas, foram analisados todos os artigos publicados por autores do Reino Unido durante o intervalo 2000 – 2016, já que o número não tão elevado de artigos viabilizou a análise de todos, excluindo a necessidade de levantar biênios específicos como nas revistas europeias.

Este tópico apresenta, primeiramente, os resultados da classificação do tipo de objeto entre regiões, apontando as diferenças entre Norte e Sul, além das dissonâncias internas ao

próprio Sul com ênfase nas diferenças entre países. Por fim propõe-se uma reflexão sobre esses dados a partir de algumas contribuições da literatura que tem trabalhado com o tema da divisão internacional do trabalho intelectual os quais nos permitem fazer inferências sobre o tipo de inserção das contribuições do Sul em debates internacionais de teoria social.

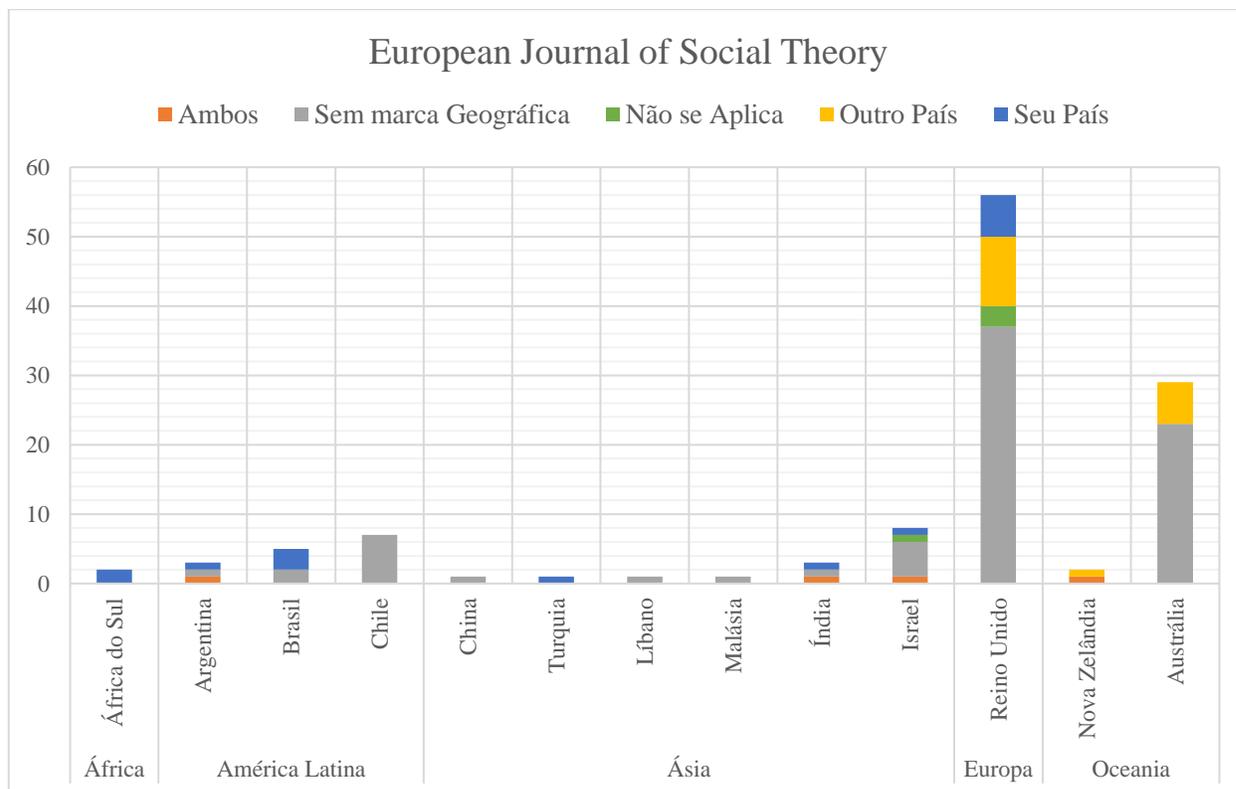
No *European Journal of Social Theory* é possível perceber que a África é a região do Sul Global onde o percentual de trabalhos que discutiam a própria região, ou países desta, é maior. Nota-se que 100% dos artigos publicados por intelectuais pelo continente, são publicações a respeito da região o que, contudo, se reduz a dois artigos. A América Latina ocupa a segunda posição em número de autores que publicaram sobre seu país/região, com 5 artigos que tratavam nações da região, sendo 4 deles sobre o país do autor. Na Ásia nota-se um perfil próximo ao da América Latina, com 20% dos autores publicando artigos sobre seu país, um total de 3 autores, 13% fazendo análises que envolviam seu país e outras nações, e a presença majoritária de publicações descoladas de um contexto local, 9 autores, 60% e 6% com objetos focados em outros países. No caso da Oceania é possível perceber que a região destoa bastante das outras que compõem o Sul Global, não possuindo nenhuma publicação que discutisse exclusivamente o país do autor, sendo majoritariamente composta por autores que publicaram sobre objetos descolados de um contexto geográfico específico, 74%, e estudos sobre outros países, 22%. O Reino Unido possui um padrão semelhante ao da Oceania, com 66% das publicações descoladas de um local geográfico e 17% sobre outros países, porém possui publicações acerca do próprio país/região o que soma 10%. Esses dados podem ser observados no GRÁFICO16 da página a seguir onde apresenta-se a diferença entre o tipo de objeto entre regiões durante o intervalo dos anos de 2000 e 2016 no *European Journal of Social Theory*.

Gráfico 16: Tipo de Objeto entre regiões *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



Ao observar-se como esses dados se distribuem dentro das regiões, é possível notar que no contexto africano todas os autores são baseados na África do Sul, os quais escreveram artigos sobre a sua própria região/país. Já no contexto Latino Americano é notável uma grande diferença entre países, já que no periódico, dos 66% autores que publicaram sobre temáticas que não envolviam um contexto geográfico específico, 7 eram chilenos, 2 brasileiros e 1 Argentino. Percebe-se, devido a isso, que o Chile, em *European Journal of Social Theory*, apresenta um padrão bastante destoante da região como um todo, já que se diferencia de Brasil e Argentina por possuir todos os artigos de seus autores focados em objetos que não possuem contextualização com realidades geográficas diretamente citadas. No caso da Ásia observa-se a hegemonia de Israel que concentra sozinha, mais da metade dos artigos descontextualizados de realidades locais. Na Oceania observa-se a Austrália com o maior número de autores, os quais representam todos os artigos decolados de realidades locais e quase todos que dizem respeito a outros países. Estes resultados podem ser observados no GRÁFICO 17 a seguir que apresenta o tipo de objeto entre países na *European Journal of Social Theory* durante o intervalo dos anos de 2000 e 2016.

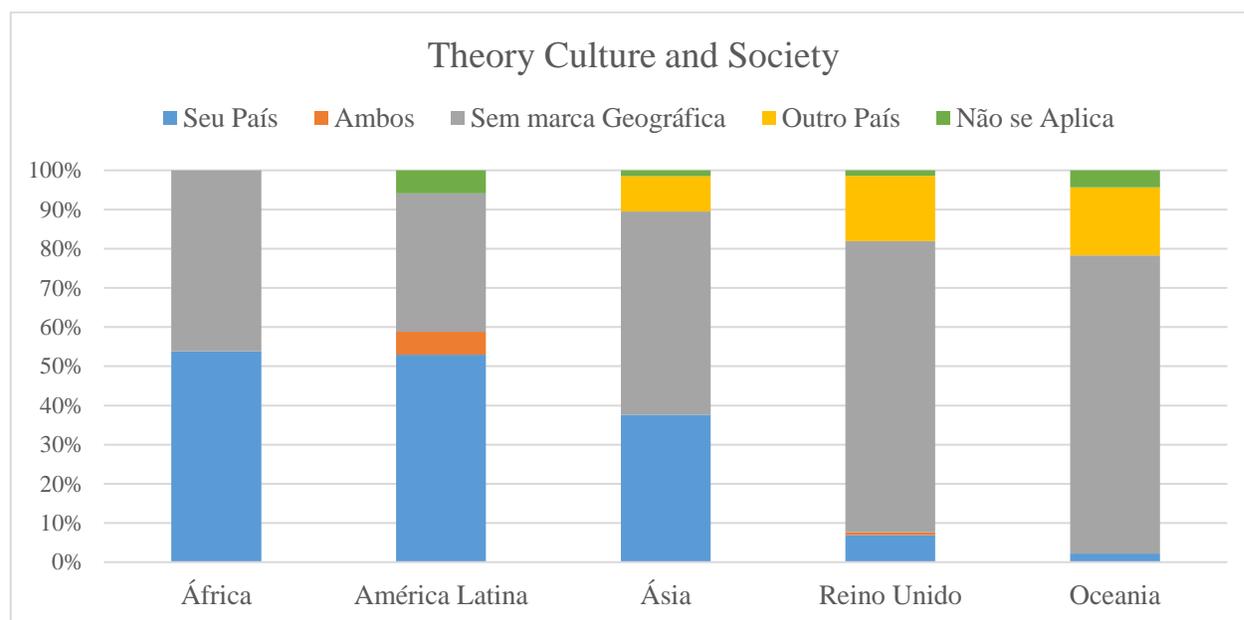
Gráfico 17: Tipo de Objeto entre países na *European Journal of Social Theory* (2000 – 2016)



Em *Theory Culture and Society* alguns padrões comuns à EJST podem ser notados. Observa-se que a África segue sendo a região com maior número de autores que publicaram artigos sobre sua região/país o que ultrapassa 50% do total, contudo, neste caso, possuindo outros 50% de autores que publicaram artigos descontextualizados de discussões locais. A América Latina, também nesta revista, ocupa a segunda posição em número de autores que escreveram sobre seu país/região, já que a soma de publicações que envolvem o país/região do autor chega a 60% do total, valor que é dividido com 35% daqueles que publicaram sobre temáticas descoladas de realidades locais. A Ásia é a terceira região com maior número de publicações baseadas em objetos locais 37%, contudo a presença majoritária na região é de publicações desassociadas de objetos geograficamente situados com 51% do total, acompanhada de 9% dos autores discutindo objetos sobre outros países/regiões. A Oceania, assim como no *European Journal of Social Theory*, repete o padrão de majoritária presença de trabalhos com objetos que não estão geograficamente situados, 76%, seguida de artigos sobre outros

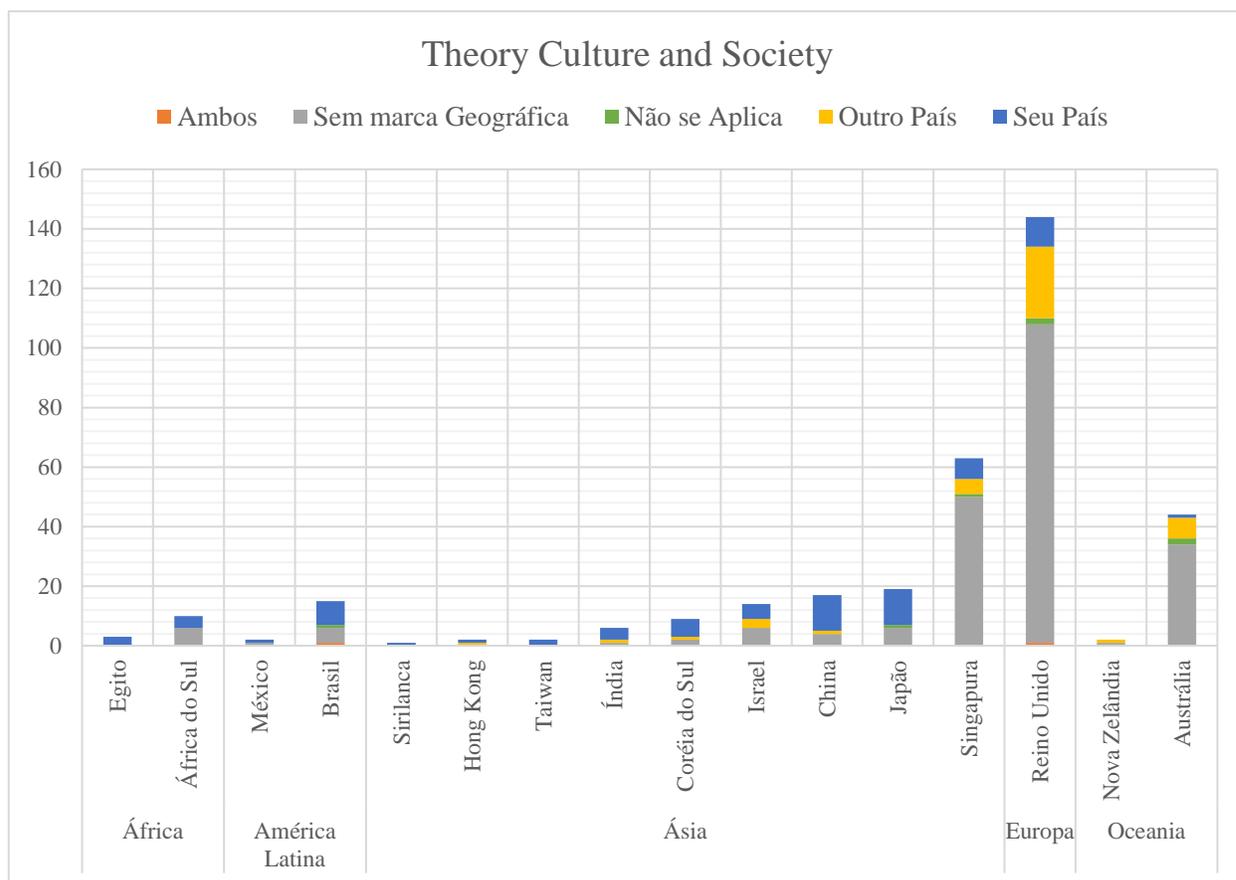
países/regiões, 17%. O Reino Unido, assim como em EJST se aproxima do padrão da Oceania, contando, todavia, com a presença de um maior número de estudos sobre seu país/região, 6%.

Gráfico 18: Tipo de Objeto entre regiões *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)



Observando-se estes dados dentro das regiões é possível perceber que no contexto africano a África do Sul, além de ter a maior quantidade de autores é aquela que concentra todas as publicações descoladas de realidades geográficas específicas. Na América Latina, observa-se que México e Brasil possuem características parecidas, com metade das publicações sobre objetos locais e a outra parte sem menção a realidades geográficas específicas, além da completa ausência de estudos exclusivamente sobre outras nações. Na Ásia é possível perceber a presença de estudos sobre outros países/regiões, entre os quais Singapura lidera os números com 5 autores, seguida de Israel com 3. Além disso, no contexto asiático é notável o deslocamento de Singapura e Israel, duas nações em que os estudos descolados de realidades geográficas e outras nações supera a quantidade de estudos sobre a própria nação/região, já que China, Japão, Índia, Taiwan, Hong Kong e Sri Lanka têm a maioria de seus artigos sobre realidades locais. No caso da Oceania nota-se, novamente, o completo domínio da Austrália, com estudos deslocados de realidades locais e estudos sobre outros países, padrão semelhante ao Reino Unido.

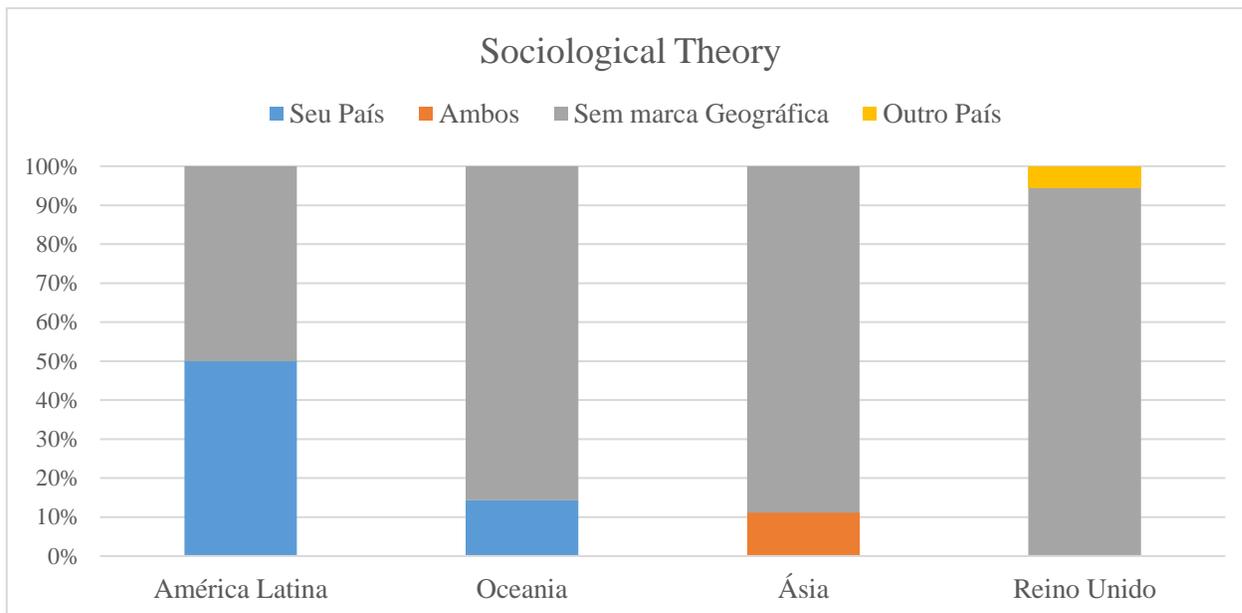
Gráfico 19: Tipo de Objeto entre países na *Theory Culture and Society* (2000 – 2016)



Em *Sociological Theory* é possível notar que os padrões presentes nas revistas baseadas no Reino Unido também se repetem, o que não pode, contudo, ser generalizado para todas as regiões tendo em vista a ausência do continente africano neste periódico. Observa-se, agora sem a África, que entre as nações do Sul, aquelas da América Latina possuem o maior número de artigos que discutiam o seu país/região, com 50% das publicações se enquadrando neste quesito, enquanto a outra metade se enquadra em estudos deslocados de contextos geográficos. Na Ásia é possível perceber a majoritária presença de artigos descontextualizados de locais geográficos, chegando a quase 90% do total, enquanto o resto das publicações advém de autores que discutiram sobre sua região/país e outras nações, com pouco mais de 10%. No caso da Oceania é possível perceber a presença, também majoritária, assim como observado nas revistas europeias, de artigos sem referência a contextos geográficos, com valores que, assim como a Ásia, chegam a quase 90% do total, o que é seguido de uma pequena parcela que discute a

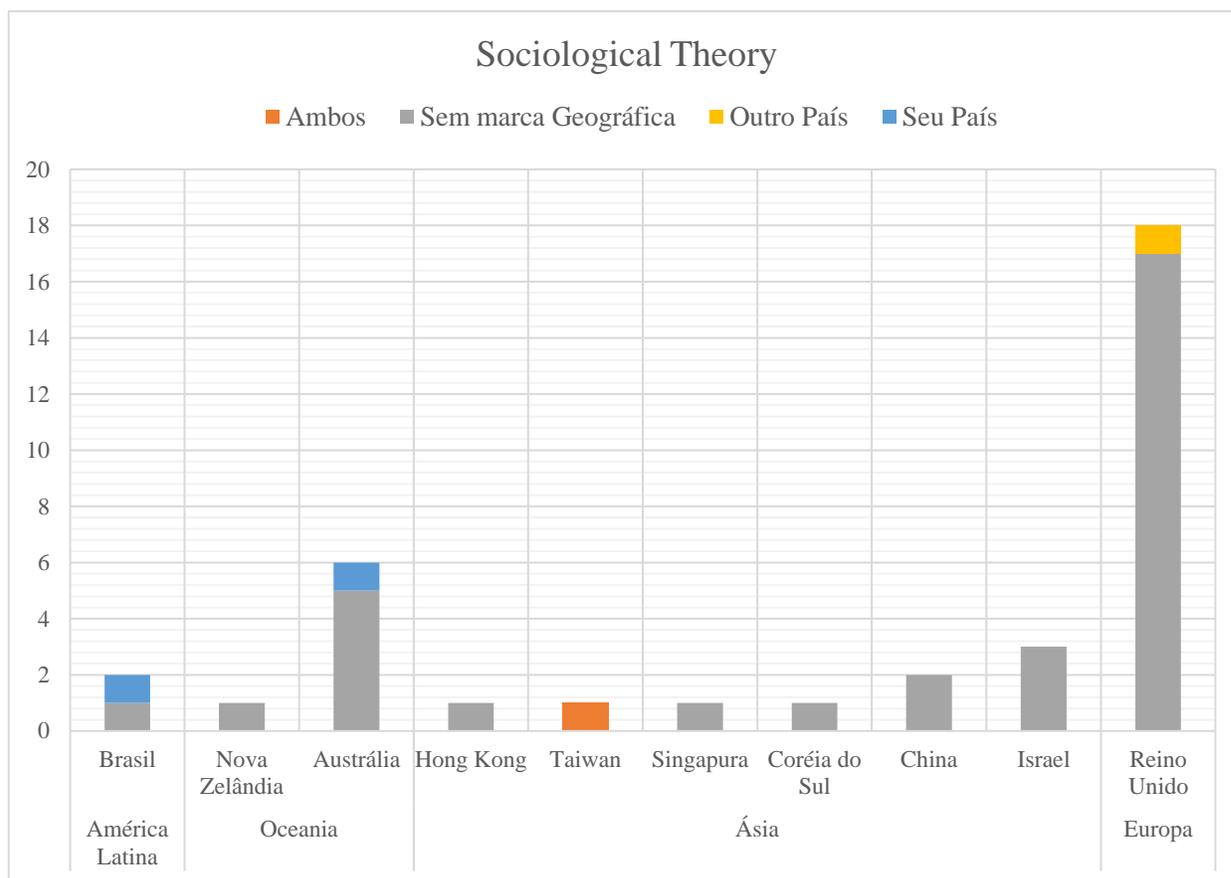
realidade do país/região. O Reino Unido, neste periódico se mostra completamente dominado por artigos descolados de contextos geográficos e menos de 10% de estudos sobre outros países/regiões.

Gráfico 20: Tipo de Objeto entre regiões *Sociological Theory* (2000 – 2016)



Observando-se os dados dos países dentro das regiões, padrões encontrados nas revistas europeias também podem ser notados. Observa-se novamente a forte presença do Brasil, representando a região latino-americana, assim como nos outros periódicos, possuindo tanto artigos descolados de realidades locais quanto o inverso. Enquanto isso, na Ásia é notável que, diferentemente das revistas europeias, a maior parte das nações do continente se concentram em um mesmo padrão de publicação: objetos descolados de realidades geográficas. Além disso, nota-se novamente, o domínio de Israel, seguido da China. Na Oceania se observa, assim como em EJST e TCS o domínio Australiano, com a hegemônica presença de estudos descolados de realidades concretas e um estudo sobre o próprio país/região. Aqui também o reino Unido repete a hegemonia de publicações sobre objetos sem menção a contextos locais específicos e uma publicação analisando outros países.

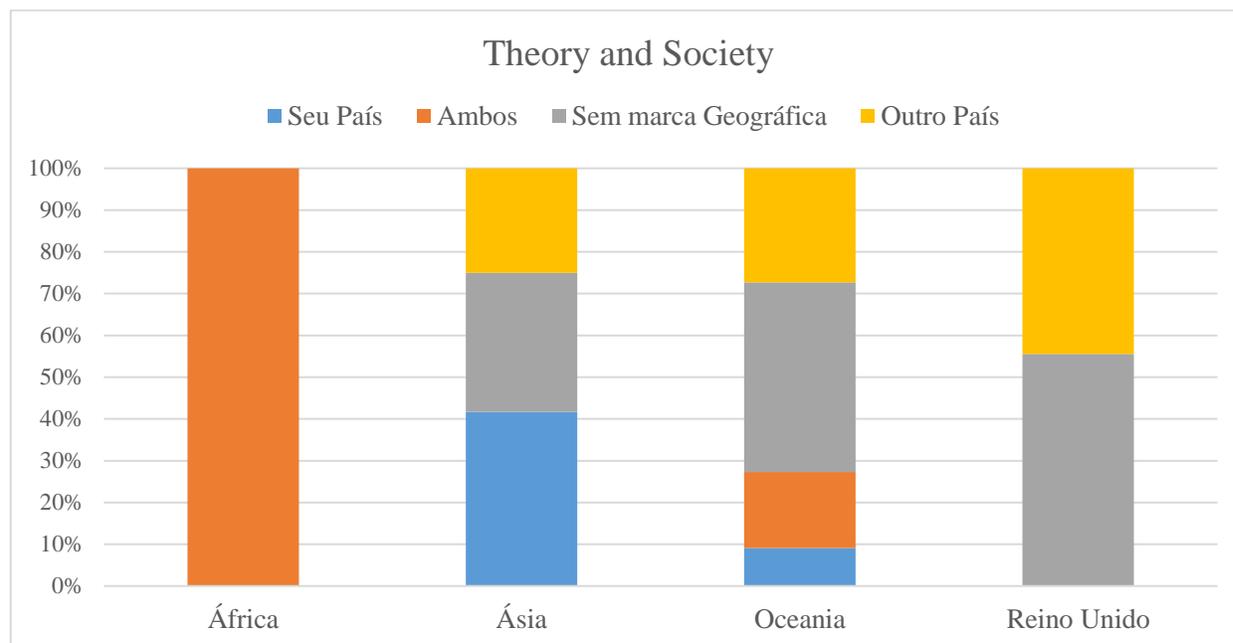
Gráfico 21: Tipo de Objeto entre países na *Sociological Theory* (2000 – 2016)



Assim como em todas as outras revistas, em *Theory and Society* é possível notar que os intelectuais da África não publicaram artigos que discutiam temas descolados de realidades geograficamente situadas, ou mesmo sobre outros países. Nesta revista observa-se que a região tem 100% das publicações tratando de estudos sobre o país do autor e outros da região. A ausência da América Latina é seguida pela Ásia, que neste periódico tem, pela primeira vez, um maior número de artigos acerca do seu país/região, 42% do total, seguida pela forte presença de estudos descolados de realidades geográficas 33% e outros países 25%. A Oceania, assim como todas as outras revistas mostra-se dominada por estudos sem menção a contextos geográficos específicos, com 45% do total, e estudos sobre outros países/regiões, 27%, o que é seguido pelo melhor número da região em estudos que envolvem o país do autor, valor que se aproxima de 30% do total. O Reino Unido, assim como todas as outras revistas, apresenta seus maiores números na categoria estudos deslocados de contextos geográficos, que praticamente alcança a

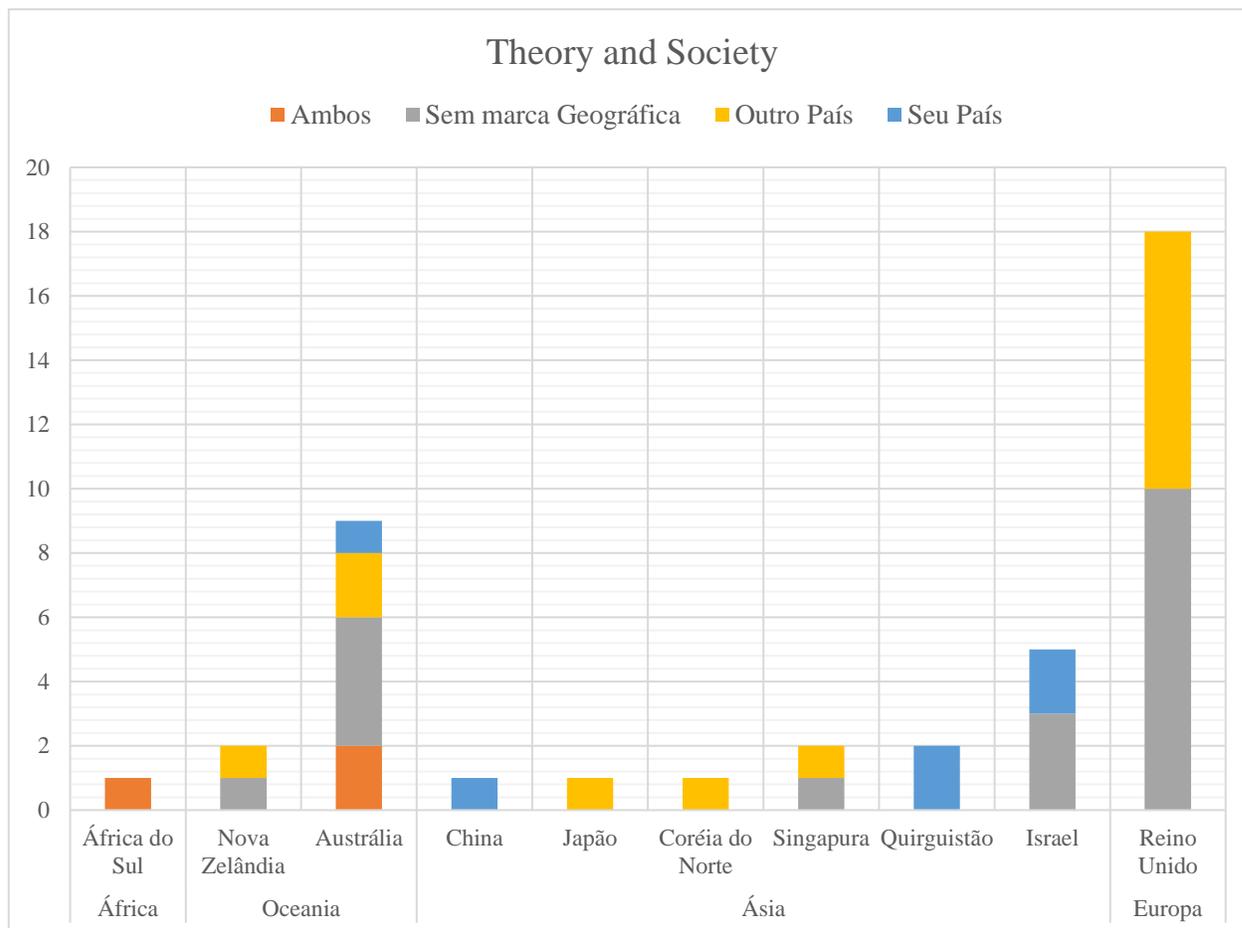
metade do total que é dividido com as publicações de autores que têm como objetos outras nações/regiões.

Gráfico 22: Tipo de Objeto entre regiões *Theory and Society* 2000 – 2016)



O olhar sobre os países dentro das regiões também confirma alguns dados anteriormente observados. Nota-se, novamente a liderança, neste caso, isolada, da África do Sul no continente Africano, da Austrália na Oceania, e de Israel na Ásia. No caso da Oceania observa-se que a Austrália é o país que concentra, novamente, o maior número dos estudos sem menção a contextos geográficos e pesquisas sobre outros países. A Ásia, também possui o maior número de artigos sem menção geográfica, seguido por Singapura, que divide metade da produção com estudos sobre outros países. Coréia do Norte e Japão também apresentam estudos sobre outros países, enquanto China e Quirguistão são os únicos que mantêm apenas publicações sobre o país/região do pesquisador. Estes resultados podem ser observados no GRÁFICO 23 a seguir que trata do tipo de objeto entre países que publicaram na *Theory and Society* durante o intervalo dos anos de 2000 e 2016.

Gráfico 23: Tipo de Objeto entre países na *Theory and Society* (2000 – 2016)



A análise destes dados nos permite levantar algumas características a respeito das diferenças entre regiões e dentro das regiões quando se observa o tipo de objeto estudado pelos pesquisadores. Primeiramente é possível constatar que existe uma diferença clara entre as nações do Sul Global, com mais ênfase na África e na América Latina, e o comportamento do Reino Unido. Nota-se que entre estas regiões do Sul Global é mais forte a presença de estudos focados em objetos que envolvem o país ou região do pesquisador, enquanto a maior parte das publicações de autores do Reino Unido se concentrou em objetos sem relação com realidades geográficas específicas. Além disso é possível observar a completa ausência, entre pesquisadores da África e América Latina, de estudos exclusivamente sobre outros países ou outras regiões, característica bastante presente no caso do Reino Unido.

Além disso, ao observar as diferenças dentro do Sul Global como um todo, englobando

então Ásia, Oceania, África e América Latina, pode-se perceber que existe uma diferença bastante clara entre estas regiões quando se observa a frequência de estudos sobre a região do pesquisador, estudos sem localização geográfica e estudos sobre outros países. O continente africano é aquele com maior predominância de estudos sobre o país/região do autor, seguido da América Latina e depois Ásia, enquanto se observa que a Oceania possui um número ínfimo de artigos que tratam de contextos locais. Além disso, se observa que no que diz respeito aos estudos sem marcador geográfico a Oceania é a região nos quais eles mais se destacam, seguidas da Ásia e depois a América Latina. Além disso, é possível notar que apenas a Ásia e a Oceania possuem artigos que tratam acerca de outros países/regiões, característica que também é bastante presente no caso do Reino Unido.

Quando observamos o comportamento dentro das regiões é possível perceber que existem características distintas entre países, fazendo com que uns possuam padrões mais próximos ao de artigos do Reino Unido enquanto outros menos. Observa-se, no caso da América Latina em *European Journal of Social Theory* que os autores chilenos¹⁸ possuem um padrão de objeto bastante dissonante em relação ao de outros países da região, já que todos os seus artigos discutiam objetos que não tinham relação com contextos geográficos específicos, enquanto autores de Brasil e Argentina na mesma revista, ou México em TCS, tem índices mais equilibrados e com predomínio de estudos sobre contextos locais. Esse tipo de diferença interna também se repete em larga medida na Ásia, em todas revistas analisadas, já que Israel e Singapura¹⁹ possuem padrões de objeto muito mais similares ao do Reino Unido e Austrália,

¹⁸ Casos como o Chile podem ter conexão com o tipo de formação dos intelectuais que publicaram nos periódicos. A título de exemplificação, um dos autores com publicações pelo país, Daniel Chernilo, que também é editor do periódico, possui PHD pela Universidade de Warwick e hoje é professor da *Loughborough University*. Acredita-se que a formação em universidades do exterior, a inserção em redes de pesquisa ou mesmo cargos nestas regiões pode servir enquanto condicionante à reprodução por autores do Sul de padrões típicos de autores do Norte Global. No caso brasileiro publicações sem marcadores geográficos, realizados por Frédéric Vandenberghe em *Theory and Society*, são outros exemplos, que podem ser explicados pela formação deste pesquisador ter sido realizada no exterior, além deste possuir nacionalidade em um país Europeu, tendo convivido por bastante tempo com debates diferentes dos que compõem as tradições nacionais.

¹⁹ Cabe ressaltar que durante a investigação sobre o caso de Singapura foi possível perceber que boa parte dos pesquisadores baseados nos países que publicaram nos periódicos não possuem nomes que se assemelhem a nomes “típicos” da região asiática. Foi encontrado um número consideravelmente alto de autores com nomes comuns às regiões anglo-saxãs. Estes elementos apontam que possivelmente pesquisadores com nacionalidade e formação em regiões do Norte como Reino Unido e Estados Unidos acabam migrando para Singapura devido a oferta de bons

com a preponderância de estudos sem marcador geográfico ou sobre outros países, do que os padrões típicos das demais nações do Sul ou mesmo da própria Ásia.

A partir disso constata-se que dentro das regiões compreendidas enquanto Sul Global existe uma diferença considerável entre o tipo de objeto analisado, aproximando algumas nações do que seria um padrão mais ao Norte e outras mais ao Sul. Israel, Singapura, Chile e Austrália são nações que destoam de outros países do Sul, se assemelhando muito mais ao tipo de trabalho realizado no Reino Unido do que na África ou América Latina, o que pode ser explicado, como apontado nas notas de rodapé 18 e 19, pela formação de pesquisadores desses países ter sido realizada em universidades do Norte, o que, contudo, não descarta a suposição de que o debate nestas nações esteja mais conectado com a forma de produção realizada no eixo Euro-Atlântico.

A diferença entre regiões e países baseada nos quesitos: estudos sem referência a contextos geográficos específicos e estudos sobre o país/região do autor, pode ser interpretada a luz da literatura que tem discutido o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual. A utilização das contribuições de autores deste campo nos permite compreender de que forma o colonialismo, o eurocentrismo e a produção do conhecimento se interseccionam produzindo desigualdades e hierarquias no campo das ciências sociais. Além disso essas reflexões nos permitem pensar sobre as formas de inserção do Sul Global nos debates teóricos do campo.

Como afirmado anteriormente, Alatas (2003) compreende que a divisão internacional do trabalho intelectual se definiria a partir de três características, que produzem uma estrutura desigual e hierárquica em que a produção dos grandes centros possuiria mais status no campo sociológico. Essas três características seriam: a) a divisão entre o trabalho teórico e empírico, em que pesquisadores do Norte produziram pesquisas tanto teóricas quanto empíricas enquanto o sul focaria em estudos empíricos; b) a divisão entre estudos sobre outras nações e estudos sobre sua própria nação, em que os pesquisadores do Sul focariam em estudos baseados em sua própria nação, e os pesquisados do Norte, além de fazerem reflexões sobre si, investiriam em estudos sobre outras nações; c) a divisão entre estudos comparativos e estudos de caso, em que os pesquisadores do Norte realizariam estudos de caso e estudos comparativos sobre outras

salários e financiamento para pesquisas e reproduzindo padrões de objetos mais semelhantes a regiões do Norte Global.

nações enquanto intelectuais do Sul estariam mais fechados em pesquisas de casos específicos, geralmente sobre sua própria nação. Ao observarmos os dados levantados neste tópico é possível notar que eles expressam alguns destes pontos.

Primeiramente, pode-se perceber que regiões do Sul Global como América Latina e África possuem a maior parte de seus trabalhos com temáticas baseadas em estudos sobre suas nações/regiões, ao invés de estudos acerca de outras nações ou trabalhos teórico-abstratos sem ligação com um contexto geográfico específico. Além disso, a hegemonia, no Reino Unido, de estudos descolados de realidades geográficas indica a preponderância de reflexões de caráter teórico em detrimento de estudos empíricos ou de caso, os quais se concentram com maior intensidade nas nações do Sul Global. Esses pontos reforçam a ideia de que a forma de inserção das publicações de autores do Sul Global, sobretudo aqueles de nações da América Latina e África, se dá a partir da produção de estudos de caso sobre suas próprias nações ou regiões.

Tal característica também foi notada por Keim (2008) ao analisar diferenças temáticas entre o conteúdo das apresentações de intelectuais convidados para fazer atividades em universidades do centro. Estudando o caso da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* (EHESS) da França, Keim (2008) percebeu que a grande maioria dos intelectuais da América Latina e África eram convidados a falar sobre seus próprios países ou regiões, enquanto a maior parte dos intelectuais da Europa tratava de questões teóricas que não faziam menção a uma realidade geográfica específica. Além disso, a autora também notou que no caso da EHESS a maior parte dos intelectuais da África que foram convidados a dar aula na instituição estão baseados em departamentos de estudos africanos, o que aponta para o fato destes serem considerados relevantes apenas para estudiosos de questões regionais e não intelectuais de áreas da sociologia em geral.

Como aponta Keim (2008), este padrão de inserção dos intelectuais do Sul Global nos debates do centro revela uma pressão sobre estes pesquisadores para apresentarem o caso de suas regiões ou países enquanto “casos exóticos”, meio pelo qual tais estudos se tornam relevantes aos leitores do centro. Esta condição restringe os intelectuais da periferia global a meros informantes da realidade para além das metrópoles, impedindo que sejam lidos enquanto intelectuais capazes de dialogar sobre questões mais gerais da disciplina como teoria,

epistemologia e método. Por consequência acaba-se por reforçar um ciclo que ajuda a reproduzir a divisão internacional do trabalho intelectual, em que autores do centro produzem teoria e discutem assuntos generalistas, que definem as agendas e objetos sociológicos legítimos, e intelectuais do Sul contribuem com estudos de casos, particularistas, sem interesse em tensionar pressupostos teóricos ou contribuir com inovações conceituais ou metodológicas.

Esta separação, entre o tipo de conhecimento produzido por intelectuais do Norte e intelectuais do Sul, a partir da qual se opõe a produção teórica, de caráter generalista e universal, e os estudos de caso, de caráter particularista e local, possui forte relação com a experiência do colonialismo e como este moldou a produção de conhecimento nas ciências sociais. Como afirma Patel (2016), o discurso eurocêntrico, evolucionista, que serviu de validação para o colonialismo, se estruturou a partir de uma separação ontológica entre o “ser”, definido pela Europa e os modernos, e o “não-ser”, definido pela periferia, os não modernos e os não ocidentais. Esta clivagem foi utilizada para hierarquizar os saberes produzidos por indivíduos da metrópole e aqueles das colônias. Tal clivagem que como assinala Quijano (2000), se deu em paralelo com a classificação social a partir do critério de raça, construiu um abismo entre os saberes do centro e da periferia colonial, de forma a atribuir legitimidade àqueles das metrópoles e irrelevância e exotismo aos povos colonizados.

A partir destas contribuições pode-se afirmar que a diferença, notada nos dados observados neste capítulo, entre pesquisas focadas em contextos locais e estudos teóricos abstratos, mais do que um dado ocasional, pode ser um produto da forte relação entre os pressupostos eurocêntricos e coloniais que definem o pensamento ocidental e a divisão internacional do trabalho intelectual. Mais do que isso, esses elementos formam as bases sobre as quais se estrutura a produção do conhecimento das ciências sociais hoje. Como apontado por Keim (2008), esta inserção dos intelectuais do Sul, nos debates do centro, a partir de estudos de caso, para além do valor e qualidade que tais trabalhos possuam, se dá por este conteúdo reproduzir uma leitura eurocêntrica do mundo que toma o Sul enquanto o local do particular e do exótico enquanto eleva o Norte à condição de espaço do geral e do universal. Por consequência, os intelectuais de nações como África ou América Latina, acabam por valorizar sua entrada na discussão internacional, dominada por pesquisadores do centro, a partir da

afirmação da diferença de suas nações frente ao Norte ou pela apresentação de exemplos das teorias do Norte em contextos periféricos, ROSA (2016).

Contudo, poder-se-ia dizer, assim como afirma Hountondji (1997), que a forte tendência dos intelectuais do Sul a realizar estudos sobre suas realidades locais, enquadra-se enquanto uma expressão da independência destes pesquisadores em relação aos tópicos trabalhados por intelectuais do Norte, características que enquadrariam estes enquanto produtores de uma ciência social autônoma. Isto coadunaria com a ideia de que estes intelectuais estão trabalhando com temas que são de interesse local e envolvem consequências que impactam a vida cotidiana de seus conterrâneos. Todavia, assim como Hountondji (1997) alerta, estudos territorialmente especializados, como os Estudos Africanos, são em boa parte, produtos da ciência social europeia, voltados a satisfazer interesses práticos e teóricos baseados na Europa. Mais do que isto, apesar da boa intenção de pesquisadores em se ater a questões locais, o autor afirma que isto pode tornar tais intelectuais incapazes de lidar com a criação de modelos teóricos ou conceituais, que seriam fundamentais para o entendimento de seus próprios contextos.

Entretanto é importante mencionar que o fato dos intelectuais de regiões como África e América Latina trabalharem com estudos que mencionam seus contextos geográficos não implica, necessariamente, que todos trabalhos realizados por esses autores ocupem uma agenda cativa, interessada em fornecer exemplos das teorias do centro e subordinada à pressupostos eurocêntricos. Nas revistas analisadas foram encontradas algumas contribuições de autores do Sul que buscavam justamente, a partir de reflexões que tomavam seus contextos geográficos enquanto fontes profícuas à reflexão de teoria, tensionar o eurocentrismo que define a produção do *mainstream* teórico. Isso significa dizer que a associação entre estes dados e a compreensão de que a forma de inserção da produção do Sul é apenas produto de uma reprodução de uma forma cativa não se aplica a todos os casos. Esta correlação deve ser lida apenas como uma, entre outras, explicações possíveis às formas de inserção a partir da periferia.

Para exemplificar a complexidade em tratar essa correlação pode-se citar a importância crescente da noção de Sul Global nos debates internacionais do campo de teoria. Reflexões acerca das teorias do Sul (CONNEL, 2007), (COMARROFF E COMAROFF, 2012), SANTOS (2007) têm reforçado a importância de trabalhar contribuições teóricas que foquem na

experiência concreta dos intelectuais da periferia ou das realidades locais nas quais eles inserem. Estas orientações, serviriam como forma de subverter o provincialismo europeu sob o véu da universalidade. As teorias do Sul apresentam-se, neste caso, enquanto proposições teóricas alternativas ao eurocentrismo, que possuem um local de enunciação posicionado na periferia e defendem a importância de se pensar teoria a partir deste local. A questão que segue é: Estariam os autores da periferia que trabalham com reflexões sobre as teorias do Sul, ao focarem na importância de seus locais geográficos à produção de alternativas às teorias do Norte, apenas apresentando experiências exóticas ao público leitor das revistas de teoria? Ou estariam estes intelectuais contribuindo à subversão de um quadro onde as experiências provincianas do Norte se escondem sobre ares de teoria universal/abstrata? Impasses desse tipo apontam para a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre o tipo de reflexão produzida pelos autores do Sul Global em seus artigos e o próprio interesse do público leitor em se apropriar dessas discussões. Fica claro que chegar a este grau de compreensão da questão ultrapassa os limites desses dados, e a inferência de que a presença de estudos com foco no local é produto da reprodução de uma agenda cativa interessada em oferecer exemplos exóticos, apresenta-se, apenas, enquanto uma das explicações possíveis aos resultados aqui encontrados.

Experiências importantes têm buscado conjugar o interesse por uma ciência social no Sul distante de uma agenda particularista e cativa e capaz de propor alternativas teóricas de larga escala. Pode-se citar o fecundo debate em torno das sociologias Indígenas produzidas por Akiwowo (1999), Lawuwi e Taiwo (1990) e Adesina (2002). O debate, realizado no interior da *International Sociology*, focou no interesse pela construção de contribuições teóricas e conceituais abstratas a partir da poesia Iorubá de grupos da Nigéria. A tentativa criativa de produzir reflexões sociológicas autônomas, baseadas na experiência indígena, capazes de produzir ferramentas teóricas com potencial analítico para além do local, são exemplos da busca pela produção de tradições alternativas à polarização entre estudos particularistas atomizados e reflexões teóricas sem base em contextos concretos. Elas demonstram formas de inserção das contribuições do Sul Global aos debates teóricos que conjugam tanto o interesse em reforçar a importância das realidades locais à produção da teoria quanto o desejo de tensionar concepções consagradas e mudar a geopolítica da produção do conhecimento sociológico,

Destarte, não cabe aqui dizer, até pela limitação dos dados e metodologias utilizados nesta dissertação, que as diferenças entre estudos sobre realidades locais e reflexões teóricas sem marcador geográfico, que opõem intelectuais do Sul e Norte nas revistas estudadas, são suficientes para afirmar que todos os pesquisadores do Sul estão produzindo reflexões cativas ou extrovertidas. Para afirmar que as contribuições dos autores da periferia, ao se aterem a suas linhas geográficas, satisfazem pressupostos de teorias do centro, ou mesmo que os trabalhos de autores do Reino Unido, ao não citarem realidades geograficamente dadas, partem de um ponto de vista eurocêntrico, seria necessário um estudo mais aprofundado sobre o conteúdo completo dos artigos ou até mesmo uma investida sobre intencionalidades dos intelectuais. Porém, a percepção da diferença regional, entre o tipo de objeto analisado por esses autores, aliada com a contribuição dos casos já analisados pela literatura, indica bons motivos para se suspeitar que boa parte de tal diferença poderia ser explicada pelo modo como a divisão internacional do trabalho intelectual foi moldada pela experiência colonial.

CONCLUSÃO

As ciências sociais têm observado, cada vez mais, a emergência de movimentos intelectuais interessados em denunciar as desigualdades globais inscritas na produção do conhecimento sociológico. As últimas duas décadas serviram de cenário para o crescimento de investidas críticas às estruturas de dominação intelectual nas ciências sociais, as quais acompanharam o fortalecimento dos discursos de correntes pós-coloniais e decoloniais, que apontam a necessidade de subversão das assimetrias geopolíticas que definem o campo hoje. Contribuições com influências diretas nos aportes sobre a experiência dos sujeitos colonizados e as estruturas de dependência e subordinação econômica que servem de alicerce à produção capitalista, têm reforçado o papel do colonialismo e do eurocentrismo na formação do pensamento sociológico e, conseqüentemente, da forma como a teoria sociológica lê o mundo.

A ausência entre os cânones da teoria social de pensadores da periferia global tem servido de questão ao discurso crítico focado na descolonização das ciências sociais. A despeito de contribuições de autores que desde o século XV produziam reflexões teóricas tão criativas e inovadoras quanto as de Marx Weber e Durkheim, observa-se que os manuais teóricos da disciplina se encontram dominados pelo discurso dos três pais fundadores, o que tem fomentado a construção de formas alternativas de se contar a história da teoria sociológica (ALATAS e SINHA, 2017). Reflexões teóricas que buscam subverter tanto a maneira como a história da disciplina é contada quanto a hegemonia euroamericana na produção de teoria social, ao tocarem em elementos que estruturam diretamente a geopolítica do conhecimento das ciências sociais, têm aberto espaço para o rearranjo das estruturas do campo. Da efervescência de proposições determinadas a criar uma sociologia menos eurocentrada emergem projetos diversos, que sob o rótulo de sociologias indígenas, endógenas, do Sul, decoloniais ou pós-coloniais, apontam para caminhos heterogêneos, com possibilidades de ruptura com o centro ou conciliação.

Na esteira dessas contribuições, a reflexão sobre a divisão internacional do trabalho intelectual tem produzido importantes subsídios ao estudo da geopolítica do conhecimento sociológico. Suas observações nos permitem compreender como a divisão global entre produtores de teoria e coletores de dados, ou teóricos do global e pensadores do local, tem raízes na experiência colonial e, mais do que isso, estrutura e reproduz hierarquias entre centro e

periferia no interior das ciências sociais. Mais do que isso, os estudos sobre a divisão internacional do trabalho intelectual têm transportado a teoria social para o centro do debate sobre a geopolítica do conhecimento sociológico, apontando como o seu domínio por intelectuais do Norte opera enquanto um dos alicerces à reprodução do eurocentrismo e da colonialidade no campo do conhecimento. A hegemonia da Euro-América sobre a formulação de conceitos e métodos emerge enquanto fundamento para a imposição de agendas teóricas que privilegiam objetos, agentes, narrativas e imagens do mundo social que refletem a experiência daqueles que as produzem: homens brancos de países do Norte. Por consequência, tal conjuntura tem produzido severas limitações à capacidade teórica das ciências sociais em explicar realidades que se posicionam no Sul Global, tendendo a narrar tais experiências enquanto exemplos defeituosos, desvios ou conformações exóticas das realidades do centro.

A observação de que a divisão internacional do trabalho intelectual se impõe enquanto um fenômeno fundamental para a compreensão da geopolítica do conhecimento sociológico contemporâneo serviu de fundamento para a escolha do objeto de investigação desta dissertação de mestrado. Em meio às diversas formas de expressões da divisão internacional do trabalho intelectual, decidiu-se focar nesta dissertação em um estudo a partir de revistas internacionais de teoria social. Tal escolha se justificou justamente pelo entendimento de que as revistas de teoria operam um papel central na definição das relações de poder no campo sociológico. Como demonstra a literatura, por serem atualmente os principais meios de circulação da teoria social, elas possuem grande importância na definição de agendas, objetos, conceitos e metodologias que são utilizados por pesquisadores ao redor do mundo.

A partir do uso de alguns rankings que estimam o impacto das revistas de ciências sociais, foram escolhidas quatro revistas de teoria como focos de análise: *Theory, Culture and Society*, *European Journal of Social Theory*, *Sociological Theory* e *Theory and Society*. Primeiramente, a análise contou com o uso de técnicas quantitativas baseadas em estatística descritiva para analisar o perfil nacional e regional dos pesquisadores que publicaram nos periódicos entre 2000 e 2016, além do perfil nacional e regional dos comitês editoriais das revistas. Em um segundo momento, foi utilizada uma análise qualitativa do tipo de objeto estudado por pesquisadores do Sul Global em comparação com pesquisadores do Reino Unido.

Estas técnicas permitiram observar que as quatro revistas expressam a divisão internacional do trabalho intelectual de diferentes formas: a baixa presença de intelectuais do Sul em seus debates e comitês editoriais; pela ausência de crescimento da participação do Sul Global durante os últimos dezessete anos e pelas diferenças entre o tipo de objeto pesquisado por intelectuais do Sul em comparação com os do Norte. Estes resultados foram organizados em dois capítulos, que apresentaram os resultados da pesquisa e os analisaram a partir de contribuições da literatura.

No capítulo “Revistas de Teoria e a Hegemonia Euro-Americana”, a partir da análise sobre a frequência dos países nas revistas de teoria supracitadas foi possível compreender o perfil nacional dos pesquisadores que publicaram nestes periódicos entre os anos de 2000 e 2016. A análise de frequência permitiu observar que um pequeno número de países domina a maior parte das publicações das revistas, oscilando entre 50% e 90% do total das publicações: Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha. Estes países foram seguidos por um segundo grupo que também manifestou presença constante nas revistas sob análise: Austrália, Holanda, França e Dinamarca. Observou-se, então, que o debate teórico realizado nas quatro revistas foi amplamente dominado por nações do Norte Global, mais especificamente do eixo Euro-Americano, o que só não se concretizou por inteiro pela considerável presença da Austrália em meio ao grupo.

Esses resultados foram analisados a partir de algumas contribuições da literatura que têm discutido a geopolítica do conhecimento nas ciências sociais. A observação de que três dos quatro países que dominam a maior parte dos debates das revistas de teoria analisadas têm como língua nativa o inglês serviu de questionamento acerca do uso do inglês como língua franca nos debates internacionais materializados em revistas. Contribuições da literatura foram utilizadas como forma de frisar como o domínio da língua inglesa favorece intelectuais de nações que têm esta como idioma nativo. Esse processo se dá tanto pela facilidade em escrever e submeter artigos aos periódicos como pelo melhor ajustamento desta língua a objetos e representações que o próprio pesquisador já carrega e utiliza em suas análises.

Contudo, neste capítulo ressaltou-se a importância de se observar a questão da língua a partir da geopolítica que envolve a produção e circulação do conhecimento sociológico. Países

do Sul Global que também possuem o inglês como língua nativa, como Índia ou África do Sul, não alcançam minimamente as marcas de nações que compartilham o idioma como os Estados Unidos, Canadá e Reino Unido. Esta constatação impôs a necessidade de observar na literatura outros elementos que ajudam a explicar a baixa penetração de autores do Sul Global, em comparação a autores do Norte, em publicações em periódicos. Fez-se então necessário levar em consideração elementos como infraestrutura material e grau de organização das instituições que permitem o exercício da atividade sociológica e condicionam a publicação internacional. Resulta daí a constatação de que em países ricos do Norte Global a presença de uma boa infraestrutura material condiciona positivamente a inserção de seus pesquisadores nos debates internacionais da disciplina. Maiores oportunidades em acessar editoras, livrarias, bibliotecas bem equipadas, tecnologias que permitam a comunicação de informações com os pares, ou mesmo o maior acesso a financiamento e boas condições de trabalho, são citados na literatura como elementos que favorecem nações do Norte Global na internacionalização de suas contribuições teóricas.

Contudo, é importante dizer que o papel da infraestrutura material e grau de organização das instituições não são elementos capazes de esgotar os condicionantes da baixa presença do Sul Global em revistas internacionais de teoria. A baixa presença de países como Argentina, Brasil, África do Sul e Índia, que possuem um elevado grau de institucionalização da atividade sociológica e boa infraestrutura, principalmente se comparados com outras nações da periferia, escapa em parte deste tipo de explicação. Frente a isso, o papel do estilo de escrita e as próprias representações produzidas pela divisão internacional do trabalho intelectual foram apontadas como condicionantes importantes que também devem ser considerados na explicação da baixa inserção do Sul em tais periódicos. A reprodução de papéis sociais no interior da divisão do trabalho acadêmico, ao reforçar representações de que apenas pesquisadores Euro-Americanos são produtores de teoria, afasta os intelectuais da periferia dos debates teóricos da disciplina relegando-os a ocuparem uma posição cativa e pouco criativa do ponto de vista geopolítica da produção teórica.

No intuito de complementar a análise sobre o perfil dos intelectuais que publicaram nas revistas de teoria, no segundo tópico deste capítulo a pesquisa tomou como foco o perfil dos

integrantes dos comitês editoriais dos periódicos. A partir desta análise, pôde-se notar que esses espaços também são impactados pela desigualdade entre regiões no mundo. A análise da frequência de publicações demonstrou que a composição dos comitês também reflete desigualdades estruturais que fundamentam a geopolítica do conhecimento. O olhar sobre o país de vínculo dos editores destes periódicos permitiu observar novamente a hegemonia das nações do Norte Global. Percebeu-se que em todas as revistas existe uma forte presença de autores do que foi chamado no tópico anterior de países do “Grupo A”, o núcleo dos países que concentram a maior parte do debate realizado nos periódicos: Reino Unido, Estados Unidos, Canadá e Alemanha. O que significa dizer que, além da hegemonia do Norte sobre a composição dos comitês, observa-se que as nações com maior participação na frequência de publicações também possuem considerável número de editores nos comitês das revistas analisadas.

Esta constatação permitiu levantar um paralelo entre a presença em comitês editoriais e a frequência de publicações entre nações. Com o interesse em aprofundar esta constatação, foi realizada uma análise de casos específicos a partir de nações que possuíam uma forte inserção no *European Journal of Social Theory*, a despeito de não repetirem boas cifras nos outros periódicos. O estudo da relação entre o número de publicações de Itália, Espanha e Chile e a trajetória de editores científicos do EJST que mantiveram vínculo com instituições desses países, permitiu reforçar a tese de que a presença de editores científicos em revistas também opera como um condicionante à publicação de intelectuais de mesmo vínculo nacional. Ao observar-se que o número de publicações dos países subia durante os períodos em que possuíam editores no *European Journal of Social Theory* - seja pela presença de publicações dos próprios editores, seja pelo crescimento de publicações de conterrâneos das mesmas instituições ou redes de pesquisa -, foi possível inferir que a participação em comitês editoriais também se configura enquanto um condicionante com potencial de explicar a inserção de intelectuais nos debates das revistas.

No segundo capítulo dessa dissertação, denominado “A Internacionalização/Globalização Entre o Particular e o Universal”, realizou-se um estudo da variação do número de publicações entre países do Sul e Norte Global nas revistas analisadas. A partir desta análise, foi possível observar se houve um crescimento entre os anos de 2000 e

2016 na parcela de publicações de autores de instituições do Sul. Esta investida teve como objetivo compreender se houve uma maior diversidade de nações publicando nessas revistas nos últimos dezessete anos, de forma a entender até que ponto a globalização/internacionalização das ciências sociais estaria se materializando em periódicos de alto impacto em teoria.

Os resultados desta análise mostraram que não houve um crescimento estável nas publicações de intelectuais do Sul Global em nenhuma das revistas de teoria analisadas, tanto em números absolutos como em números relativos. A frequência no tempo de intelectuais do Sul Global apresentou-se bastante esporádica e instável sendo acompanhada pela predominância de regiões como Oceania e Ásia sobre América Latina e África. Contudo, cabe mencionar que boa parte do domínio dentro do Sul de Oceania e Ásia, foi produzido pela forte presença de países específicos, mais especialmente Austrália, Israel e Singapura, os quais destoam de outras nações do Sul em se tratando de infraestrutura acadêmica. Essa desigualdade interna ao próprio Sul Global foi encontrada em todas as regiões, onde notou-se que países como África do Sul, Brasil, Oceania e Israel dominavam a maior parte das publicações de suas regiões. Além disso, foi possível observar que o Sul Global alcançou seus piores números nas revistas norte-americanas, tanto no total de artigos, quanto na porcentagem ocupada pelo Sul Global em relação a outras regiões no tempo.

Esses dados ajudam a reforçar ideias que têm sido apontados na literatura de que o fenômeno da globalização/internacionalização das ciências sociais não tem se realizado de maneira uniforme ou mesmo igualitária. Estas reflexões apontam que, apesar da presença cada vez maior da sociologia em regiões e países de todo o mundo, não se pode observar um intercâmbio global realmente igualitário entre intelectuais de nações e regiões distintas. Isto nos leva a concluir que observamos a formação de um ainda emergente campo global no interior das ciências sociais. Além disso, nota-se que a internacionalização das ciências sociais se faz reproduzindo um sistema de centro-periferia, o que pôde ser notado, nos dados deste capítulo, pela constância do Sul em uma posição marginal nos últimos dezessete anos, além de hegemonias dentro de regiões do próprio Sul Global, como é o caso de países como o Brasil, África do Sul, Israel e Austrália.

Essas reflexões foram complementadas com contribuições da literatura que têm debatido

projetos de uma sociologia global. Entre os diversos projetos em disputa para a construção de uma sociologia global foram contrapostos modelos que defendiam o fortalecimento de tradições nacionais, como os da Associação Internacional de Sociologia, até propostas que ressaltavam a necessidade de um investimento mais audacioso, baseado em um processo de aprendizado mútuo entre tradições diversas, como proposto no trabalho de Raewyn Connell. Reflexões como estas nos permitem observar que o desafio de globalização/internacionalização das ciências sociais passa pela tarefa de viabilização de formas de intercâmbio realmente plurais e igualitárias, capazes de permitir o debate entre tradições diferentes, porém interessadas em aprender mutuamente. Frente a isto, impõe-se um desafio de maior abertura nos periódicos analisados a contribuições teóricas fora da Euro-América, questão crítica já que estes são espaços importantes à circulação do trabalho teórico internacional, possuindo centralidade na determinação de debates e agendas do campo.

Por fim, esta dissertação apresentou uma análise interessada em aprofundar a discussão sobre a divisão internacional do trabalho intelectual a partir de um estudo mais extenso do tipo de objeto estudado pelos pesquisadores que publicaram nos periódicos. Tal investida teve como objetivo compreender se as publicações de autores do Sul Global reproduziam características que a literatura tem apontado como típicas dos locais periféricos na divisão internacional do trabalho intelectual, mais especificamente a tendência em trabalhar com estudos de caso e estudos sobre sua própria nação, em detrimento de trabalhos teóricos abstratos e estudos sobre outras nações/regiões. A partir de uma análise que contou com a categorização de toda a produção do Sul Global entre os anos de 2000 e 2016 em comparação com a produção do Reino Unido, foi possível perceber uma clara diferença entre as nações do Sul Global, particularmente da África e da América Latina, e o comportamento do Reino Unido. Observou-se que os intelectuais da periferia realizam, em sua maioria, estudos focados em objetos que envolvem o país ou região do pesquisador, enquanto autores do Reino Unido se debruçavam sobre objetos sem relação com realidades geográficas específicas. Além disso, foi possível observar a completa ausência de intelectuais da África e América Latina focados em estudos sobre outros países e regiões, algo que se mostrou bastante presente no Reino Unido.

Mais do que isso, foi notado que entre as regiões do Sul Global existem algumas

diferenças importantes em se tratando do tipo de objeto analisado. Algumas nações se aproximaram mais de padrões que seriam típicos do Norte (Reino Unido), enquanto outras apresentam maior semelhança com relação às demais nações da periferia. Israel, Singapura, Chile e Austrália foram os países que mais se afastaram do padrão de publicação de outras nações do Sul.

Estes resultados foram interpretados à luz da produção que tem discutido a divisão internacional do trabalho intelectual. O embasamento nestes aportes permitiu compreender como a diferença entre centro e periferia, materializada nos tipos de objeto estudados, está interseccionada com questões como colonialismo, eurocentrismo e a geopolítica da produção do conhecimento. A observação de que regiões do Sul, mais especificamente África e América Latina, detêm-se em estudos sobre seu próprio país pode ser explicada pelos papéis que definem a periferia global no interior da divisão do trabalho intelectual, nos quais estes locais não seriam tomados enquanto fontes de reflexão teórico-abstrata, mas enquanto meros espaços de coleta de dados e laboratório para as teorias do Norte. Mais do que isso, a própria representação colonial que sustenta o eurocentrismo, onde a Europa apresenta-se como o ser racional e universal e o Sul como o espaço do não-ser, do particular e do irracional, operaria enquanto um dos condicionantes do tipo de trabalho produzido pelo centro e pela periferia no campo sociológico. Neste sentido, as diferenças quanto ao tipo de objeto entre as regiões estudadas neste capítulo representam uma das formas de expressão da divisão internacional do trabalho intelectual, que estabelece papéis hierarquicamente dispostos entre centro e periferia e mantém o Norte Global como o local privilegiado de enunciação legítima da teoria social.

Mais do que pontuar a relação entre os estudos de caso focados em contextos nacionais ou regionais como representativos da baixa propensão do Sul Global em discutir questões além de seu contexto local específico, a literatura aponta que este padrão de inserção dos intelectuais do Sul Global nos debates do centro revela uma pressão sobre tais pesquisadores a apresentarem suas regiões ou países enquanto “casos exóticos”. Isto significa que o trabalho intelectual periférico, sem interesse em investir em análises gerais ou teóricas, mas sim em apresentar elementos singulares, defeituosos, ou mesmo exemplares das teorias do centro no seu país ou região de base, passaria a penetrar com maior facilidade no debate teórico internacional. Este

fenômeno, que não se restringe apenas a revistas de teoria, mas encontra exemplos em vários espaços que constituem as ciências sociais, acaba por engessar intelectuais do Sul no papel de meros informantes da realidade para além das metrópoles, impedindo que sejam lidos enquanto intelectuais capazes de dialogar sobre questões mais gerais da disciplina como teoria, epistemologia e método.

Isto posto, foi possível perceber que as revistas de teoria social analisadas de fato expressam características da divisão internacional do trabalho intelectual. O domínio do Norte sobre a produção de teoria se faz presente nas revistas pela hegemonia dos pesquisadores Euro-Americanos sobre a maior parte das publicações tanto em valores gerais quanto no comportamento dessas regiões no período entre os anos de 2000 e 2016. Além disso, a presença majoritária de intelectuais do Norte nos comitês editoriais também aparece enquanto elemento fundamental para a reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual, tendo em vista a importância dos comitês na determinação do perfil nacional dos autores que publicam nas revistas. Ademais, foi possível observar que a separação entre estudos teóricos e gerais e estudos empíricos sobre o seu próprio país se fez presente na comparação entre o conteúdo das publicações de autores do Sul Global e de pesquisadores do Reino Unido, o que aponta para uma forma de inserção periférica do Sul nos debates das revistas que contribui para reprodução das desigualdades e hierarquias que estruturam as ciências sociais hoje.

As contribuições apresentadas nesta dissertação buscaram, ao trabalhar com o fenômeno da divisão internacional do trabalho intelectual, fornecer insumos à literatura que tem discutido a geopolítica da produção do conhecimento sociológico. A partir desta investigação foi possível compreender de forma mais concreta como a divisão internacional do trabalho intelectual se expressa nos debates realizados em revistas de teoria, dando sentido à dimensão da hegemonia do Norte nestes espaços. Tal hegemonia foi observada a partir de múltiplas formas: pelo domínio no número de publicações e composição dos comitês editoriais; pela forte presença no tempo; e pelo tipo de objeto trabalhado em seus artigos. Esses dados apontam para elementos fundamentais à reprodução de papéis que condicionam intelectuais do Sul Global a se inserirem de forma periférica das discussões sobre teoria social. Por consequência, também nos permitem observar estruturas que dificultam a expansão do potencial explicativo das ciências sociais,

confinando o olhar sociológico a conceitos, narrativas, agendas e objetos que priorizam a experiência de uma parcela pequena da realidade mundial. Observa-se que existe um longo caminho para a construção de uma sociologia verdadeiramente global, capaz de criar espaços de debate equânimes entre regiões do mundo e, conseqüentemente, com chances de fazer circular reflexões teóricas alternativas às narrativas dominantes. Contudo, acredita-se que contribuições como esta, ao apontarem para as dinâmicas de reprodução da divisão internacional do trabalho intelectual, permitam a promoção de novos caminhos e projetos verdadeiramente interessados na construção de alternativas descolonizadas para a ciência social.

BIBLIOGRAFIA

ADESINA, Jimi O. Sociology and Yoruba Studies: epistemic intervention or doing sociology in the 'vernacular'?. **African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie**, v. 6, n. 1, p. 91-114, 2002.

AKIWOWO, Akinsola. Indigenous sociologies: extending the scope of the argument. **International Sociology**, v. 14, n. 2, p. 115-138, 1999.

ALATAS, Hussein. **The Myth of the Lazy Native: A Study of the Image of the Malays, Filipinos and Javanese from the 16th to the 20th Century and Its Function in the Ideology of Colonial Capitalism**. Psychology Press, 1977.

ALATAS, Hussein. Intellectual imperialism: definition, traits, and problems. **Asian Journal of Social Science**, v. 28, n. 1, p. 23-45, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency in the social sciences: Reflections on India and Malaysia. **American Studies International**, v. 38, n. 2, p. 80-96, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003.

ALATAS, Syed Farid. A definição e os tipos de discursos alternativos. **Revista Estudos Históricos**, v. 23, n. 46, p. 225-245, 2010.

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **Sociological Theory Beyond the Canon**. Springer, 2017.

ARCHER, Margaret S. Sociology for one world: unity and diversity. **International Sociology**, v. 6, n. 2, p. 131-147, 1991.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 11, p. 89, 2013.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às ciências sociais**. Ed. UFSC, 2008.

BEIGEL, Fernanda. Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System. **Current Sociology**. 2014.

BRINGEL, Breno; DOMINGUES, José Maurício. TEORIA SOCIAL, EXTROVERSÃO E AUTONOMIA: impasses e horizontes da sociologia (semi) periférica contemporânea. **Caderno CRH**, v. 28, n. 73, 2015.

BURAWOY, Michael; Chang, Mau-kuei & hsieh, Michelle Fei-yu (eds.). **Facing an unequal world: challenges for a global sociology**. 3 vols. Taipei, Academia Sinica. (2010).

BURAWOY, Michael; Facing an unequal world: challenges for a global sociology. (2010b).

BURAWOY, Michael. The last positivist. **Debate on International Sociology**. 2011.

CANAGARAJAH, A. Suresh. **A geopolitics of academic writing**. University of Pittsburgh Press, 2002.

CARDOSO, Fernando `Foreword', *International Sociology* 1(1). (1986).

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependency and development in Latin America (Dependencia y desarrollo en América Latina, engl.)**. Univ of California Press, 1979.

CHAKRABARTY, Dipesh. Postcoloniality and the artifice of history: who speaks for" Indian" pasts?. **Representations**, n. 37, p. 1-26, 1992.

CHAKRABARTY, Dipesh. **Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference**. Princeton University Press, 2009.

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Theory from the South: Or, how Euro-America is evolving toward Africa. In: **Anthropological Forum**. Routledge, 2012. p. 113-131.

CONNELL, Raewyn. **Southern theory: The global dynamics of knowledge in social science**. Allen & Unwin, 2007.

CONNELL, Raewyn. Learning from each other: Sociology on a world scale. **The ISA handbook of diverse sociological traditions**, p. 52-66, 2010.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

COSTA, Sergio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

COSTA, Sergio. Teoria por adição. **Horizontes das Ciências Sociais: Sociologia. São Paulo: ANPOCS**, p. 25-51, 2010.

DA CUNHA, Manuel Palacios et al. **Quem explica o Brasil**. Editora Ufjf, 1999.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo em Lander. **Edgardo (org.) A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais–perspectivas latinoamericanas**, p. 55-70, 2000.

DWYER, Tom. Reflexões sobre a internacionalização da sociologia brasileira. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 1, n. 1, p. 57-88, 2013.

GINGRAS, Yves; MOSBAH-NATANSON, Sébastien. Where are social sciences produced?. **Europe**, v. 47, n. 43.8, p. 46.1, 2010.

GO, Julian. For a postcolonial sociology. **Theory and Society**, v. 42, n. 1, p. 25-55, 2013.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUHA, Ranajit. On some aspects of the historiography of colonial India. 1982.

HANAFI, Sari. Donor community and the market of research production: Framing and de-framing the social sciences. **Facing an Unequal World: Challenges from Sociology**, v. 3, p. 3-35, 2010.

HANAFI, Sari; ARVANITIS, Rigas. The marginalization of the Arab language in social science: Structural constraints and dependency by choice. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, p. 723-742, 2014

HEILBRON, Johan. The social sciences as an emerging global field. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, p. 685-703, 2014.

HIMMELSTRAND, Ulf. The Role of the ISA in Internationalizing Sociology. **Current Sociology**, v. 39, n. 1, p. 85-100, 1991.

HOUNTONDJI, Paulin. Scientific dependence in Africa today. **Research in African Literatures**, v. 21, n. 3, p. 5-15, 1990.

HOUNTONDJI, Paulin J. Producing Knowledge in Africa Today the Second Bashorun MKO Abiola Distinguished Lecture. **African Studies Review**, v. 38, n. 03, p. 1-10, 1995.

HOUNTONDJI, Paulin J. (Ed.). **Endogenous knowledge: Research trails**. African Books Collective, 1997.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.

JACOBS, Jerry A. Journal rankings in sociology: Using the H Index with Google Scholar. 2011.

KEIM, Wiebke. Social sciences internationally: The problem of marginalisation and its consequences for the discipline of sociology. **African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie**, v. 12, n. 2, 2008.

KEIM, Wiebke. Counterhegemonic currents and internationalization of sociology: Theoretical reflections and an empirical example. **International Sociology**, v. 26, n. 1, p. 123-145, 2011.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005.

LAWUYI, Olatunde Bayo; TAIWO, Olufemi. Towards an African sociological tradition: a rejoinder to Akiwowo and Makinde. **International Sociology**, v. 5, n. 1, p. 57-73, 1990.

LAW, John. **After method: Mess in social science research**. Routledge, 2004.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. 2009.

MAIA, João Marcelo E. O pensamento social brasileiro e a imaginação pós-colonial. **Revista Estudos Políticos**, n. 02, 2010.

MAIA, João Marcelo E. Ao Sul da Teoria: A atualidade teórica do pensamento social brasileiro. **Sociedade e estado**, v. 26, n. 2, p. 71-94, 2011.

MAIA, João Marcelo Ehlert; DE BRITO CARUSO, Gabriela. Uma trajetória intelectual periférica: Hussein Alatas e a sociologia autônoma. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 41, 2012.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MARTÍN, Eloísa. **(Re) producción de desigualdades y (re) producción de conocimiento: la presencia latinoamericana en la publicación académica internacional en ciencias sociales.** DesiguALdades. net, Research Network on Interdependent Inequalities in Latin America, 2013.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Ed. UFMG, 2003.

MINAYO, M. **O desafio do Conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde.** 6ª ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MOHANTY, Chandra. Bajo los ojos de occidente. Academia feminista y discurso colonial. **L. Suárez Navaz y A. Hernández (editoras). Descolonizando el Feminismo: Teorías y Prácticas desde los Márgenes,** p. 112-161, 2008.

MONTEIRO NEVES, Fabrício. A contextualização da verdade ou como a ciência torna-se periférica. **Civitas-Revista de Ciências Sociais,** v. 14, n. 3, 2014.

NYOKA, Bongani. **Sociology curriculum in a South African university: A case study.** 2012.

OMOBOWALE, Ayokunle Olumuyiwa et al. Peripheral scholarship and the context of foreign paid publishing in Nigeria. **Current Sociology,** v. 62, n. 5, p. 666-684, 2014.

ONYEONORU, Ifeanyi P. Challenges of doing sociology in a globalizing South: Between indigenization and emergent structures. **Facing Unequal World: Challenges for a Global Sociology,** p. 268-281, 2010.

OOMMEN, T. K. Internationalization of sociology: A view from developing countries. **Current sociology,** v. 39, n. 1, p. 67-84, 1991.

PATEL, Sujata (Ed.). **The ISA handbook of diverse sociological traditions.** Sage, 2009.

PATEL, Sujata. The Challenge of Doing Sociology Today. **Economic & Political Weekly,** v. 51, n. 46, p. 33, 2016.

PINTO, Angelo C.; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. Fator de impacto de revistas científicas: qual o significado deste parâmetro?. 1999.

PLATT, Jennifer. **A Brief History of the ISA: 1948-1997**. International Sociological Association, 1998.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

ROSA, Marcelo C. A África, o Sul e as ciências sociais brasileiras: descolonização e abertura. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 2, p. 313-321, 2015.

ROSA, Marcelo C. Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences. **Current Sociology**, v. 62, n. 6, p. 851-867, 2014.

ROSA, Marcelo C. Sociologies of the South and the actor-network-theory: Possible convergences for an ontoformative sociology. **European journal of social theory**, v. 19, n. 4, p. 485-502, 2016.

SAID, Edward. Orientalism. 1978. **New York: Vintage**, v. 199, 1979.

SANTOS, José Vicente Tavares; As Metodologias Informacionais: um novo padrão de trabalho científico para as Sociologias do Século XXI ?. **Sociologias**, Porto Alegre , n. 5, p. 16-19, Junho de 2001 .

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

SMOOHA, Sammy. Israeli Sociology's Position in International Sociology and the Challenges It Faces. **Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology**, v. 2, p. 71-86, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.

SULEYMANOV, Abulfaz D. Challenges for Sociology in Azerbaijan. **Facing an Unequal World: Challenges for a Global Sociology**, v. 2, p. 118-25, 2010.

SZTOMPKA, Piotr. One sociology or many?. **The ISA handbook of diverse sociological traditions**, p. 21-28, 2009.

SZTOMPKA, Piotr. Another sociological utopia. **Debate on International Sociology**. 2011.

UNESCO. **World Social Science Report 2010**. Paris: UNESCO Publishing. 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel et al. Open the social sciences. **Report of the Gulbenkian**, 1995.

WALSH, Catherine. ¿ Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras?. **Reflexiones**, 2007.